

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ- REITORIA DE PESQUISA E PÓS- GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM, IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE
LINHA DE PESQUISA: PLURALIDADE, IDENTIDADE E ENSINO

**MEMÓRIA(S) NA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO SERRA DO
APON-PR: ALGUMAS FORMAS DE NARRAR A VIDA**

PONTA GROSSA- PR

2018

SUZIMARA FERREIRA DE SOUZA

**MEMÓRIA(S) NA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO SERRA DO
APON-PR: ALGUMAS FORMAS DE NARRAR A VIDA**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Ponta Grossa, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre junto ao Programa de Pós-Graduação *Strictu-Sensu* em Estudos da Linguagem, área de concentração Linguagem, Identidade e Subjetividade. Linha de Pesquisa: Pluralidade, Identidade e Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Ione da Silva Jovino

PONTA GROSSA-PR

2018

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

S729 Souza, Suzimara Ferreira de
Memória(s) na comunidade remanescente
de Quilombo Serra do Apon-PR: algumas
formas de narrar a vida/ Suzimara Ferreira
de Souza. Ponta Grossa, 2018.
107f.

Dissertação (Mestrado em Estudos da
Linguagem - Área de Concentração:
Linguagem, Identidade e Subjetividade),
Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ione da Silva
Jovino.

1.Dialogicidade. 2.Imagens. 3.Memórias.
4.Narrativas. 5.Serra de Apon. I.Jovino,
Ione da Silva. II. Universidade Estadual
de Ponta Grossa. Mestrado em Estudos da
Linguagem. III. T.

CDD: 801

**MEMÓRIA(S) NA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO SERRA DO
APON-PR: ALGUMAS FORMAS DE NARRAR A VIDA**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial de avaliação, para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de Linguagem, Identidade e Subjetividade.

Ponta Grossa, 04 de abril de 2018.

Profa. Dra. Ione da Silva Jovino (UEPG)

Orientadora

Profa. Dra. Ana Cristina Juvenal da Cruz (UFSCar)

Membro Efetivo Externo

Profa. Dra. Clóris Porto Torquato (UEPG)

Membro Efetivo Interno

AGRADECIMENTOS

Enfim, o momento da entrega de um ciclo de reflexões e problematizações que fluíram no movimento do tempo e nas alternâncias das estações ao longo do ano. Alternâncias significativas, nas quais, existe uma beleza e um desconforto específico no movimento do tempo e em cada narrativa registrada, incluindo as minhas e o presente texto intentou registrar todo esse fluxo. Posto isso, **Entrego**.

Confio, que muitas vezes o movimento desse tempo ocorre desregrado muito semelhante a nossa constituição de memórias. **Aceito**, que em perspectiva subjetivamente poética as mudanças das estações do ano, assim como, nossas memórias não seguem um ciclo métrico, sistemático ou predominantemente confortável, mas sim “desregulado” no qual registramos momentos, sensações, emoções e fatos que nos afetam em alguma medida. E, por fim, **Agradeço**. Agradecer, talvez seja a melhor parte...

Primeiramente, agradeço a existência pelas inúmeras possibilidades de conhecer, ter experiências e conseqüentemente ser. A construção desse trabalho me mostrou que até mesmo o compartilhar das memórias se constitui motivo de gratidão, pois, dessa forma entendemos o sentido da constituição de memórias dos outros e esse outro é generoso quando compartilha memórias conosco.

E, nesse sentido, agradeço, a todos os sujeitos moradores da Comunidade Remanescente de Quilombo da Serra do Apon, na cidade de Castro-PR, pela prontidão generosa, acolhedora e colaborativa para comigo e para com a ideia da pesquisa. Vocês foram cruciais na produção desse trabalho. Obrigada!

Agradeço a minha família Marilu, Fabíola, Henrique e Souza por representarem sentimentos de presença (e às vezes de ausência) que marcam as memórias do que e de quem eu sou. Agradeço a meu bichano, Remela, pela presença amiga e tranquila.

Gratidão a Professora Ione, por acreditar em mim e oportunizar o ingresso nesse programa de mestrado, uma oportunidade de inserção nesse universo de pesquisa que me permitiu olhar além do meu mundo. Agradeço a paciência (e falta dela em alguns momentos) em orientar-me, ouvindo minhas dúvidas, conflitos e inseguranças direcionando-me “didática”, “pedagógica” e humanamente no delinear desse trabalho e em minha vida pessoal. Minha admiração e carinho vão além...

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, na área de concentração: linguagem, identidade e subjetividade especificamente na linha de pesquisa: pluralidade, identidade e ensino pelas possibilidades de leituras e aprendizados. Em especial,

agradeço a Vilma, secretária do programa, sempre gentil com todos e disposta a sanar dúvidas referentes aos processos e procedimentos burocráticos a serem cumpridos. Obrigada pelo apoio e carinho.

Aos professores e professoras do programa que em alguma medida contribuíram generosamente com exposições, dicas de leituras, falas e discursos que refletem a pluralidade de conhecimentos e experiências que constituem o corpo docente integrante desse programa. Foi um privilégio associar-se com todos vocês.

À professora Clóris Porto Torquato, pelas contribuições teóricas e metodológicas nesse percurso sempre destacando de maneira sensata, atenta, exigente e gentil o que e como se deve fazer, além disso, registro e expesso minha admiração pessoal pelo seu conhecimento e postura. Á professora Ana Cristina Juvenal da Cruz, pelas contribuições significativas na Banca de Qualificação, destacando elementos importantes no diálogo que propus fazer acerca de imagem-tempo-memória. Obrigada pelas indicações de leituras e direcionamentos cruciais em relação ao tema trabalhado. Agradeço às professoras, por aceitarem compor essa banca, mesmo com o tempo corrido e com as limitações que isso poderia acarretar.

Aos colegas com os quais cursei as disciplinas obrigatórias, sem eles não haveriam discussões e reflexões tão produtivas e diversificadas. Em especial, agradeço a Daiane pela empatia, companheirismo e auxílio durante o curso e no processo ligado ao Comitê de Ética em Pesquisa da CAPES. Atenção e parceria fundamentais durante esse período, obrigada!

Agradeço aos professores (as) Carlos Ricardo Grokorriski, Donizeti Pessi, Anália Maria de Fátima Costa e Rudnei de Abreu pela confiança, incentivo e oportunidades profissionais nessa “vida acadêmica”.

Agradeço a todos os funcionários e colaboradores da Universidade Estadual de Ponta Grossa por integrarem esse espaço que oportuniza formação, qualificação, construção e socialização de conhecimento.

Maravilha-te memória(s)! Agora registradas por algumas e algumas estações do tempo.

RESUMO

A presente dissertação integra o Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e intenta compreender como a memória dos sujeitos pertencentes à CRQ- Serra do Apon, região localizada no interior de Castro-PR, está representada a partir das narrativas orais e visuais produzidas pelo olhar desses sujeitos. Para refletir sobre a relação tempo e memória, utilizamos os autores Maurice Halbwachs (2013) e Pierre Nora (1993). A partir da ideia de que toda narrativa, nas mais diferentes formas de linguagem produz uma história, encontramos suporte no pensamento de Paul Ricoeur (1990) para o qual toda história é narrativa. Para tecer as narrativas de memórias individuais que se confundem com as memórias coletivas e a própria história da comunidade negra utilizamos Kabengele Munanga (1994) articulado ao pensamento sábio e poético de Hampaté Bâ (2003, 2010), autor que discute a relevância da palavra para as heranças da matriz africana. Consideramos, também, autores como Clóvis Moura (1981) e Abdias de Nascimento (1980, 2003) para tratar das questões de território negro, formação e constituição de quilombo. Assim como Lélia Gonzalez (1982) e Eduardo de Oliveira (1977) entre outros autores fundamentais na reflexão sobre a organização social, política, econômica, cultural e intelectual do negro no Brasil. Conceituamos o evento comunicativo da narrativa como um tecido estruturado que comunica, preserva e imprime sentido a uma determinada sociedade, considerando um contexto histórico e temporal específico a partir do pensamento de Marcuschi (2008). Constatamos como essa ideia efetiva-se nas narrativas apresentadas pelos sujeitos pesquisados na Comunidade Remanescente de Quilombo Serra do Apon. Dentro dessas narrativas estão presentes os aspectos orais nos relatos e histórias comunicativas de vida e os aspectos visuais, as fotografias produzidas pelos sujeitos participantes da pesquisa, tratadas como registros de memórias que fogem as palavras, plasmando imagens que, por sua vez, exigiram uma adequação interpretativa dentro da pesquisa. A metodologia, na qual este trabalho está construído, permite interpretar imagens, mas nos respaldamos também na interpretação crítica que considera os papéis e as funções sociais além das relações de poder, pelas quais esses papéis e funções possam estar vinculados desconsiderando o senso do gosto, da apreciação e do prazer. Para isso, fora utilizado a cultura visual na perspectiva de Fernando Hernandez (2000). Nosso percurso metodológico seguiu algumas técnicas etnográficas participativas, não considerando a etnografia em sua totalidade e utilizamos a Metodologia Comunicativo – Crítica (MCC) pautada nos pensamentos de Jürgen Habermans (1987) acerca da Ação Comunicativa e no conceito de Dialogicidade proposto por Paulo Freire (1994, 2005) que assumiu a função ora de método ora de metodologia na estruturação de toda a pesquisa. Para compreender todos os aspectos presentes no trabalho, utilizamos autores como Carmem Lúcia Guimarães de Mattos (2011), Clifford Geertz (1989), Fabiana Marine (2010), José Gómez (2006), Rafael Bisquerra (2004), Roseli Rodrigues de Mello (2010), Sillionara Aparecida Madureira (2015), Vanessa Gabassa (2010) e entre outros. A aplicação das técnicas e da metodologia foi favorável não apenas a leitura e análise do conteúdo das narrativas – orais e visuais – mas representaram também a compreensão do processo de formação social, política, econômica e cultural dessa comunidade. Não propomos um resgate da história e da memória desses sujeitos, mas sim o registro das possibilidades de ver, imaginar, interpretar e ressignificar as formas de narrar a vida apresentadas por esses sujeitos.

Palavras-chave: Dialogicidade. Imagens. Memórias. Narrativas. Serra de Apon.

ABSTRACT

This dissertation is part of the Postgraduate Program in Language Studies of the Ponta Grossa State University (UEPG) and aims to understand how the memory of the subjects belonging to CRQ-Serra do Apon, a region located in the interior of Castro-PR, is represented by the oral and visual narratives produced by the subjects' gaze. To reflect on the relation time and memory, we use authors Maurice Halbwachs (2013) and Pierre Nora (1993). From the idea that all narrative, in the most different forms of language produce a history, we find support in Paul Ricoeur's (1990) thought for which all history is narrative. In order to weave the narratives of individual memories that are confused with the collective memories and the own history of the black community we use Kabengele Munanga (1994) articulated to the thought wise and poetic of Hampaté Bâ (2003, 2010), author who discusses the relevance of the word for the inheritances of the African matrix. We also consider authors such as Clóvis Moura (1981) and Abdias de Nascimento (1980, 2003) to deal with issues of black territory, formation and formation of quilombo. Like Lélia Gonzalez (1982) and Eduardo de Oliveira (1977) among other fundamental authors in the reflection on the social, political, economic, cultural and intellectual organization of the Negro in Brazil. We conceptualize the communicative event of the narrative as a structured fabric that communicates, preserves and impresses meaning to a determined society, considering a specific historical and temporal context from Marcuschi's (2008) thought. We verified how this idea is effective in the narratives presented by the subjects surveyed in the Quilombo Serra do Apon Community. Within these narratives are present the oral aspects in the communicative stories and histories of life and the visual aspects, the photographs produced by the subjects participating in the research, treated as records of memories that flee from the words, shaping images that, in turn, demanded an adequacy within the research. The methodology, in which this work is constructed, allows us to interpret images, but we also support the critical interpretation that considers social roles and functions beyond the relations of power, by which these roles and functions can be linked, disregarding the sense of taste, of appreciation and pleasure. For this, visual culture was used in the perspective of Fernando Hernandez (2000). Our methodological course followed some participatory ethnographic techniques, not considering the ethnography in its totality and we use the Communicative - Critical Methodology (MCC) based on the thoughts of Jürgen Habermans (1987) on Communicative Action and on the concept of Dialogicity proposed by Paulo Freire (1994) , 2005), who assumed the role of method ora methodology in the structuring of all research. To understand all the aspects present in the work, we use authors such as Carmem Lúcia Guimarães de Mattos (2011), Clifford Geertz (1989), Fabiana Marine (2010), José Gómez (2006), Rafael Bisquerra (2004), Roseli Rodrigues de Mello 2010), Sillionara Aparecida Madureira (2015), Vanessa Gabassa (2010) and others. The application of the techniques and methodology was favorable not only to reading and analyzing the content of the narratives - oral and visual - but also represented an understanding of the social, political, economic and cultural formation process of this community. We do not propose a rescue of the history and memory of these subjects, but rather the record of the possibilities of seeing, imagining, interpreting and re-signification the ways of narrating life presented by these subjects.

Keywords: Dialogicity. Images. Memoirs. Narratives. Serra de Apon.

RESUMEN

Esta disertación de maestría forma parte del Programa de Postgrado en Estudios del Lenguaje, de la Universidad Estatal de Ponta Grossa (UEPG) y intenta comprender como la memoria de los sujetos que pertenecen a la CRQ- Serra do Apon, región ubicada en el interior de Castro- PR, es representada a partir de las narrativas orales y visuales producidas por los puntos de vida de esos sujetos. Para reflejar sobre la relación tiempo y memoria, utilizamos los autores Maurice Halbwachs (2013) y Pierre Nora (1993). A partir de la idea de que toda narrativa, en sus respectivas formas de lenguaje producen una historia, encontramos soporte en el pensamiento de Paul Ricoeur (1990), lo cual toda la historia es narrativa. Para tejer las narrativas de memorias individuales que se les confunden con las memorias colectivas y la propia historia de la comunidad negra, utilizamos Kabengele Munanga (1994) desarrollándose al pensamiento sabio y poético de Hampaté Bâ (2003, 2010), autor que discute acerca de la importancia de la palabra para las herencias de la matriz africana. Consideremos también autores como Clóvis Moura (1981) y Abdias de Nascimento (1980, 2003) para discutir sobre las cuestiones de territorio negro, formación y constitución de quilombo. Así como Lélia Gonzalez (1982) y Eduardo de Oliveira (1977) entre otros autores fundamentales en la reflexión acerca de la organización social, política, económica, cultural e intelectual del negro en Brasil. Conceptuamos el evento comunicativo de la narrativa como un tejido estructurado que comunica, preserva e imprime sentido a una determinada sociedad, considerando a un contexto histórico y temporal específico a partir del pensamiento de Marcuschi (2008). Constatamos como esa idea efectivase en las narrativas presentadas por los sujetos pesquisados en la Comunidad Remaneciente de Quilombo Serra do Apon. Dentro de esas narrativas están presentes los aspectos orales en los relatos y historias comunicativas de la vida y los aspectos visuales, las fotografías producidas por los sujetos que participaron de esa pesquisa, que son tratadas como registros de la memoria que huyen las palabras, destacando imágenes, que por su vez, exigieron una adecuación interpretativa en la pesquisa. La metodología, en la cual este proyecto se constituye, permite interpretar imágenes, sin embargo nos respaldamos también en la interpretación crítica que considera los papeles y las funciones sociales además de las relaciones de poder, por las cuales esos papeles y funciones puedan vincularse, desconsiderando el seso de gustar, de la apreciación y del placer. Para eso, fueron utilizado la cultura visual e la perspectiva de Fernando Hernandez (2000). Nuestro camino metodológico siguió algunas técnicas etnográficas participativas, no considerando la etnografía en su totalidad y utilizamos la Metodología Comunicativo Crítico (MCC) que se respalda en los pensamientos de Jürgen Habermans (1987) acerca de la Acción Comunicativa y en el concepto de *Dialogicidade* propuesto por Paulo Freire (1994, 2005) que asumió la función de ora método ora metodología en la estructuración de la pesquisa. Para comprender todos los aspectos manifiestos en el trabajo, utilizamos autores como Carmem Lúcia Guimarães de Mattos (2011), Clifford Geertz (1989), Fabiana Marine (2010), José Gómez (2006), Rafael Bisquerra (2004), Roseli Rodrigues de Mello (2010), Sílionara Aparecida Madureira (2015), Vanessa Gabassa (2010) y entre otros. La aplicación de las técnicas y de la metodología fue favorable no sólo a la lectura y análisis del contenido de las narrativas- orales y visuales- sin embargo representan también la comprensión del proceso de la formación social, política, económica y cultural de esa comunidad. No proponemos un rescate de la historia y de la memoria de esos sujetos, pero sí el registro de las posibilidades de ver, imaginar, interpretar y resignificar las formas de narrar la vida presentadas por esos sujetos.

Palabras clave: Dialogicidade. Imágenes. Memorias. Narrativas. Serra de Apon.

SUMÁRIO

NAS TESSITURAS EM FRAGMENTOS DE MEMÓRIA (S): APRESENTAÇÃO E INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1- CONHECENDO OS “FRAGMENTOS”: O PERCURSO DA PESQUISA....	19
1.1 O processo de estruturação da pesquisa.....	19
1.2 Algumas formas de narrar a vida.....	28
1.3 O contexto da pesquisa: a Comunidade Remanescente de Quilombo Serra do Apon.....	34
CAPÍTULO 2- POSSIBILIDADES DE CONEXÃO ENTRE OS “FRAGMENTOS”: CONCEPÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....	42
2.1 Metodologia e caracterização de seus elementos.....	43
2.2 Pesquisa do tipo etnográfica, qualitativa e participativa.....	43
2.3 Metodologia Comunicativo– Crítica (MCC)	51
2.4 Cultura visual.....	56
CAPÍTULO 3- TECENDO FRAGMENTOS, TECENDO LEMBRANÇAS: OS FIOS DAS NARRATIVAS DE VIDA NO TECIDO DA MEMÓRIA.....	63
3.1 Perfil dos participantes da pesquisa e suas narrativas.....	63
3.2 Narradores (as) e respectivos “fragmentos” de memórias orais.....	68
3.3 Reflexões em torno de “fragmentos” de memórias visuais.....	79
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	92
REFERÊNCIAS.....	98
ANEXO A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (TCLE)	103
ANEXO B- Comprovante de submissão do projeto ao comitê de ética em pesquisa da CAPES.....	105
ANEXO C- Certidão de Auto reconhecimento emitida pela Fundação Palmares.....	107

NAS TESSITURAS DOS FRAGMENTOS DE MEMÓRIA(S): APRESENTAÇÃO E INTRODUÇÃO

Em minhas memórias pensar as estações do ano em seus ciclos de mudanças nas paisagens acaba provocando mudanças nas paisagens existenciais de cada um de nós. De tempos em tempos há uma alteração nas paisagens naturais, externas, que consequentemente afetam nossos humores e afetos, ou seja, afetam nossas paisagens internas.

Ao longo de nossa vida, passamos por ciclos nem sempre explicados pela física, química ou psicologia, mas sim, justificados pela poesia de pensar e sentir esses ciclos, tais mudanças poéticas e sensoriais provocadas pelas estações do ano. As alternâncias das estações ao longo do ano traz a alternância do tempo e essa mudança temporal é significativa por nos mostrar que nesse conjunto de movimento – tempo e estações do ano - existe uma beleza e um desconforto. Em muitas vezes o movimento desse tempo ocorre desregulamente semelhante a nossa constituição de memórias que em perspectiva subjetivamente poética não segue um ciclo métrico, sistemático ou predominantemente confortável, mas sim “desregulado” no qual registramos momentos, sensações, emoções e fatos que nos afetam em alguma medida.

A partir disso e sob uma perspectiva particular, marco a introdução e a apresentação dessa pesquisa com uma breve narrativa de algumas memórias pessoais acerca de cada uma das estações do ano e como o movimento da passagem do tempo me afeta.

Início com a primavera. Ah, o que dizer da primavera! casas, praças, ruas e cidades, coloridas e perfumadas com a beleza das flores, por todos os lados texturas e formas variadas tais como, rosas, girassóis, margaridas, orquídeas, jasmims, hortênsias, helicônias, gérberas, hibiscos, e ainda lágrima-de-cristo, boca-de-leão, crisântemos, frésias, violetas, magnólias, a perfumada dama-da-noite dentre muitas outras. E no tocante a astronomia, a primavera ocorre no equinócio de setembro; momento do ano no qual o dia e a noite possui a mesma duração; 12 horas cada um; ou seja; parece que temos mais tempo. Inevitavelmente nessa estação do ano as reflexões subjetivas tornam-se mais alegres com algumas pinceladas de otimismo.

E como é inútil resistir ao verão afirmando que “detesto dias ensolarados”. Eu que nasci ironicamente no mês de janeiro sinto imenso desconforto ao ter o calor do sol sob minha pele aquecendo, queimando e queimando ao ponto de meus pensamentos virarem cinzas. Entretanto, blasfemar contra o sol é inútil, porque ele brilha é necessário que brilhe, e queima tal qual a consciência que nos faz pensar e (re) pensar a existência a partir das memórias que vamos registrando ao longo do tempo. Fora isso, poderia enumerar vários motivos deste detestar. Por hora, essas cinzas que citei não viram pó, são (re) significadas na próxima estação.

Continuando no verão, pois - em minha memória - essa estação demora a passar, também me lembro da beleza que todo esse calor promove nas paisagens. Gosto de observar o entardecer agitado, o pôr do sol e seus contrastes de cores. Há noites iluminadas de estrelas convidativas a uma caminhada e também convidativas à reflexão, no verão penso relembro muito da vida, chega a cansar.

E ainda há a manifestação de algumas plantas bem específicas dessa estação, são elas as suculentas e os cactos, consideradas símbolos de resistência e permanência. Aparentemente rústicos e espinhentos, contudo algumas delas nos surpreendem nos oferecendo flores somente nessa estação.

Bom, o que falar do outono? Nessa estação do ano os sentimentos são latentes e assemelham-se à latência das sementes. Parece que tudo aquilo que guardamos nas outras estações se esvanecem com os ventos de outono, ora suaves ora intempestivos e aquilo que realmente importa é (re) memorado a fim de brotar uma essência, natureza interior, ou outra coisa qualquer.

Ah! Sim; após algumas reflexões subjetivas, um pouco de alegria, blasfêmias, irritações, resistências, pensamentos desconstruídos e repensados, eis que chega o inverno, período de juntar, fundir os fragmentos do sentido, pensado, vivido e lembrar, talvez, a necessidade do outro.

No inverno, o ciclo da estação do ano que particularmente considero especial, há um turbilhão de sensações desconstruídas que os ventos gélidos e a rotineira neblina molhada provocam-me uma inexplicável felicidade. O inverno traz um aparente convite ao isolamento, entretanto é o período em que a maioria das pessoas percebe a ausência frequente de outros, a introspecção em si mesmo, memórias aquecidas por roupas e acessórios que possam aquecer. Há ausência do outro se torna presente e já observei que isso causa desconforto para a maioria das pessoas. Há dias de inverno em que apenas o movimento da existência e a perturbação dos pensamentos aquecem-me o corpo. E a sensação? Admito: é fantástica!

Nessa estação volto minha atenção às cores, aos trejeitos, à névoa das manhãs e das tardes que embaralham a visão nos permitindo brincar de esconde e esconde. E claro, impossível não registrar as não menos fascinantes reclamações de inverno. Nesse período, também, há uma espécie de prova de sobrevivência e superação do lidar consigo mesmo, estar mais recluso, quieto, aquecendo e queimando internamente a memória de tempos de outrora.

Talvez nosso leitor esteja sentindo alguma estranheza ao ler uma narrativa com traços literários na introdução de um texto acadêmico. Entretanto, fizemos questão de introduzir nossa temática exemplificando com algumas memórias pessoais relacionadas ao tempo, e acreditamos que diante a leitura do texto algumas imagens foram formadas na mente de nosso leitor, afirmando

assim, um de nossos principais pressupostos na construção desta pesquisa, a ideia de que imagem-tempo-memória são indissociáveis.

Antecipamos que apesar de tecermos algumas reflexões sobre a memória nos parece que essa se apresenta como uma teia, um emaranhado de tempo e imagens que se alternam na dinâmica existencial. A proposta de produzir um texto de apresentação diferente, que registrasse a complexidade do tema abordado a partir do tripé imagem-tempo-memória e suas respectivas reflexões dentro de um território negro, que é a Comunidade Remanescente de Quilombo Serra do Apon, concretiza-se na percepção da dinâmica entre tempo e memória, tal qual, a produção de hoje e amanhã na breve narrativa sobre as estações do ano.

A percepção do tempo entre os moradores da comunidade ocorre interligada com as mudanças das estações do ano por dependerem dessas mudanças para trabalhar, estudar, plantar e colher. Enfim, o movimento do tempo presente nas estações do ano define a forma de sobrevivência dessa comunidade.

Neste momento do trabalho explico minhas escolhas verbais, optei por mesclar, ou melhor, alternar a primeira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural ao longo da escrita no texto de pesquisa.

Acredito que utilizar a primeira pessoa do singular é um gesto de empoderamento discursivo, demonstra domínio daquilo que se diz, no entanto esta não é exatamente a ideia que pretendo passar ao utilizar essa voz. Trata-se de imprimir uma identidade na escrita e evidenciar a interação entre “objeto” pesquisado e pesquisador, pois o pesquisador é o agente principal na geração e análise dos dados. Os dados são gerados e mediados pelo instrumento humano, ou melhor, o olhar do pesquisador. De acordo com os pesquisadores Silveira e Córdova (2009), o cientista ao mesmo tempo é sujeito e objeto de suas pesquisas, isto é, a pesquisa se desenvolve com caráter imprevisível, porque o conhecimento do pesquisador é limitado em alguns casos e circunstâncias insuficiente para a interpretação. Dessa forma justifico o uso da primeira pessoa do singular.

Em contrapartida, utilizar a primeira pessoa do plural expressa minha intenção de registrar uma voz coletiva, representando as muitas vozes que contribuíram para a construção deste trabalho. As relações intersubjetivas estabelecidas com diferentes sujeitos durante esses dois anos possibilitaram a escrita da presente pesquisa, que por sua vez, intenta compreender como se apresenta a memória da Comunidade Remanescente de Quilombo Serra do Apon a partir das narrativas de seus integrantes. Tratar de memória, por si, consiste em uma temática complexa que foi e é problematizada por diversas áreas do conhecimento, tais como a Antropologia, a Filosofia, a História, a Geografia, a Linguagem dentre outras. Abordar esse tema surge do meu incômodo

pessoal em relação a esse “universo fragmentado”, entendido como memória, que permeia e, às vezes, determina a constituição do que somos como indivíduos ou coletividade.

No que tange à comunidade pesquisada, observamos que todo o processo de surgimento, construção, desenvolvimentos concretos e simbólicos são permeados pelas memórias narradas por seus integrantes. Talvez, para alguns pareça óbvio que somos resultado de uma sucessão de memórias, contudo compreender esses fragmentos é compreender a si mesmo, bem como, um contexto específico.

No primeiro capítulo, **Conhecendo os “fragmentos”: o percurso da pesquisa** enumeramos os fragmentos que compõem o nosso trabalho, a comunidade e os sujeitos pesquisados, e, além disso, refletimos sobre algumas formas de narrar a vida e a estruturação do percurso de pesquisa.

No segundo capítulo denominado **Possibilidades de conexões entre os “fragmentos”: concepções teórico-metodológicas as concepções teórico-metodológicas**, intentamos conectar os fragmentos levantados com nossa pesquisa e caracterizamos a Metodologia Comunicativo – Crítica (MCC) utilizada por nós como metodologia e método. Explicamos nosso tipo de pesquisa e os instrumentos para a coleta e geração de dados.

Finalmente, no capítulo três, sob o título de **Tecendo fragmentos, tecendo lembranças: os fios das narrativas de vida no tecido da memória**, a análise dos dados gerados é sistematizada a fim de responder nosso principal problema de pesquisa, que consiste em compreender a configuração de memória na referida comunidade. Pautando-nos na MCC apresentamos e descrevemos as narrativas orais e visuais sob a perspectiva da ideia de memória por nós discutida em itens anteriores. Configurando assim, uma teia de fragmentos interconectados que acreditamos configurar a memória dos sujeitos integrantes da CRQ-Serra do Apon.

Na sequência finalizamos o texto com **Algumas considerações** sobre o tema abordado, os resultados alcançados e questões que envolvem a comunidade pesquisada.

Meu objetivo nesta pesquisa consiste em compreender como está construída a memória dos sujeitos pertencentes à Comunidade Remanescente de Quilombo Serra do Apon, este objetivo ecoa na compreensão dos modos em viver, “criar”, sonhar, imaginar, desejar e resistir que acabam configurando memórias. A pesquisa justifica-se não pela intenção de resgatar memórias, mas sim pela possibilidade de ver, imaginar, interpretar e ressignificar as formas de narrar a vida produzidas pelo olhar desses sujeitos. Para realizar este objetivo utilizamos as narrativas orais – as falas e as histórias contadas pelos moradores da comunidade - e as narrativas visuais – constituídas por imagens fotográficas produzidas pelos sujeitos pertencentes a esse território.

Nosso foco consiste na construção da memória e procuramos problematizar em torno dela. Gosto de pensar a memória como “o jardim da inteligência”, contudo esse jardim não é geométrico e tranquilamente planejado, mas sim difuso, múltiplo, com cultivos “variados” que denominamos como “fragmentos”, aos quais procuramos conectar e significar ao longo do trabalho. Registramos uma preocupação em tratar de forma cuidadosa as questões envolvendo identidades, saberes e formas de narrar a vida, além de manter o olhar crítico e atento no que tange aos preconceitos, as repressões, aos conflitos e aos variados aspectos de desigualdades apresentados pelos participantes da pesquisa no processo de geração dos dados analisados.

Consideramos que por ser um território negro, a Comunidade Remanescente de Quilombo Serra do Apon se destaca na região, a qual está situada tanto pelo seu protagonismo de constituição geográfica e histórica como por representar um espaço histórico para a memória e a história afro-brasileira.

Perante isso, as teorias que dão suporte ao trabalho foram acessadas gradativamente com as experiências em campo, posto que eu – a pesquisadora proponente da pesquisa – não detinha a dimensão do que era e do que foi tratar das memórias de uma comunidade remanescente de quilombo.

Sendo assim, para refletir sobre a relação tempo e memória, utilizamos os autores Maurice Halbwachs (2013) e Pierre Nora (1993). A partir da ideia de que toda narrativa, nas mais diferentes formas de linguagem produzem uma história, encontramos suporte no pensamento de Paul Ricoeur (1990) para o qual toda história é narrativa. Para tecer as narrativas de memórias individuais que se confundem com as memórias coletivas e a própria história da comunidade negra, utilizamos Kabengele Munanga (1994), conectamos essas explanações com o pensamento articulado e poético de Hampaté Bâ (2003, 2010), autor que discute a relevância da palavra para as heranças da matriz africana.

Também consideramos autores como Clóvis Moura (1981) e Abdias de Nascimento (1980, 2002) para tratar das questões de território negro, formação e constituição de quilombo. Assim como Lélia Gonzalez (1982) e Eduardo de Oliveira (1977) entre outros autores fundamentais na reflexão sobre a organização social, política, econômica, cultural e intelectual do negro no Brasil.

Conceituamos o evento comunicativo da narrativa como um tecido estruturado que comunica, preserva, imprime sentido a uma determinada sociedade considerando um contexto histórico e temporal específico a partir do pensamento de Marcuschi (2008). Constatamos como essa ideia efetiva-se nas narrativas apresentadas pelos sujeitos pesquisados na Comunidade Remanescente de Quilombo Serra do Apon.

Dentro dessas narrativas estão presentes os aspectos visuais, as fotografias, produzidas pelos sujeitos participantes da pesquisa e tratadas como registros de memórias que fogem às palavras e plasman imagens. O elemento fotografia exigiu uma adequação interpretativa, apesar da metodologia na qual este trabalho se respalda que permitiu interpretar as imagens, optamos por complementar a interpretação de forma crítica, considerando os papéis e as funções sociais além das relações de poder pelas quais esses papéis e funções podem estar vinculados, desconsiderando o senso do gosto, da apreciação e do prazer. Para isso, utilizamos o suporte da cultura visual na perspectiva de Fernando Hernandez (2000).

Nosso percurso metodológico seguiu algumas técnicas etnográficas participativas, não considerando a etnografia em sua totalidade e utilizamos a Metodologia Comunicativo – Crítica (MCC), que assumiu a função ora método ora metodologia na estruturação de toda a pesquisa.

Para compreender esses aspectos, utilizamos autores como Rafael Bisquerra (2004), Fabiana Marine (2010), Vanessa Gabassa (2010), Roseli Rodrigues de Mello (2010), José Gómez (2006), Sillionara Aparecida Madureira (2015), Carmem Lúcia Guimarães de Mattos (2011), entre outros autores lidos que contribuíram para a ampliação do conhecimento sobre os temas tratados, provocando reflexões, despertando criticidade, permitindo crescimento teórico e refletindo positivamente na visão de mundo da proponente deste trabalho.

Tratando-se de pesquisa, o processo de considerar a perspectiva dos sujeitos pesquisados de forma fidedigna provoca o pesquisador a deslocar o seu olhar a fim de ver na perspectiva do outro uma determinada realidade. Diante tudo isso, acreditamos que as interpretações e as análises das produções de narrativas geradas pela perspectiva dos sujeitos participantes de nossa pesquisa, proporcionará um panorama de como se constitui a memória desses sujeitos e consequentemente dessa comunidade.

Retomando Paul Ricoeur (1990) ao considerar que “toda história é narrativa”, acreditamos que as histórias contadas pelos sujeitos pertencentes à CRQ – Serra do Apon possibilitaram intercambiar o diálogo entre experiência e consciência. Essas formas de narrar a vida que foram geradas pelos próprios integrantes da comunidade que propomos estudar nos possibilitou compreender a constituição de memória dos mesmos e, consequentemente o seu contexto.

Nos séculos XVII, XVIII e XIX a sociedade paranaense atraiu e absorveu parte da mão de obra e dos conhecimentos de pessoas que na condição de cativos foram traficados do Continente Africano. Conduzidos em condições de vida precárias e violentas em porões de navios negreiros constituíram a principal força produtiva nesse estado desde o setecentos.

Após a proclamação da Lei Áurea em 1888, parte significativa dos egressos da escravidão secular esteve envolvida na discriminação racial, relacionada às teorias racialistas do século XIX e

XX, além de sua mão de obra não ser absorvida no mercado de trabalho por falta de amparo constitucional, as histórias de lutas e resistências marcaram as experiências das inúmeras etnias negras que vieram do continente africano em terras brasileiras.

A ideia de que no estado do Paraná quase não houve escravidão permeia a região na qual a presente pesquisa fora realizada e trataremos desse assunto em um outro momento de nosso trabalho. Bem, sobre a escravidão no Paraná há um percentual significativo de escravizados em relação à população geral do estado que no período de 1798 a 1854 variava em torno de 17%. Segundo Eduardo Spiller Pena (2002), a partir de 1874 houve uma alteração deste percentual em função de falecimentos, das migrações interprovinciais, das cartas de alforria e da proibição do tráfico Atlântico em 1850.

Sendo assim, é pertinente assinalar que houve escravidão no estado do Paraná e relaciona-se tanto com a experiência histórica da escravidão como com o preconceito racial, posto que a região pesquisada – a Comunidade Remanescente de Quilombo Serra do Apon – está localizada nas proximidades de uma comunidade de imigrantes holandeses, hegemonicamente brancos, fato que nos permitiria inúmeras reflexões fundamentais em torno de racismo e processos de resistências.

A história do Brasil é contada pela perspectiva do branco, para brancos e pelos brancos, exatamente como toda sua estrutura econômica, sócio-cultural, política e militar usufruída por uma população branca/brancóide, como nos afirma Abdias do Nascimento (1980) em sua obra *Quilombismo*. Essa obra configura-se referencial básico de uma proposta de mobilização política da população afrodescendente nas Américas com base em experiências históricas e culturais vivenciadas por esse pesquisador, a partir disso Nascimento propõe um Brasil multiétnico e pluricultural.

A presença e a persistência da cultura africana no Brasil não aconteceram de forma pacífica e harmoniosa, tão pouco foi uma atitude de benevolência da população branca colonizadora para como a população negra, o que de fato ocorreu foram resistências permanentes dos povos negros em terras brasileiras e um desses símbolos de resistência são os quilombos.

No entanto, nossa pesquisa, ao menos nesse momento, segue o viés tão denso e complexo como esse tema que é problematizar a constituição de memórias de sujeitos remanescentes de quilombos marcados, em alguma medida, por esse processo histórico de resistência. Como ficam ou o que fica desse período nas memórias daqueles que hoje vivem em comunidades remanescentes de quilombos como a localizada na Serra do Apon no município de Castro-PR.

A figura 1 apresenta o Estado do Paraná e as respectivas comunidades certificadas e não certificadas. Ora, se há comunidades, espaços que representaram a resistência em todo o estado e somos levados à certeza de que houve significativa presença da escravidão no estado em questão.

Oliveira, compreendi a diferença entre as denominações e segue o compartilhamento dessa informação. Na figura 1 foi utilizado o termo Comunidade Remanescente de Quilombo representado pela sigla CRQ, termo que é utilizado no presente trabalho e designa uma categoria social mais recente. Com relevante representatividade social no meio rural brasileiro, ressignificando, renomeando as comunidades negras rurais (localizadas no sul e sudeste de nosso território) e as comunidades das terras de preto (situadas mais ao norte e nordeste do país). Essas regiões começaram a penetrar ao meio urbano, configurando outra realidade de ocupação a esses espaços, por exemplo, antigas comunidades negras rurais são atingidas pelo crescimento dos perímetros urbanos ou, em alguns casos, bairros no entorno dos terreiros de candomblé. A principal característica consiste em serem grupos étnico-raciais detentores de uma trajetória histórica própria, com relações territoriais específicas e vínculos com a ancestralidade negra relacionada à resistência e à opressão histórica sofrida, sua caracterização deve ser dada segundo critérios de auto atribuição atestada pelas próprias comunidades.

Já as Comunidades Quilombolas são conquistas das comunidades afrodescendentes do Brasil, resultado de resistências e lutas à opressão instaurada com o sistema escravagista que existiu no Brasil colônia. Essas comunidades são constituídas por negros vindos de antigos quilombos de escravos refugiados e o estabelecimento da maioria das comunidades ocorreu em terras derivadas de heranças, doações, pagamento em troca de serviços prestados ou compra de terras, considerando tanto a vigência do sistema escravocrata como após sua abolição. Apesar de seus efeitos ainda estarem presentes em nossa sociedade transpassando as relações socioculturais, o sistema escravagista foi vigente em nosso país até 1888.

Pode-se afirmar que a temática em torno da presença negra na constituição do estado do Paraná ainda é marginal inclusive para a historiografia contemporânea, que por sua vez aplica um tratamento diferente daquele que é dado pelos livros e mesmo por outros veículos de comunicação, como jornais e informativos que priorizam e tratam os imigrantes europeus com destaque na formação da região que pesquisamos.

CAPÍTULO 1- CONHECENDO OS “FRAGMENTOS”: O PERCURSO DA PESQUISA

1.1 O processo de estruturação da pesquisa

Esta pesquisa foca uma comunidade de remanescentes de quilombos na região da Serra do Apon a 60 quilômetros da sede do município de Castro-PR que, por sua vez, consistiu em um refúgio para indivíduos ausentes de discurso e memória oficial à época.

Essas constatações se transformaram, há algum tempo, em incômodo intelectual, motivando a realização de pesquisas sobre algumas experiências do processo de escravização no Paraná, especificamente na região de Castro-PR. Nesse sentido, inúmeras pesquisas vêm ao encontro das possibilidades de conectar os fragmentos centrais de nossa problematização sendo eles imagem, narrativas, tempo e memórias. Nosso objetivo principal que consiste em compreender como se configura a memória dos sujeitos pertencentes à CRQ – Serra do Apon a partir das imagens e das narrativas produzidas pelo olhar desses sujeitos.

Como existem inúmeros conceitos acerca de memória, assim como muitas possibilidades de perceber o tempo, que por sua vez, são registrados em múltiplas narrativas deparamo-nos com muitas pesquisas que enfatizam diferentes perspectivas em torno das temáticas mencionadas. Essas pesquisas concentram-se principalmente nas áreas de História, Geografia e Antropologia, contemplando o processo de escravidão e formação de núcleos de resistência, os quilombos que atualmente são certificados e amparados legalmente por leis governamentais vigentes em nosso país.

Considerando a Comunidade Remanescente de Quilombo (CRQ) Serra do Apon, encontramos trabalhos focados em aspectos etnoculturais, ecológicos, saberes populares (como a benzedura) e ainda sobre agricultura familiar de subsistência. Contudo, poucos são os registros acerca da construção das memórias desses sujeitos, principalmente sob a perspectiva de seus próprios olhares.

Por esta razão, consultamos o banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), portais como o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), portal oficial do Grupo de Estudos Multidisciplinar da Ação Afirmativa (GEMAA). Pesquisamos ainda trabalhos relacionados aos temas mencionados anteriormente no Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas da Universidade Estadual de Ponta Grossa (SEER-UEPG), além de consultar ao banco de teses e dissertações online dos Programas de Pós-Graduação da UEPG, Mestrado e Doutorado em diferentes áreas do conhecimento.

Registramos que optamos pela revisão de literatura narrativa, porque ela apresenta possibilidades mais abertas ao compararmos com a revisão sistemática, como dificilmente parte de

uma pergunta específica não exige busca de fontes específicas e pré-determinadas ou rígido processo em sua formatação. De acordo com o Manual dos Tipos de Revisão de Literatura da Biblioteca Prof. Paulo de Carvalho Mattos, da Universidade Estadual de São Paulo (2015), nesse tipo de revisão de literatura “A seleção dos artigos é arbitrária, provendo o autor de informações sujeitas a viés de seleção, com grande interferência da percepção subjetiva”.

Os resultados das pesquisas realizadas, compreendendo os últimos dez anos e considerando as palavras-chave: memórias, comunidade remanescente de quilombo, imagem, narrativas e tempo, nos apresentaram trabalhos qualitativos e quantitativos.

A seleção dos trabalhos e a escolha das palavras-chave foram congruentes com o objetivo principal e as expressões significativas para a realização tanto da busca como pela quantidade de materiais presentes nos meios de pesquisas eletrônicas e no banco de teses e dissertações, ao procurar a associação entre as palavras-chave: comunidades quilombolas, imagem, memória, narrativas e tempo.

QUADRO 1- Teses e dissertações relacionadas aos temas comunidades quilombolas, imagem, memória, narrativas e tempo

(continua)

Ano/ universidade/ dissertação ou tese/ área	Autor/título	Objetivos	Metodologia	Resultados de pesquisa
1. 2008 / Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMT) / Dissertação / Centro de Ciências Humanas e Sociais Programa de pós-graduação em Educação.	Arilma Maria de Almeida Spindola/ A Cultura da Criança Quilombola: leitura referenciada em estudo, relatos orais e imagens.	O principal objetivo da pesquisa foi de compreender os processos e os produtos das culturas infantis, resgatados nos contextos de vida das crianças das comunidades afrodescendentes de Furnas do Dionísio e Furnas da Boa Sorte.	Investigação qualitativa. Revisão de literatura em estudos teóricos, relatos orais, fotográficos e em observações dos processos vivenciais pelas crianças quilombolas e seus familiares.	A autora identificou aspectos das culturas das crianças quilombolas pesquisadas o que possibilitou a assimilação de elementos importantes para a compreensão das diversas concepções de infância no âmbito da educação e da cultura, no cotidiano e nas relações sociais que se estabelecem em comunidades quilombolas.
2. 2010 / Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) / Centro de Educação e Ciências Humanas / Tese /Programa de Pós-Graduação em Educação.	Ione da Silva Jovino / Crianças Negras em Imagens do Século XIX.	A autora problematiza a necessidade de visibilizar a presença da criança negra no século XIX. Utilizando para isso as imagens e gravuras, de Jean-Baptiste Debret e retratos de Militão Augusto de Azevedo.	A proposta foucaultiana de análise é utilizada a fim de buscar entender não o que as imagens escondiam, mas o que revelavam das modalidades e possibilidades de existências das crianças e da infância negra no século XIX.	A autora conclui a necessidade de uma visibilização em relação à infância negra a partir dos cuidados com as crianças negras, ou seja, os modos recriados, preservados e retratados por negros e negras no processo escravista brasileiro.

(continuação)

Ano/ universidade/ dissertação ou tese/ área	Autor/título	Objetivos	Metodologia	Resultados de pesquisa
3. 2012/ Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) / Dissertação / Ciências Humanas.	Sandreylla Pereira Medeiros/ Eu sou Quilombola! Identidade, História e Memória no Quilombo Pedra D'Água.	O principal objetivo do trabalho foi compreender de que forma os discursos sobre a cor negra passam a ser compartilhados pelo grupo e em quais elementos se baseiam.	Como método de pesquisa, foi utilizado a história oral associada à técnica da entrevista. Priorizando a oralidade do grupo enfatizando o ponto de vista dos participantes na construção de sua própria história.	Verificou-se que a construção de identidade quilombola em Pedra D'Água possui uma mediação externa e busca uma revalorização da cor negra.
4. 2012 /Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Escola de Belas Artes / Dissertação / Arte e Tecnologia da imagem.	Alice Costa Souza / Imagens de Memória/Esquecimento na Contemporaneidade.	A autora propõe uma reflexão para compreender a relação complexa com a temporalidade pela qual passou o século XX, até chegar à cultura de memória e à abertura dos arquivos proibidos. Segundo ela, a história recente mostrou grandes apagamentos e a arte demonstra que a imagem é capaz de elaborar um par indissociável denominado: memória/esquecimento.	A pesquisa utiliza estratégias que se esboçaram e revelam as negociações entre memória e história, considerando a fragmentação da linguagem, a presentificação e a inserção da palavra na arte. A proponente utiliza as imagens de artistas como Rosângela Rennó e Leila Danziger, entre outros considerados essenciais na análise da temática proposta.	A pesquisadora conclui, entre outros pontos, que no século XX a arte, desde que se aproximou das questões do mundo e de meios que não são tradicionalmente os seus, os meios artísticos passam a se assemelhar aos movimentos da memória: passível de associações, com um forte apelo de liberdade. Nota-se a dificuldade da pesquisadora em dissociar memória/esquecimento na construção da narrativa.
5. 2014/ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais / Tese de Doutorado/ Letras	Ana Cristina Santos Peixoto / A Construção de Identidades em Narrativas de Comunidades Quilombolas no Sertão das Gerais.	O estudo descreve as manifestações discursivas proferidas por membros de comunidades quilombolas pertencentes ao Território de Poções (Poções de Baixo e Poções de Cima) e do Território de Brejo dos Crioulos (Araruba e Acampamento Orion) tentando compreender a construção de suas identidades.	A autora justifica a pesquisa pela constatação da inexistência de pesquisas científicas que contemplassem teorias linguísticas, em específico, que investigassem a questão da identidade dos membros dessas comunidades. Utilizou-se um corpus composto por narrativas orais e entrevistas ancorando-se na Análise do Discurso de linha francesa entrelaçada a outros conceitos sobre a Análise do Discurso e aos estudos antropológicos.	Toda a análise desenvolvida possibilitou que a pesquisadora entendesse que Brejo dos Crioulos e Poções são comunidades constituídas em momentos históricos diferentes. Apesar dessa diferença, há um traço em comum: a luta do negro para sobreviver desde a época da escravidão até os dias de hoje, de uma forma minimamente organizada. Nesse contexto de luta, a busca pelo reconhecimento de seu papel histórico e o sonho de liberdade tornaram-se instrumentos de motivação imprescindíveis para a sobrevivência dessas comunidades.

(continuação)

Ano/ universidade/ dissertação ou tese/ área	Autor/título	Objetivos	Metodologia	Resultados de pesquisa
6. 2015 / Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) / Dissertação/ Ciências Humanas, Letras e Artes.	Silionara Aparecida Madureira / “Não adianta querer ser, tem que ter pra trocas, o mundo é diferente da ponta pra cá”: Juventudes e identidades de raça, gênero e sexualidade a partir do projeto de extensão NUREGS.	Esse trabalho teve como objetivo analisar quais as influências que um projeto de extensão pode causar nas identidades dos jovens participantes da pesquisa. O projeto de extensão retratado pelo trabalho ocorreu na Comunidade Rural de Sutil na região da cidade de Ponta Grossa/PR.	A pesquisa fez uma analogia entre a ideia de ponte material trazida pela arquitetura e a ideia de extensão na perspectiva pedagógica de Paulo Freire. Caracterizada como do tipo etnográfica, qualitativa e participativa além de alguns aportes da Metodologia Comunicativa Crítica (MCC).	Como resultados, em aspectos gerais, verificou- se que o projeto de extensão analisado permite o empoderamento dos jovens participantes no sentido de mudança social, despertando novos olhares a respeito de raça, gênero e sexualidade.
7. 2006/ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/ Dissertação/ Centro de Ciências Humanas – CCH/ Programa Pós- Graduação em Memória Social.	Ana Cristina da Conceição Arruda / Documentação Audiovisual: Instrumento de Construção da Memória da Favela do Chapéu Mangueira.	O trabalho analisa a construção da memória da favela do Chapéu Mangueira, localizada no Leme, bairro da zona sul do Rio de Janeiro. As narrativas de um grupo de moradores, envolvendo suas histórias de vida e do desenvolvimento do local compõem essa memória, através do registro audiovisual, com a captação de áudio e imagem por câmeras de vídeo.	A pesquisadora utiliza o recurso audiovisual como metodologia de pesquisa, para desenvolver seu projeto a partir das narrativas dos moradores da Favela do Chapéu Mangueira.	Compreendeu-se que os narradores se constituem guardiões das lembranças do grupo. O formato audiovisual foi utilizado como cristalizador das memórias dos narradores, composto por pessoas idasas, visando se tornar “herança” para as gerações futuras.
8. 2003 / Universidade Federal Fluminense (UFF) / Dissertação / Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação.	Cristina Toshie de Lucena Nishio / Entre Dois Fotogramas: passagem da fotografia à imagem cinematográfica pelo intervalo do visível.	Este trabalho analisa o processo de formação da imagem cinematográfica por meio de uma abordagem que abarca tanto as técnicas que viabilizam sua materialidade, quanto à participação do público no momento de projeção das imagens, quando se instaura o movimento.	Dentre os dispositivos técnicos envolvidos no processo de produção dessa imagem, são priorizados a câmera e o projetor. Propõe- se então uma reflexão sobre o tempo que leva em conta os fenômenos psíquicos vivenciados por ele, a partir de noções formuladas pelo filósofo Henri Bergson, sobretudo em sua tese sobre a matéria e a memória.	A pesquisadora conclui que a atuação do público concentra-se na parte invisível da imagem cinematográfica, enquanto que a técnica manipula, sua visibilidade por meio dos processos que determinam sua materialidade. O trabalho é interessante, porque contempla tanto a parte visível da imagem cinematográfica, quanto sua parte invisível e imprevisível, que faz parte da vida interior de cada espectador.

(continuação)

Ano/ universidade/ dissertação ou tese/ área	Autor/título	Objetivos	Metodologia	Resultados de pesquisa
9. 2012/ Universidade federal de Minas Gerais (UFMG) / Dissertação / Mestrado em Artes	Camila Otto Diniz Ferreira/ Fotografia como crença: Construindo narrativas, ressignificando memórias.	A autora propõe a discussão da relação entre o caráter documental da fotografia e sua situação atual. E ainda questiona a relação da fotografia com o referente, sem desprezar seus diferentes aspectos e usos. Também considera a relação da fotografia com a escrita e a oralidade a partir de uma prática artística.	O trabalho considera a série de fotografias VE(lar), em sua fase inicial, na qual se apropria de imagens do álbum de família e posteriormente segue refotografando-as e modificando-as através do flash da câmera. Uma reconstrução das imagens fotográficas.	A pesquisadora conclui que a imagem fotográfica depende da vivência e da bagagem cultural do espectador. Assim, pode-se dizer que não há fotografia inocente e que toda imagem possui um caráter subjetivo, e dependendo do contexto do qual ela se encontra, poderá se dar a ver/ler de diferentes maneiras.
10. 2009/Universi dade do Estado do Pará/ Mestrado em Educação	Maria do Socorro Ribeiro Padilha/ Narrativas Oraís na Comunidade Remanescente de Quilombo Menino Jesus: processos de educação e memória.	A autora conta com seis moradores da Comunidade Remanescente de Quilombo Menino Jesus (Acará-PA), como os narradores que colaboraram com esse trabalho, sendo três mulheres e três homens, entre 31 e 100 anos de idade, integrantes da Associação de Moradores e Agricultores Remanescentes de Quilombo (AMARQ).	A semiótica foi utilizada para adentrar no cotidiano dos narradores, tendo como foco a voz e a imagem; o uso do Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS) para analisar as narrativas; e a utilização da fotografia como texto imagético na escrita da pesquisa.	A proponente da pesquisa conclui que as narrativas orais deflagraram ao processo de educação e memória sobre quilombola e suas construções de sentidos pela escola, televisão, Estado e família na história do Pará.

(conclusão)				
Ano/ universidade/ dissertação ou tese/ área	Autor/título	Objetivos	Metodologia	Resultados de pesquisa
11. 2017/ Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo/Tese/ Doutorado Programa de Pós-Graduação em Educação.	Nunes, Míghian Danae Ferreira / MANDINGAS DA INFÂNCIA: as culturas das crianças pequenas na escola municipal Malê Debalê, em Salvador (BA).	A autora buscou aproximar-se do ponto de vista das crianças estudantes na escola pesquisa em Salvador para abordar temas que as mesmas trouxeram como a relação adulto-criança e o corpo.	Utilizou os pressupostos sociológicos e os estudos sociais da infância, os estudos sobre relações raciais e antirracismo, a interseccionalidade e os estudos descoloniais. A autora da pesquisa buscou aproximar-se do ponto de vista das crianças para abordar os temas que elas apresentaram, como por exemplo: a relação adulto-criança e o corpo. A partir a perspectiva do olhar adulto da autora, os temas sexo-gênero e raça também foram abordados.	A pesquisadora contempla, que embora o espaço em que as crianças encontram-se seja de culturas negras, as crianças negras ainda são submetidos/as às normas de raça e sexo-gênero, imposições da idade, demonstrando ser fundamental o debate interseccional, para alcançar as crianças negras. A pesquisa é provocativa e argumenta várias questões em relação à infância negra. A autora conclui que as crianças negras precisam se movimentar e “gingar” com o movimento da vida, para recuperar e/ou manter suas existências no instante-agora do ser criança.

Fonte: Produzido pela própria autora.

Conforme a ordem do quadro apresentado, ao analisarmos a dissertação de Spindola (2008), observamos que seu principal objetivo foi compreender os processos de produto das culturas infantis a partir da vida das crianças, de duas comunidades quilombolas no estado do Mato Grosso do Sul. Destacamos nessa pesquisa a utilização dos relatos orais e fotográficos, com observações dos processos vivenciais pelas crianças e seus familiares. A metodologia pauta-se na investigação qualitativa e na revisão de literatura.

A tese de Jovino (2010) e a dissertação de Spindola (2009) tratam de crianças, a tese foca na análise de imagens de crianças negras produzidas no século XIX de Jean-Baptiste Debret e retratos de Militão Augusto de Azevedo, a fim de elaborar uma ideia de infância. Metodologicamente, a pesquisadora utilizou a proposta foucaultiana de análise para refletir sobre o que as imagens revelavam e não o que escondiam. Jovino (2010) observou a literatura sobre escravidão, detectando a infância descrita que apareceu nas obras de Debret, em seguida, pesquisou imagens de Militão situado na galeria dos sem fama, como nos aponta Jovino (2010), que apresenta as crianças bem diferentes da perspectiva das primeiras imagens. Definidas as imagens, o corpus da pesquisa, a autora analisa as imagens tecendo conexões entre crianças, infâncias e raça no século XIX. Destacamos a forma como as imagens foram apresentadas e o desenvolvimento da pesquisa.

Outra dissertação que influenciou nossas primeiras reflexões foi a de Medeiros (2012), por abordar os discursos sobre a cor negra, utilizando a história oral como método de pesquisa e recorrendo à técnica de entrevista para a aquisição das informações. Nesse trabalho observamos o foco na oralidade do grupo e a ênfase nos seus pontos de vista na construção de sua própria história.

Pautando-se nesses três trabalhos, levantei alguns temas que estão presentes em minha pesquisa para que o leitor comece a delinear mentalmente o que intentamos investigar em nossas reflexões: imagens, comunidade quilombola e oralidade.

Na sequência, o trabalho de dissertação produzido por Souza (2012) aborda outro tema que delinea a pesquisa que propomos, a memória. A autora traz uma reflexão da complexa relação memória, esquecimento e temporalidade considerando a contemporaneidade, século XX. Utilizando como estratégia a análise de imagens artísticas de Rosângela Rennó e Leila Denziger, discorre sobre as negociações entre memória e história, considerando a fragmentação da linguagem e a linguagem da arte.

A intenção de produzir um trabalho acadêmico capaz de agenciar os tantos fragmentos de memórias com as diferentes formas de narrar a vida, a fim de compreender como está construída a memória de uma comunidade quilombola, levou-me a complexos percursos. Tratam-se de temas que se subdividem e se desdobram em multiplicidades conceituais. Na afirmativa de Paul Ricoeur (2007), “toda história é narrativa”, entendemos a oralidade como fonte de dados do processo de formação social, política, econômica e cultural de determinada comunidade, tal qual apresentamos em alguns dos trabalhos mencionados anteriormente. Acreditamos também que toda imagem conta uma história, seguindo aproximadamente a mesma perspectiva proposta por Peter Burke, sendo assim, pelas narrativas de memória seria possível intercambiar o diálogo entre experiência e consciência. Esse intercâmbio dialoga com o vivido por cada membro da comunidade pesquisada na construção de uma história e uma memória tanto coletiva como individual.

Ao encontro de considerar experiência e consciência, também destacamos a dissertação de Nishio (2003) que analisa a passagem da fotografia para a imagem cinematográfica pelo intervalo do invisível, considerando a temporalidade. O trabalho foi construído por intermédio de técnicas que viabilizam a materialidade das imagens com a participação do público no momento em que as imagens são projetadas aos mesmos. Pautada na filosofia de Henri Bergson, principalmente em sua tese sobre a matéria e a memória, a autora propõe uma reflexão sobre o tempo que leva em conta os fenômenos psíquicos vivenciados pelos públicos. Enfim, a pesquisa envolve tanto o visível da imagem como o imprevisível presente na vida interior de cada espectador.

Tendo em vista que levaremos em conta o invisível presente nas narrativas e nas imagens fotográficas produzidas por nossos entrevistados, conseguimos estabelecer uma relação entre a

proposta de Nishio (2003) e nossa pesquisa, pois a ideia foi de analisar as imagens produzidas pelos sujeitos pertencentes a uma Comunidade Remanescente Quilombola, a partir das produções orais e visuais de seus moradores, para assim refletir sobre seus conjuntos de significados e compreender a constituição da memória e da própria história dessa comunidade, surgiu do incômodo frente à riqueza de seus relatos. Nos momentos ditos informais, as conversas foram manifestando elementos da história antropológica e sociocultural desse local e uma observável ausência de materiais que registraram esses relatos. Logo, estabelecemos alguma conexão com o propósito na pesquisa de Nishio (2003), no sentido de procurar compreender o invisível, o não dito, ou melhor, o dito entre linhas interpretando as narrativas orais faladas e as narrativas visuais por meio das fotografias produzidas.

Em Peixoto (2014), a construção das identidades é analisada nas narrativas de Comunidades quilombolas no Sertão das Gerais. O estudo descreve manifestações discursivas de membros de comunidades quilombolas pertencentes a esse contexto. Utilizou-se um corpus composto de narrativas orais e entrevistas ancoradas na análise de discurso de linha francesa entrelaçados a estudos antropológicos. Esse trabalho permitiu à pesquisadora entender que a região pesquisada – Brejo dos Crioulos e Poções – são comunidades constituídas em momentos diferentes, tendo a luta do negro para sobreviver à escravidão até os dias de hoje como traço comum.

Percorrendo o caminho para entender a memória, o trabalho de Padilha (2009) buscou identificar e compreender como narrativas orais deflagram os processos de educação e memória sobre quilombolas. Envolvendo seis moradores da Comunidade Remanescente de Quilombo Menino Jesus (Acará-PA) considerados os narradores, mulheres e homens, entre 31 e 100 anos de idade, integrantes da Associação de Moradores e Agricultores Remanescentes de Quilombo (AMARQ). A pesquisa desenvolve-se em vários momentos. Na introdução, as tramas teóricas, acadêmicas e profissionais atreladas aos estudos étnico-raciais para construção do objeto de pesquisa foram apresentadas. A primeira seção explicou: a semiótica como abordagem de pesquisa para adentrar no cotidiano dos narradores, tendo como foco a voz e a imagem; o uso do Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS) para analisar as narrativas; e a utilização da fotografia como texto imagético na escrita da pesquisa. A segunda seção abordou as discussões de Cornelius Castoriadis e Carlos Brandão sobre educação e discorreu acerca de estudos que tratam sobre memória e comunidade quilombola. A terceira seção apresentou as memórias dos narradores estruturadas em narrativas textuais e imagéticas. A quarta seção analisou as narrativas atreladas à memória escolar, à memória imagética e à memória da comunidade. A quinta seção apresentou as fotografias que registraram o cotidiano da comunidade. A pesquisadora concluiu que narrativas orais deflagraram ao processo de educação e memória sobre quilombola construções de sentido pela

escola, televisão, Estado e família, em que as reminiscências dos narradores apontaram muitas permanências e mínimas mudanças acerca da representação sobre quilombola na história do Pará.

A pesquisa mencionada segue um percurso interessante de desenvolvimento metodológico com diversos aspectos e momentos analisados apesar de não compartilharmos a metodologia utilizada, encontrei algumas técnicas em comum com a minha pesquisa em relação à geração de dados.

Ao encontro da perspectiva de compreender a construção de memória de determinada comunidade, lançamos o olhar para a pesquisa de Arruda (2006), que aborda a documentação audiovisual como instrumento de construção da memória na Favela do Chapéu da Mangueira no Rio de Janeiro-RJ. As narrativas dos moradores envolvem suas histórias de vidas e o desenvolvimento da localidade. Assim, a memória é construída pelo registro audiovisual de imagens e áudio. A pesquisa analisa o papel das pessoas que compõem esse grupo enquanto narradores e moradores de uma favela, seus contextos, e a forma de registro dessas narrativas.

Tratando-se de narrativas orais e visuais que nos remetem a um determinado tempo, a história permite a conexão entre diferentes fragmentos, reconstruindo uma memória articulada pelos próprios narradores envolvidos.

Por fim, o trabalho que permitiu meu encontro com a metodologia que atende às necessidades de estruturação para minha pesquisa. Madureira (2015) analisa quais foram as influências que um projeto de extensão poderia causar nas identidades de jovens participantes da Comunidade Rural de Sutil, constituída por descendentes quilombolas, na região da cidade de Ponta Grossa/PR. Foi feita uma analogia entre a ideia de ponte material trazida da arquitetura e a ideia de extensão na perspectiva pedagógica de Paulo Freire. A pesquisa foi classificada como do tipo etnográfica, qualitativa e participativa, o que elucidou o direcionamento de nossa geração de dados, pois utilizamos dessas técnicas na abordagem de nossos sujeitos de pesquisa, bem como, na condução e no desenvolvimento de nossos trabalhos.

No final do quadro há a tese de doutorado, da professora Míghian Danae Ferreira Nunes, sob o título *Mandingas da infância: as culturas das crianças pequenas na escola municipal Malê Dedalê*, em Salvador (BA) que a partir da etnografia pesquisa crianças entre si, com crianças maiores e também com adultos/as em uma escola da cidade de Salvador (BA). A autora explana sobre a sociologia e os estudos sociais da infância, as relações raciais e antirracismo, a interseccionalidade e os estudos descoloniais, a fim de aproximar seu olhar do olhar das crianças que trouxeram para a pesquisa temas como a relação adulto-criança e o corpo. Seguindo o movimento etnográfico, na perspectiva da proponente de pesquisa outros temas foram abordados como sexo-gênero e raça. Ressalto a denominação que a autora faz de mandinga para a ação social

que essas crianças negras realizaram para negociar suas existências em um mundo adulto que reconhece, em alguma medida, as diferenças, mas persiste no não reconhecimento da importância das culturas e dos saberes para a formação dessas enquanto estão crianças e futuras adultas.

A pesquisa mostra a repressão e as dificuldades das crianças pesquisadas em existirem como corpos bio-socio-psico-culturais, enfatiza a questão da amizade nesse processo e conclui a necessidade de “ginga”, que essas crianças devem ter para acompanharem o movimento da vida, tal como em um jogo de capoeira, e dessa forma recuperarem suas existências no instante agora em que essas crianças estão inseridas. O texto é escrito de forma narrativa e fluída, tal aspecto que particularmente me chamou e prendeu a atenção, pois esta foi, é ou era a maneira que procurei conduzir o texto da pesquisa que apresento, além de utilizar aspectos da etnografia e após a leitura da tese, os conceitos etnográficos ficaram ainda mais claros e elucidativos. Essa pesquisa buscou evidenciar o olhar e a percepção de realidade das crianças que foram pesquisadas, assim como procuro evidenciar a perspectiva do olhar dos sujeitos pertencentes à Serra do Apon sobre memórias e esses seriam os principais aspectos semelhantes entre a pesquisa da professora Mighia e o trabalho que propomos desenvolver.

No próximo capítulo desse trabalho detalharemos nossas concepções teórico-metodológicas e as possibilidades de conexões entre os dados levantados com a Comunidade Remanescente de Quilombo Serra do Apon. As leituras realizadas a partir da revisão bibliográfica possibilitaram delinear uma abordagem de investigação científica e uma metodologia, entendendo as diferentes aplicabilidades das técnicas etnográficas, bem como compreendendo detalhes teóricos e práticos da Metodologia Comunicativo-Crítica (MCC), a fim de segui-la a aplicá-la coerentemente.

No próximo item, discorro sobre a história da comunidade na qual trabalhei e algumas formas de narrar a vida moldadas por imagens sob o olhar de seus integrantes que “criam”, sonham, imaginam, desejam e narram sua(s) memória(s).

1.2 Algumas formas de narrar a vida

Meu objetivo, nesta pesquisa, consiste em compreender como está construída a memória dos sujeitos pertencentes à comunidade remanescente de quilombo Serra do Apon, e esse objetivo ecoa na compreensão dos modos de viver, significar, resistir e narrar que acabam configurando memórias. Para isso, utilizamos as narrativas orais – as falas e as histórias contadas pelos moradores da comunidade - e as narrativas visuais – constituídas por imagens fotográficas produzidas pelos sujeitos pertencentes a esse território.

Com a frase formas de narrar a vida intento significar a ideia de um fluxo de consciência espontâneo e mais ou menos organizado representado pelas narrativas, definidas anteriormente como um tecido estruturado [...] um artefato sócio-histórico, no conceito de Marcuschi (2008). Nessa ideia articulamos as formas de narrar a vida com as partes desse tecido e relacionamos o artefato sócio-histórico como sendo a própria memória configurada.

Ir ao encontro de memórias requer árduo trabalho e perspicazes conexões, talvez a primeira delas, consista na ideia de que o que socializa a memória é a linguagem seja verbal; por meio da oralidade; conseguimos estabelecer diálogos nos quais podemos descrever nossas vivências, experiências e situações que de alguma forma e em alguma perspectiva nos marcam. Tal qual nos explica Hampaté Bâ (2003, 2010), uma memória registra muito mais que um conteúdo, uma narrativa descreve sensações e impressões além de um contexto.

A memória das pessoas da minha geração, sobretudo a dos povos de tradição oral, que não podiam apoiar-se na escrita é de uma fidelidade e de uma precisão prodigiosas. Desde a infância éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção, que todo acontecimento se inscrevia em nossa memória como em cera virgem. Tudo lá estava nos menores detalhes: o cenário, as palavras, os personagens e até as roupas. (...) Para descrever uma cena, só preciso revivê-la. E se uma história me foi contada por alguém, minha memória não registrou somente seu conteúdo, mas toda a cena – a atitude do narrador, sua roupa, seus gestos, sua mímica e os ruídos do ambiente. (HAMPATÉ BÂ, 2003, p. 13)

Podemos também utilizar a linguagem visual para socializar memórias, como por exemplo, os registros fotográficos que plasmam de forma concreta nossas impressões, sensações, afetos, lembranças de determinado fato ou acontecimento. Como nossa intenção de pesquisa ecoa na compreensão de um modo de viver, “criar”, sonhar, imaginar, desejar e resistir dos sujeitos pertencentes à comunidade pesquisada, essas duas linguagens (verbal e visual) se complementam e acabam configurando o que queremos de fato entender: as memórias.

Pautamos nossas reflexões nas narrativas produzidas e apresentadas por esses sujeitos e acreditamos que as situações pelas quais os seres humanos experimentam são armazenadas em nossas mentes e compõem narrativas expressas tanto como imagens ou em forma de textos.

Estes elementos se enquadram na definição que Marcuschi (2008) atribui para que um evento comunicativo seja considerado um texto. O texto se configura como:

um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um artefato sócio histórico. De certo modo, pode-se afirmar que o texto é uma (re) construção do mundo e não uma simples refração ou reflexo (MARCUSCHI, 2008, p.72)

Sendo assim, tomamos a definição que Marcuschi (2008) atribui ao texto para compreender que as narrativas imagéticas, na condição de textos, atuam na formação humana e

constituem eventos comunicativos. Porque, nelas existe convergência entre ações linguísticas, cognitivas e sociais que transmitem mensagens para os interlocutores. Entendemos assim o porquê que utilizamos a ideia de narrativas orais e visuais.

Pierre Nora (1993), historiador francês, aponta que vivemos a aceleração da história, que produz, cada vez mais rapidamente, um passado morto, a percepção geral de algo desaparecido. Para ele, a mundialização, a democratização, a massificação e a midiaticização causaram o desmoronamento da memória: “o fim das sociedades-memória, que asseguravam a conservação e transmissão de valores; o fim das ideologias-memória, que garantiam a passagem regular do passado para o futuro ou indicavam o que se deveria reter do passado para preparar este futuro” (NORA, 1993, p. 8).

Logo, os lugares de memória nascem e vivem, portanto do sentimento de que não há memória espontânea, de que é preciso criar arquivos: “Se o que defendem não estivesse ameaçado, não se teria a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que envolvem, eles seriam inúteis” (NORA, 1993, p. 13). Segundo o historiador, quanto menos se vive a memória no interior, maior a necessidade de suportes exteriores. Nesse sentido lanço o olhar para os sujeitos pesquisados neste trabalho, pois possuem poucos registros de suas memórias em papel, me referindo as fotografias, por exemplo. As maiores de suas memórias encontram-se registradas, vividas e marcadas nessa memória interior que menciona Nora.

Ainda, de acordo com Nora (1993), existe uma obsessão por arquivos no mundo contemporâneo – “da escrita à alta fidelidade da fita magnética: ao mais modesto vestígio, a dignidade virtual do memorável” (NORA, 1993, p. 14). Assim produzimos muitos arquivos sejam fotografias em papéis ou virtuais, vestígios, testemunhos, imagens, documentos, discursos, sinais visíveis do que é e do que foi e na medida em que perdemos a tradição da memória criamos outro mecanismo para guardar e manter nossas memórias. Observamos aparentemente uma contradição, mas que se encaixa com a realidade da comunidade que pesquisamos, pois eles mantêm viva a tradição da oralidade de memória, porém anseiam uma forma diferente de registrar essas memórias. Fato observado na produção das imagens fotográficas propostas em nossa pesquisa.

Dessa forma, entendemos que a memória é vital em nossa existência seja interior ou exterior. No caso da memória registrada exteriormente interpretamos tal qual nos afirma Nora, a memória arquivo como um “dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe qual tribunal da história” (NORA, 1993, p. 15).

Interessante pensar sobre a ideia de que fora de circulação no mundo real, restou o arquivo, espécie de dublê do jornal impresso, que muda de sentido e de status simplesmente por seu peso: “Não é mais o saldo mais ou menos intencional de uma memória vivida, mas a secreção

voluntária e organizada de uma memória perdida” (NORA, 1993, p. 16). A perspectiva de Pierre Nora é desanimadora em alguma medida, porque segundo o autor tudo o que chamamos hoje de memória já não é ou constitui uma história. Tudo aquilo que compreendemos hoje como clarão de memória é seu desaparecimento no fogo da história. Contudo, somos seres regidos pela impermanência e os fluxos e os movimentos da vida registrados nas memórias, por mais que desapareça no fogo da história, como o autor sugere, reluz em alguns momentos como um clarão de fogo e espalha tal quais labaredas produzindo marcas de e em determinada sociedade. Nora cita como exemplo

a noção de geração, que seria material, por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, ao garantir ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; e simbólica, em que um acontecimento ou experiência vivida por um pequeno número caracteriza uma maioria que dele não participou (NORA, 1993, p. 21-22)

Nesse sentido façamos uma reflexão concentrada no tema proposto por Pierre Nora, destacamos que nosso objetivo não é tratar dos lugares de memória desses sujeitos, mas sim compreender como suas memórias se apresentam e se configuram, tecendo as narrativas apresentadas, estabelecendo assim, uma dinâmica entre o que os sujeitos participantes da pesquisa registraram, suas impressões e percepções de memória de vida.

Faço um adendo de como é interessante observar que o enfoque sobre a memória e o passado traz consigo um grande paradoxo, registrando que com crescente frequência críticos acusam a própria cultura da memória contemporânea de amnésia, apatia ou embotamento, e destacam sua incapacidade de lembrar, lamentando a perda da consciência histórica. As relações entre sociedade e memória são intrínsecas para esse autor e tratando-se de conectar fragmentos de memória de um determinado contexto, lugar, espaço ou mais especificamente comunidade, também nos deparamos com esses paradoxos entre memória e tempo.

A memória é a vida, sempre carregada pelos grupos vivos, em permanente evolução, vulnerável a manipulações, suscetível à dialética da lembrança e do esquecimento. A história, por sua vez, é uma reconstrução problemática e incompleta daquilo que não mais existe. Enquanto a primeira é um fenômeno sempre atual, a segunda é uma representação do passado. Seria importante registrar que o sociólogo Maurice Halbwachs (2013) diferenciou a memória e a história sob pelo menos dois sentidos: 1) a memória é uma corrente de pensamento contínuo, que nada tem de artificial e que não ultrapassa os limites do grupo. Ao passo que a história é construída a partir de cortes temporais e divisões muito artificiais e se coloca acima dos grupos; 2) existem tantas memórias coletivas quantos grupos que a carregam. Em contrapartida, a história pertence a todos e a ninguém, o que dá a ela uma vocação para o universal.

Assim em minha pesquisa busco narrar a memória individual dos sujeitos que participaram deste projeto de mestrado, em alguns momentos essa memória se confunde entre o indivíduo e o coletivo, mas como é pensamento contínuo e autêntico, foi registrado o que realmente nos importa neste trabalho, que é compreender como está constituída a memória desses sujeitos acerca da realidade a qual eles pertencem.

Discurso sobre a memória para compreendermos o incômodo e a complexidade conceitual que norteou as reflexões acerca do tema. A memória também pode ser entendida como as reminiscências do passado que afloram no presente, no pensamento de cada um. Em seu livro, *A Memória Coletiva*, Maurice Halbwachs (2013) defendeu a tese de que, embora acreditemos que alguns acontecimentos de que nos recordamos pareçam individuais, eles só ganham importância e sentido, porque são, antes de tudo, coletivos. Sendo assim, a lembrança é construída graças ao nosso convívio social com outras pessoas. Então podemos basear nossa impressão nas lembranças de outros indivíduos que fazem parte dos mesmos grupos sociais nos quais estamos inseridos, seja para reforçar ou enfraquecer a nossa percepção dos acontecimentos. Nesse sentido, a confiança que temos na exatidão de nossa recordação é maior, visto que outras pessoas viveram os mesmos acontecimentos e se lembram deles assim como nós. O autor enfatiza que a recordação é eficiente se nosso pensamento concordar com os pensamentos de outros membros do grupo.

Ao encontro disso, discorremos em nossas considerações finais sobre os aspectos que convergiram ao longo das narrativas apresentadas pelos sujeitos pertencentes à Serra do Apon. Compreendemos assim, que as práticas da memória passaram por muitas evoluções ao longo da história da humanidade, e o que concebemos hoje como memória é a vastíssima constituição de estoque material daquilo que nos é impossível de lembrar, mas que poderíamos um dia ter a necessidade de lembrar.

Em alguns tempos, a memória foi utilizada pelos grupos sociais dominantes como recurso para legitimar seu poder sobre os demais. Atualmente, cada grupo, independentemente de etnia ou status econômico, tomou para si a tarefa de se lembrar de suas origens, de se constituir como guardião de um passado formador de memória.

Julgou-se, durante muitos anos, que os povos sem escrita fossem “povos sem cultura”. Segundo Hampatê Bá (2003, p. 175), “A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si.” Não são somente as evidências documentadas oficialmente que detêm a verdade de fatos históricos e sociais de determinada época, embora as culturas vinculadas à escrita tivessem acabado por deter os fatos, contar a história e formatar memórias de acordo com a perspectiva daqueles que sabiam escrever.

Entretanto, esse conceito foi superado e vários pesquisadores compreendem que podemos conceder à oralidade a mesma credibilidade que concedemos à escrita, tratando-se de fatos passados em sociedades orais. O fato é que o que concebemos hoje como memória é uma complexa constituição de fragmentos materiais que são ressignificados ao longo dos tempos.

E como podemos pensar esse fragmento material em tempos de outrora? Antes da escrita, por exemplo? Mencionamos que a oralidade foi por muito tempo a forma de transmissão de memória presente na cultura de sociedades indígenas ou africanas, não se limitando somente a essas. Ao pensarmos em oralidade, pensamos no som que sai da boca, na palavra dita ou cantada. Cada som e cada gesto gravam, nos corpos e nos objetos, a memória produzida naquele instante. Especialmente nas sociedades africanas, a oralidade é a força com a qual o corpo se expressa nos seus mais amplos sentidos: na fala, na dança, jeito de andar e etc.

Segundo Hampâté Bâ (2010), em seu clássico texto “A tradição viva”, os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens. Logo, o escritor ou o estudioso, antes de colocar seus pensamentos no papel, dialoga consigo mesmo. Sendo assim, nas sociedades orais africanas:

não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a palavra é mais forte. Lá onde não existe escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra. (HAMPATÊ BÂ, 2003, p. 175)

Enfatizamos ainda nas sociedades africanas a oralidade, que foi e ainda está presente como forma fundamental para transmitir regras, ensinamentos e costumes de uma geração para outra. Existe inclusive uma diferença curiosa de sociedade para sociedade. Em algumas civilizações africanas qualquer um podia passar as histórias adiante; em outras, apenas pessoas denominadas de contadores especializados exerciam essa tarefa, como a figura do Griot na África Ocidental.

A prática da oralidade marca uma tradição transmitida de geração em geração seja pelas histórias, fatos, casos e conversas que configuram dados de análise neste trabalho. Posto que essa oralidade constitua uma narrativa, que por sua vez (re) significa e (re) constrói o mundo por intermédio do tempo e não apenas o reflete. Quero dizer que, ao analisarmos as narrativas produzidas pelos sujeitos da Serra do Apon, compreendo também suas percepções de mundo.

Antecipamos aqui que a ideia de memória está intimamente relacionada à ideia de suprir necessidades cotidianas, mas trataremos especificamente da memória de alguns de sujeitos da comunidade na análise de nossos dados.

1.3 O contexto da pesquisa: a Comunidade Remanescente de Quilombo Serra do Apon

Para compreender o que é uma Comunidade Remanescente de Quilombo, é necessário compreender primeiramente o que é um Quilombo. De acordo com o livro *Ancestralidade Africana no Brasil*, com o subtítulo Memória dos Pontos de Leitura, produzido pelo Instituto de Políticas Relacionais em 2014, a palavra africana originada do quimbundo (ki lombo), ou do umbundo (ochilombo), línguas essas faladas por povos bantos da região de Angola, designava lugar de pouso ou acampamento guerreiro na floresta.

Esse termo passou a ser utilizado no Brasil pela administração colonial, em suas leis, atos, decretos relatórios para se referir aos locais organizados que ofereciam apoio mútuo àqueles que resistiam e lutavam contra o sistema escravista no País. Essa palavra significa conquista e liberdade aos negros libertos nesse período. Pensar quilombo nos leva a imaginar um local habitado por negros, que numa luta sangrenta, buscaram a liberdade com a fuga de um campo de batalha direto para assumirem outras frentes de luta.

A senzala e a casa grande configuravam muito mais que habitação de negros e brancos, foram espaços de organização e luta política. Ressaltamos aqui a imagem do quilombo como refúgio, foco de resistência, diversamente reconstruída para reafirmar uma luta étnica em muitos aspectos.

No período pós-abolição na história do Brasil, os negros foram expulsos e perseguidos das regiões centrais da cidade, pois eles eram vistos, pelo o pensamento excludente e racista da elite governante na época que denominava, como símbolo do não-desenvolvimento e da não-civilização. Essa situação trouxe uma divisão territorial dos espaços urbanos e rurais, divisão essa que marca uma territorialidade, quando os grupos ditos “de cor” foram se estabelecendo em lugares segregados, à margem das cidades e em comunidades quilombolas, o processo de redemocratização brasileira que segundo a história, culminou na Constituinte de 1988, ecoou a voz do então senador Abdias do Nascimento; que, nesse momento, proclamava ser necessária a presença da maioria afro-brasileira em todos os níveis de poder e reafirmava o quilombismo como um movimento político não segregacionista, que busca um poder político realmente democrático. Esse fato foi um marco na história do país, a fim de mudar a forma de como a história do negro era contada.

A historiadora Maria Beatriz Nascimento propõe um estudo crítico sobre a história do negro, em contexto coletivo, que traga para o negro o que realmente foi a sua história, partindo da história desses sujeitos como um grupo livre, por mais que tenha ocorrido escravidão e existido escravizados. A autora registra no documentário, *O negro da senzala ao soul* (1977), de Eduardo

Oliveira, que quilombo é um grupo de homens conscientes que organizaram uma sociedade para si na qual conseguiam viver de acordo com seu passado histórico, ou seja, viver com sua forma de ser.

Kabengele Munanga (2001) afirma que os quilombos brasileiros assemelham-se aos quilombos africanos e apresenta uma definição de quilombo africano enquanto “instituição política e militar, transétnica, centralizada (...)”

A palavra quilombo tem a conotação de uma associação de homens, aberta a todos sem distinção de filiação a qualquer linhagem, na qual os membros eram submetidos a dramáticos rituais de iniciação que os retiravam do âmbito protetor de suas linhagens e os integrava como co-guerreiros num regimento de super-homens invulneráveis às armas dos inimigos. (MUNANGA, 2001, p.25)

Assim a ideia de quilombo africano assemelha-se à ideia de quilombo brasileiro, o autor explica porque é reconstruído um tipo semelhante de organização territorial, de função estratégica para fuga das violências, tensões e confrontos de classes no sistema escravista que perdurou a séculos no Brasil. Destacamos que esses territórios:

São espécies de campos de iniciação á resistência (...) abertos a todos os oprimidos da sociedade (negros, índios e brancos), prefigurando um modelo de democracia plurirracial que o Brasil ainda está a buscar. (MUNANGA, 1995, p. 63)

A legislação brasileira atual adota o conceito de comunidade quilombola e reconhece a condição quilombola como uma auto identificação: os sujeitos desse grupo devem se reconhecerem e se definirem como tal. Esse fato é resultado de muitas lutas dos quilombolas com seus aliados, que mantinham oposição às intervenções do Estado em atribuir a tarefa de definir quais comunidades eram ou não quilombolas. Em 1988, na Constituição Federal, a questão quilombola entra na pauta da agenda política, como resultado da mobilização dos Movimentos Negros e afins. O Artigo 68, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) diz aos remanescentes das comunidades dos quilombos, que estejam ocupando suas terras, que esses territórios lhes são reconhecidos como propriedades definitivas e que é dever do Estado emitir-lhes os respectivos títulos.

A estimativa é de que existam mais de 3000 comunidades quilombolas no país¹. Normalmente os quilombos se organizam em terrenos familiares, possuem uma Associação e uma entidade civil que os representam juridicamente, negocia e acompanha todo o processo de regulação para os territórios. Nesse formato conseguem participar de programas governamentais ou projetos de financiamentos junto a outras instituições.

¹ Segundo o INCRA, existem mais de três mil comunidades. A Fundação Palmares lista (até meados de 2013) 2187 comunidades remanescentes de quilombos, das quais 1845 obtiveram certidões de auto definição,

A Coordenação Nacional das Comunidades Quilombolas (CONAQ) foi criada no dia 12 de maio de 1996, em Bom Jesus da Lapa/BA, após a realização da reunião de avaliação do I Encontro Nacional de Quilombos. Atualmente essa entidade articula os interesses dos quilombos em alguns estados e se empenha na disseminação de informações, organização dessas comunidades nos debates e intervenções para o acesso aos direitos.

Observamos assim que o processo de reconhecimento legal de um local como quilombo é longo e trabalhoso, envolvendo conflitos, especulações e jogos de interesses reforçando a ideia que ainda impera em nossa sociedade, que aqueles que detêm poder sentem-se no direito de determinar o que pode ou o que não pode; quem deve e quem não deve ter acesso a terra, saúde, educação e cultura. Existem diversas políticas públicas destinadas a essas comunidades, contudo não basta apenas a elaboração dessas políticas sem um debate institucional, intelectual e social que abra espaços, visto que as informações ainda são fragmentárias, dispersas e raramente chegam aos principais interessados.

Consideramos necessário mencionar que a expressão remanescente de quilombos identifica populações com características para além da ideia estabelecida do “quilombo histórico”, como por exemplo, o Quilombo de Palmares. Essa definição está associada a uma comunidade não somente pela descendência, mas também pelo reconhecimento oficial da identidade e cultura, a relação e vínculo com a terra, bem como com a militância ou a mobilização que esses apresentam diante dos conflitos fundiários. Dessa forma, seria possível afirmar que essas populações são resultados de uma diversidade de processos, incluindo fugas com ocupação de terras livres, heranças, doações, recebimento de terras cultivadas no interior de propriedades e entre outros.

A memória referente à história do surgimento da Comunidade Remanescente de Quilombo Serra do Apon, foco de nossa pesquisa, foi transmitida de geração em geração pela tradição oral mantida por esses sujeitos, presença do poder da palavra e concentra nas pessoas mais velhas a responsabilidade de serem as “guardiãs de memória”, ou seja, aquelas que conhecem e sentem prazer em contar e recontar histórias por meio de narrativas detalhadas e às vezes carregadas de emoção.

De acordo com Pena (2002) a história da região conta que um senhor conhecido como Prudente Rodrigues da Silva, casado com a senhora Joaquina, filho de dona Liberata Rodrigues da Silva herdou de sua mãe as terras da Serra Velha ou Serra do Apon. Raimundo Rodrigues da Silva, seu filho, casado com a senhora Durcelina Rodrigues da Silva também permaneceu nessas terras assim como permaneceram os seus filhos, netos do senhor Prudente e bisnetos da senhora Liberata. Entre eles o senhor Acróbio Rodrigues casado com a senhora Maria Zelina e toda a sua descendência que ainda hoje habita a região da serra.

A senhora Vani Rodrigues da Silva, uma das filhas do senhor Acróbio, participa de nossa pesquisa, por meio de suas narrativas que reafirmam as informações de Pena (2002), a moradora é bisneta de Prudente Rodrigues da Silva e diz com orgulho que o Quilombo Serra do Apon foi formado pelo seu bisavô que se casou com uma índia do lugar. Os ancestrais dos que hoje habitam a Serra do Apon, são os negros que viviam livres na Fazenda Capão Alto, situada próxima à cidade de Castro.

A partir das pesquisas levantadas por Pena (2002), a referida fazenda fazia parte da primeira Sesmaria dos Campos Gerais do Capitão mor José de Góes e Moraes que a vendeu em 1751 ao Convento do Carmo de São Paulo. Em 1770 os Carmelitas retiraram-se do Paraná, deixando por conta dos escravos a fazenda Capão Alto, tendo como administrador o escravo de nome Innocência Não Foge. Gozando de total liberdade, os negros viviam em uma república independente, um quilombo, nas ricas terras dos Carmelitas (Cadernos do Patrimônio, 1982, p. 26).

E a história da região apresenta a religiosidade como marca desde sua formação, pois com grande devoção a Nossa Senhora do Carmo, chamada por eles de “Sinhara”, a quem se reportavam para tudo quanto fosse necessário a ela pediam orientações, tinham para com ela obediência e acreditavam que, como em transe, obtinha da santa a resposta para suas solicitações.

O historiador Eduardo Spiller Pena (1999, 2002), especializado em História Social da Escravidão e História da África e da Cultura Afro-Brasileira, registra que os negros trabalhavam na produção de alimentos, criação de gado que deviam suprir as necessidades dos moradores e abastecer os conventos das Carmelitas no sul de São Paulo. O excedente da produção era vendido em Castro para adquirir outros produtos como roupas, utensílios e ferramentas de uso da fazenda e dos negros. Essa situação perdurou por mais de 100 anos (1751 a 1864), até que por necessidade da ordem religiosa, os padres Carmelitas tiveram que arrendar a fazenda com seus escravos à Casa Comercial Bernardo Gavião Ribeiro e Gavião.

Ainda conforme os Cadernos do Patrimônio (1982, p. 26): “Pelo contrato de arrendamento os negros deveriam ser levados para São Paulo”, mas os mesmos se consideravam livres e obviamente não aceitaram pacificamente voltar à escravidão. Com a forte resistência dos negros os novos proprietários tiveram que recorrer à ajuda da cidade de Curitiba, que destacou uma força policial para obrigá-los a se entregarem aos novos arrendatários da fazenda. Mas ao conferirem a legitimidade dos documentos referentes aos comprovantes de pagamentos de impostos pela firma paulista, as autoridades perceberam irregularidades que impediam a transferência dos negros da Fazenda Capão Alto para São Paulo, matriz da empresa arrendatária. Nesse impasse os negros ganharam mais força, convencidos de que as autoridades policiais e fiscais estavam ao seu favor. “As autoridades sabiam que a documentação da Casa Comercial Bernardo Gavião Ribeiro &

Gavião não estava em ordem, mas não vacilaram, mesmo assim, usaram a força policial contra os escravos de Nossa Senhora do Carmo”. Dessa forma, “a ordem foi mantida e a lei, não” (Cadernos do Patrimônio, 1982, p.29). Mesmo com os altos impostos que a firma devia à Província, os escravos foram levados para São Paulo.

É notável que a maior preocupação das autoridades era evitar que o exemplo dos negros da Capão Alto ecoasse na região como resistência em relação à situação. Esse quilombo terminou em 1864. Destacamos aqui um dos inúmeros exemplos que poderíamos citar pelo país de silenciamento e violência contra os negros nesse período. A expressão “a ordem foi mantida e a lei, não” utilizada nos Cadernos do Patrimônio (1982), além de registrar esse específico cenário da história da constituição do Paraná, registra também um discurso hegemonicamente excludente, injusto e mesmo antiético, que afirma uma suposta ordem de silenciamento a resistência negra em detrimento do cumprimento da lei, do direito, que caberia aos moradores da terra que ali habitavam antes de sua venda.

Nesse sentido, quero destacar alguns momentos históricos e mudanças significativas na legislação do Brasil república, para observarmos os momentos nos quais os quilombos e os quilombolas entraram na cena política do Brasil, em alguma medida ressignificando o que os define e passando ao menos em perspectiva teórica a possuírem políticas específicas para suas realidades.

Apontamentos históricos:

- 1- Nas décadas de 1930/1940, os quilombos entram na pauta de discussão política com a FNF (Frente Negra Brasileira) – movimento definido por seu caráter nacional - com início em São Paulo de 1931 até 1937, data que se transformou em partido político dissolvido posteriormente no governo de Getúlio Vargas. Esse foi um importante movimento de afrodescendentes que atuou no campo sócio-político durante a primeira metade do século XX.
- 2- Final da década de 1970, a temática dos quilombos ganha força no cenário político, durante o processo de redemocratização do país.

Mudanças significativas na Legislação Brasileira:

- 1- Artigo 68 da Constituição de 1988, do ADTC- Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, considerado o primeiro dispositivo legal para garantir aos povos remanescentes de quilombo, os seus direitos.

“Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado a emitir-lhes os títulos respectivos.” (ADCTA,CF/88).

- 2- Decreto nº 4886, de 20 de novembro de 2003, que trata sobre preconceitos até então velados no Brasil que atenuavam a violência racial histórica. Esse decreto soma esforços no sentido de garantir às populações negras direitos já presentes na Constituição brasileira. Possui um caráter universalista e reconhece a condição pluriétnica da sociedade brasileira, especialmente no diz respeito à cultura dos povos tradicionais como indígenas e afrodescendentes, expressa no modo de viver de populações remanescentes. Esse decreto discorre sobre uma proposta de educação e saúde que valorize e reconheça as características pluriétnicas desses povos. Em especial às comunidades quilombolas, destaca a atenção em relação às especificidades desse contexto, tal qual o parágrafo abaixo:
 “Tombamento de todos os documentos e sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos, de modo a assegurar aos remanescentes das comunidades dos quilombos a propriedade de suas terras.” (DECRETO 4886/2003, BRASIL, 2009)
- 3- Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento de identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades de quilombo, definindo no Artigo 2ª que:

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para fins deste Decreto, os grupos étnicos-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

- 4- Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho- OIT, que especialmente nos traz os artigos 13 e 19 da Parte II – Terras, as prioridades a cerca da titulação, garantia de uso dos recursos naturais das terras tradicionalmente ocupadas. Prioridades que se somam com o disposto no artigo 27 do Pacto Internacional dos Direitos das Pessoas Pertencentes a Minorias Nacionais ou Étnicas, religiosas e linguísticas da Organização das Nações Unidas.

Na Convenção 169, fora registrada a questão do cercamento das garantias plenas a que os povos tradicionais têm direito. Nota-se que as comunidades remanescentes de quilombos são parte dos povos e terras tradicionalmente ocupados e a interpretação de seus territórios é claramente descrita nessa Convenção, a fim de fazer valer essa lei acima de toda e qualquer especulação ideológica.

Mesmo com a oportunidade e força simbólica destacada na própria Convenção de 169 citada anteriormente, que garante a utilização dos recursos naturais das terras tradicionalmente ocupadas junto com as mudanças desde a Constituição de 1988 com o Artigo 68, existe muito a transformar tal qual a afirmação de Leite (1999):

O projeto, de cidadania dos negros encontra-se hoje fortemente ameaçado. Seja porque a grande quantidade de casos levantados desde então surpreendeu os órgãos designados para coordenar o processo, seja porque o processo em si esbarra em interesses das elites econômicas envolvidas na expropriação de terras, no desrespeito às leis e nas arbitrariedades e violências que acompanham as regularizações fundiárias (...) (LEITE, 1999, p. 141-142).

Diante do exposto analisando criticamente os processos históricos e as mudanças existentes na legalidade brasileira relacionadas às comunidades remanescentes de quilombos, retomamos a incômoda ideia de que existe o silenciamento da história da escravidão no Paraná, bem como não existe a valorização suficiente da participação do povo negro na constituição deste estado, deslocando isso mais especificamente para a região na qual se situa a comunidade participante desta pesquisa a CRQ- Serra do Apon. A mesma enfrenta desde seu processo de surgimento e formação, um certo sufocamento imposto pelas narrativas daqueles que contam a história seguindo o viés hegemônico dos colonizadores, que tentam calar as vozes dos sujeitos negros pertencentes a esses territórios.

A comunidade remanescente de quilombo Serra do Apon está localizada numa região com relevo recortado coberta por uma vegetação de gramíneas, que serve de alimentação para o gado. Há destaque para as matas de araucárias e outros tipos de árvores nativas que se sobressaem em alguns pontos mais altos. Predominam plantações de pinos, áreas mecanizadas, criação de gado em lotes com pequena área rural. Segundo os moradores do lugar, participantes de nossa pesquisa, no início do século XX havia uma vegetação abundante com mata fechada de araucárias e outras madeiras de lei, que com a introdução do agronegócio, foi sendo alterada e reduzida a capões perdidos que podem ser vistos a distância.

É possível observar que os rios da região, que banham a Serra do Apon, apresentam hoje pouca correnteza em função do assoreamento provocado em parte pela mecanização, além da poluição com agrotóxicos. Comenta-se que os rios eram fundos e serviam para banhos, atualmente é possível atravessá-los a pé. Diversos grupos étnicos compõem a comunidade local, parte se dá com o grupo de negros que vivem a mais de quatro gerações nesse lugar. Um espaço social onde as pessoas convivem e tomam decisões, organizam festas e reuniões, garantindo a solidariedade e convivência de grupos culturalmente constituídos.

Segundo relatos dos moradores da comunidade, até pouco tempo, não vivia isoladamente. Antes os roçados eram feitos em grupos chamados de puxirão/mutirão; todos trabalhavam durante o dia com animadas conversas e cantorias e ao cair da noite festejavam com baile, oferecido pelo dono do roçado, em pagamento do trabalho realizado na lavoura.

Alimentavam-se costumeiramente de cuscuz de milho e quirera com carne de porco. A carne de porco era cozida e armazenada com a gordura para ser utilizado em períodos mais longos, devido à dificuldade de conservação. Os negros que viveram na comunidade produziam a esteira de piri e taquara para usarem nos ranchos e serviam de leite. Na vila do Socavão vendiam ou trocavam parte das esteiras com outros produtos que necessitavam como tecidos, açúcar, sal, querosene e remédios. Para chegarem à vila, caminhavam por quase dois dias levando os produtos nas costas, a pé pelo meio da mata fechada, retornando pelo mesmo percurso. Isso se repetia quando faleciam membros da família, que eram levados nas costas para serem enterrados na vila Socavão. Atualmente, seguindo relatos narrativos de Rozilda Cardoso, esses hábitos permanecem no cotidiano da comunidade com algumas alterações em relação ao transporte, por exemplo, hoje há a alternativa de uma linha de ônibus que passa pela região uma vez ao dia, deslocando os moradores até a vila do Socavão para passarem o dia resolvendo questões de necessidades básicas como: compras, visitas e lazer.

A CRQ – Serra do Apon se configura um território de resistência em relação à escravidão que ocorreu na região e ao longo das narrativas produzidas por e com esses sujeitos, alguns aspectos da formação da comunidade em relação à história de formação, saberes (rezas e artesanatos) e outros hábitos cotidianos de sobrevivência que misturam-se e confundem-se.

CAPÍTULO 2- POSSIBILIDADES DE CONEXÃO ENTRE OS “FRAGMENTOS”: CONCEPÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

“Por aqui o contexto de pesquisa não é descoberto, mas engendrado. Ele nasce desses atos de rebeldia e insubmissão, das pequenas revoltas com o instituído e aceito, do desassossego em face das verdades tramadas, e onde nos tramaram. Mas, como é que se faz isso? Como é que nos tornamos fortes para explodir as formas como lemos, compreendemos, pensamos?”

(CORAZZA, 1996, p. 119)

O fragmento usado como epígrafe nos remete a pensarmos como é complexo escolher, adequar e optar por determinada metodologia que norteie uma determinada pesquisa. Planejar em pensamento, imaginar, não requer metodologia sistematizada, logo parece mais fácil. Contudo, como embasar teoricamente subjetividades tão complexas, como a intenção de traduzir as narrativas produzidas por outros distantes, em certa medida, de minha realidade? Como estruturar academicamente a compreensão e a relação dialógica com o outro?

Diante dessas reflexões e com o auxílio de leituras direcionadas cheguei à Metodologia Comunicativo-Crítica (MCC), que por sua vez privilegia os sentidos atribuídos pelas pessoas que vivem os cotidianos e a experiência existente no interior dessa vivência. Retomamos aqui nosso principal problema de pesquisa, que visa compreender como está constituída a memória dos sujeitos pertencentes à CRQ-Serra do Apon, sob a perspectiva de seus olhares e observamos que nossa proposta vai ao encontro da MCC, por considerar o sentido que os sujeitos pertencentes à comunidade pesquisada percebem e significam sua vida cotidiana.

Tal qual mencionamos anteriormente, foram produzidas narrativas orais interpretadas basicamente pela metodologia escolhida e para interpretar as narrativas visuais utilizamos como suporte o pressupostos da cultura visual crítica. Acreditamos que encontrar uma metodologia, trilhar um caminho metodológico, significou na construção desse trabalho, mais do que selecionar formas adequadas de analisarmos e nos aproximarmos do “objeto” investigado. Pensamos como Gabassa (2009, p. 79) ao nos afirmar que “não escolhemos apenas uma maneira de fazer pesquisa, mas também de estar no mundo, de compreendê-lo, construí-lo e reconstruí-lo com quem vive a dimensão da realidade por nós estudada”.

A ideia de analisar para compreender as narrativas produzidas pelos sujeitos pertencentes à CRQ- Serra do Apon surgiu do incômodo frente à riqueza de seus relatos, que entre nossas conversas apresentaram elementos da história antropológica e sociocultural desse local e a escassez de materiais que registraram isso. Além disso, constatamos a disposição e o desejo da própria comunidade em participar, em ter suas falas registradas quando conversei com eles sobre a intenção

da pesquisa. Esses aspectos foram detectados, registrados e tornaram-se dados para nossa análise e subsídio para a escrita deste trabalho.

2.1 Metodologia e caracterização de seus elementos

O presente trabalho seguiu as orientações básicas estabelecidas em relação à ética de pesquisa que envolve pessoas. Utilizamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (TCLE): assinatura dos sujeitos que narraram suas histórias e disponibilizaram suas imagens para análise e problematizações desse estudo (**Anexo A**), que fora submetido e analisado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (COEP) da Universidade Estadual de Ponta Grossa e fora aprovado pelo Parecer Consubstanciado do Comitê COEP (**Anexo B**) em 29/10/2016, sob o processo de número CAAE: 60101616.2.0000.0105.

A problematização da pesquisa tomou rumos diferentes no contato e nos encontros com a comunidade pesquisada, mudou-se o olhar, transformou-se a percepção das subjetividades implicando na busca da melhor forma de analisar o material que foi sendo apresentado por esses sujeitos.

Sendo assim, a pesquisa etnográfica participativa com abordagem qualitativa atendeu à necessidade de considerar o contexto cultural dos sujeitos pertencentes à comunidade, bem como nos permitiu a nos familiarizarmos com o contexto em que viviam e agenciarmos com os mesmos a cada encontro e a cada narrativa registrada, Telles (2001).

Utilizamos técnicas normalmente utilizadas em pesquisas etnográficas como: observação participante, a entrevista intensiva e a análise de alguns documentos colhidos por mim e por meu olhar em relação aos contextos nos quais estive presente.

2.2 Pesquisa do tipo etnográfica, qualitativa e participativa

Primeiramente, propomos algumas perspectivas do que caracteriza uma pesquisa etnográfica e o que ela significa, para posteriormente refletir e discutir sobre os procedimentos que utilizamos na execução de nosso trabalho.

De acordo com Mattos (2011), a etnografia consiste em uma investigação científica que contribui para pesquisas qualitativas, etimologicamente a palavra significa “descrição cultural” e de acordo com Geertz (1989) o termo possui dois sentidos. Primeiramente com sentido de técnica utilizada para gerar dados relacionados aos valores, aos hábitos, às crenças, às práticas e aos comportamentos de um grupo social e em um segundo momento pode ser um relato escrito como

resultado do emprego das técnicas utilizadas na geração dos dados. As pesquisas etnográficas são utilizadas especialmente por aqueles que se interessam pelos estudos das desigualdades sociais e dos processos de exclusão.

Etnografia implica em: 1) preocupar-se com uma análise holística ou dialética da cultura; 2) introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica e modificadora das estruturas sociais; 3) preocupar-se em revelar as relações e interações significativas de modo a desenvolver a reflexividade sobre a ação de pesquisar, tanto pelo pesquisador quanto pelo pesquisado. (MATTOS, 2011)

A pesquisadora destaca ainda que a utilização de técnicas e procedimentos etnográficos não seguem padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim o senso de que o etnógrafo constrói a partir do trabalho de campo dentro do contexto social dos sujeitos pesquisados. Se o trabalho de campo é o foco principal do método, entendemos que fotografias e filmes dos informantes no seu contexto de mundo podem ser utilizados como fontes de informações. No caso de nossa pesquisa, utilizamos também as fotografias produzidas por alguns participantes além das narrativas orais, as histórias e relatos de vida apresentados pelos moradores, a fim de delinear a ideia de memória dos mesmos.

Ainda de acordo com Mattos (2011) os dados são gerados e analisados simultaneamente visando obter respostas às questões que surgem para compreendermos o modo de vida das pessoas a partir de suas respectivas perspectivas. Essa análise tem por principal finalidade extrair temas e obter um entendimento profundo de valores e crenças que guiam as ações e até mesmo explicam o porquê dos dados gerados pelos sujeitos envolvidos.

Logo, observe que ao escolher esse tipo de pesquisa volta-se o olhar para o aspecto cultural de determinado grupos sociais, hábitos, crenças, valores, práticas, linguagens, significados e entre outros aspectos. Pautamos nosso trabalho na pesquisa do tipo etnográfica e não etnográfica em sua totalidade ou sentido estrito, pois há necessidade de adaptações e técnicas que possibilitem a abordagem dos diferentes aspectos que intentamos conectar dentro da pesquisa. Usualmente a pesquisa etnográfica associa-se a utilização da observação participativa, das entrevistas intensivas e da análise de documentos na estruturação dos trabalhos realizados.

O artigo “*Etnografia como prática e como experiência*”², produzido José Guilherme Cantor Magnani (2009) problematiza sobre dois conceitos utilizados na etnografia a “prática

² Para ler o artigo completo acessar: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a06.pdf>>. MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez., 2009.

etnográfica” e a “experiência etnográfica” afirmando que estes se entrelaçam e complementam-se na produção de uma pesquisa delineando a etnografia produzida em campo. O autor afirma que:

Enquanto a prática é programada, contínua, a experiência é descontínua, imprevista. No entanto, esta induz àquela, e uma depende da outra, propiciando, de certa forma, o que Lévi-Strauss (1976, p.37), na obra *O pensamento selvagem*, denomina de o direito de seguir. [...] podemos postular que a etnografia é o método próprio de trabalho da antropologia em sentido amplo, não restrito (como técnica) ou excludente (seja como determinada atitude, experiência, atividade de campo). Entendido como método em sentido amplo, engloba as estratégias de contato e inserção no campo, condições tanto para a prática continuada como para a experiência etnográfica e que levam à escrita final. Condição necessária para seu exercício pleno é a vinculação a escolhas teóricas, o que implica não poder ser destacada como conjunto de técnicas (observação participante, aplicação de entrevistas, etc.) empregadas independentemente de uma discussão conceitual. (MAGNANI, 2009, p. 136)

É preciso entender e registrar, tal qual nos relembra Magnani (2009), que a etnografia é um método e não uma mera ferramenta de pesquisa. Dentro desse método existe a interação entre objeto pesquisado e pesquisador; e aqui “encaixamos” nosso trabalho, pois o pesquisador é atuante na geração e na análise dos dados. Os dados são gerados e mediados pelo instrumento humano, ou melhor, o olhar do pesquisador.

De acordo com os pesquisadores Silveira e Córdova (2009), o cientista ao mesmo tempo é sujeito e objeto de suas pesquisas, isto é, a pesquisa se desenvolve com caráter imprevisível, pois o conhecimento do pesquisador é limitado, em alguns casos e circunstâncias torna-se insuficiente para a interpretação. Naturalmente como cientista o pesquisador recorre a outros aportes teóricos e técnicas para interpretar, compreender e entender os dados e as situações apresentadas. Contudo, mencionamos isso para que possamos ter ideia da complexidade de trabalhar com o humano entre seus fragmentos e dimensões.

Uma vez que esse instrumento humano permite uma resposta ativa às circunstâncias que o cerca adaptando as técnicas de geração e realizando constante revisão nas problematizações de pesquisa, isso permite constantes deslocamentos e manifestações dos sujeitos dentro do espaço da pesquisa. A revisão da metodologia na pesquisa acontece concomitante ao seu desenvolvimento possibilitando alteração dos rumos nos caminhos de pesquisa com flexibilidade. Concordamos com o que afirma Magnani (2009) de que há um complemento entre a prática etnográfica que é programada e contínua com a experiência etnográfica, que por sua vez apresenta um caráter descontínuo e imprevisto. Assim, pensamos essa complementação como uma espécie de possibilidade de não afastar a pesquisa das imediações da vida, mas sim estruturar, e no caso

específico de nossa pesquisa, conectar os fragmentos apresentados a partir dessas imediações de vida numa teia de memórias.

Em nosso trabalho os olhares dos sujeitos envolvidos na pesquisa contribuíram para a escolha dos caminhos que percorremos. Segundo Rocha (2006, p. 99), além de enxergar a etnografia como a “descrição dos costumes de um povo ou tratado sobre as gentes”, faz-se necessário também entendê-la “como categoria de pensamento e ação performativa”. Então ela apresenta um processo epistemológico que vai do campo de pesquisa ao texto, considerando as dimensões metodológicas, ritualísticas e cognitivas no processo, registrando o aspecto reflexivo das narrativas tanto em suas produções como interpretações.

A ideia de que a etnografia foca naquilo que está acontecendo e não no resultado final ou nos produtos que o processo possa gerar suscita questionamentos que são feitos no decorrer da pesquisa tais como: o que caracteriza esse fenômeno? O que está acontecendo nesse momento? E como tem evoluído?

Nesse sentido influenciemos e fomos influenciados quanto aos caminhos percorridos e os fragmentos escolhidos para a construção da presente pesquisa. Seguindo nosso objetivo principal de compreender como está construída a memória da CRQ-Serra do Apon a partir das narrativas orais e visuais produzidas por esses sujeitos, repensamos o processo durante e contato com a comunidade. A princípio, por despreparo quanto à prática de pesquisa me surpreendi com a quantidade e conteúdo das narrativas generosas que me foram espontaneamente fornecidas pelos moradores da comunidade e debrucei-me para apresentar esses dados da melhor forma possível.

Outro aspecto que destacamos em relação à pesquisa etnográfica, trata da preocupação com o significado, com a maneira própria com a qual os sujeitos se percebem, veem a si mesmos, vivem e interagem com seu entorno. Diante disso o pesquisador precisa registrar a forma singular com a qual os pesquisados manifestam suas percepções e concepções de mundo, apreendendo e retratando o olhar dos pesquisados envolvidos no processo.

A pesquisa etnográfica envolve o trabalho de campo, remetendo o pesquisador a se aproximar de pessoas, situações, eventos e locais mantendo com esses um contato direto e prolongado. Esses fatores devem ser observados e considerados de forma relevante e natural, trazendo um aspecto de naturalidade à pesquisa. A aproximação com os sujeitos aqui pesquisados ocorreu, primeiramente, em contatos informais, visitas às casas, principalmente do núcleo familiar da Rozilda Cardoso Oliveira, eventos organizados pela comunidade como bazares ou em respectivas datas comemorativas como o Dia Nacional de Celebração da Consciência Negra (20 de novembro), por exemplo. Assim como em encontros pré-determinados com data e horário agendado de acordo com a disponibilidade dos participantes de pesquisa.

Necessitamos de um ano de observação participativa, considerando as conversas em momentos ditos informais, utilizamos na pesquisa conteúdos dessas conversas como um conectivo entre as narrativas, cientes de ter a autorização prévia dos sujeitos da comunidade conforme requerem os procedimentos formais de pesquisa. A geração dos dados ocorreu após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual de Ponta Grossa e mediante a assinatura do Termo de Livre Consentimento e Esclarecimento. Considerando Duarte (2002), o relato e registro de todo o percurso de pesquisa permite que outros (re)façam esse percurso, avaliando com mais segurança de acordo com seu olhar o caminho percorrido.

(...) durante a realização de uma pesquisa algumas questões são colocadas de forma bem imediata, enquanto outras vão aparecendo de acordo com o trabalho de campo. A necessidade de dar conta dessas questões para poder encerrar as etapas da pesquisa frequentemente nos leva a um trabalho de reflexão em torno dos problemas enfrentados, erros cometidos, escolhas feitas e dificuldades descobertas (DUARTE, 2002, p. 140).

Para Silveira e Córdoba (2009), a pesquisa qualitativa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, portanto, o foco acontece na explicação e na compreensão da dinâmica das relações sociais. A partir da investigação dos significados do universo subjetivo, o objetivo da mostra considerada é produzir informações aprofundadas e ilustrativas, seja pequena ou grande, o que importa é que essa amostra seja capaz de produzir novas informações, Córdoba (2009).

Esclarecendo ainda mais, de acordo com o pensamento desses pesquisadores:

Vale reafirmar que a confiabilidade e legitimidade de uma pesquisa empírica realizada nesse modelo dependem, fundamentalmente, da capacidade de o pesquisador articular teoria e empiria em torno de um objeto, questão ou problema de pesquisa. Isso demanda esforço, leitura e experiência e implica incorporar referências teórico-metodológicas de tal maneira que se tornem lentes ao dirigir o olhar, ferramentas invisíveis ao captar sinais, recolher indícios, descrever práticas e atribuir sentido a gestos e palavras, entrelaçando fontes teóricas e materiais empíricos como quem tece uma teia de diferentes matizes. Tal é, a meu ver, a aventura da pesquisa científica (DUARTE, 2002, p. 152).

Sendo assim, concordamos com Silveira e Córdoba (2009) no sentido de que a abordagem qualitativa não denota um modelo único de pesquisa para todas as ciências e sim cada pesquisa pressupõe sua metodologia própria, com suas peculiaridades e aspectos singulares, a fim de compreender determinado grupo social.

Lançamos a ideia de como podemos olhar determinado grupo social. O olhar perceptível da observação cotidiana constitui-se em um exercício cotidiano, pois podemos dizer que o olho é um órgão natural e assim olhamos as coisas, desconsiderando outras circunstâncias e condições desfavoráveis, olhamos e vemos tudo que existe. O olhar, por sua vez, é desenvolvido socialmente

construído na experiência perceptiva por meio do exercício do olho (que vê). Ou seja, acreditamos que a imparcialidade relativa, quanto aos valores e a visão de mundo do pesquisador em relação aos sujeitos pesquisados, deve ser conquistada com a prática, com o desenvolvimento da pesquisa e coleta de dados. Contrapondo-se a isso, alguns autores como Silveira e Córdova (2009, p. 31-32) declaram que “pesquisadores qualitativos negam o padrão positivista aplicado ao estudo da vida social, visto que o pesquisador não pode lançar julgamentos ou permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa”.

A CRQ – Serra do Apon é constituída por algumas famílias com membros de diferentes gerações, as gerações mais jovens são receptivas aos ensinamentos dos mais velhos e trazem consigo essa tradição da oralidade. Essa memória “contada” é registrada pela consciência e pelo tempo. A ansiedade em não perder nada do que se é dito, contemplando toda essa realidade e registrando essas memórias da forma mais próxima ao observado e vivenciado, em alguns momentos da pesquisa trouxe dificuldades para que eu me posicionasse e me localizasse dentro do processo, no sentido de influenciar o mínimo possível as narrativas orais e visuais geradas pelos sujeitos de pesquisa. Deixei meu olho – órgão natural que mencionei anteriormente – ver e perceber, mas permitir a construção de um olhar sob essa comunidade no processo de interação com esses sujeitos.

A partir da leitura dos autores que mencionei e utilizei nessa pesquisa compreendi que o pesquisador usa de dados descritivos tais como as situações vivenciadas, as pessoas, os depoimentos, os diálogos e as situações que são por ele reconstruídos tanto na forma de palavras como em transcrições literais, exatamente como utilizamos na análise dos dados gerados neste trabalho.

Considerando que ao se tratar de pessoas, cada qual tem seus paradigmas e suas percepções de mundo enraizadas em sua formação e entendendo o deslocamento, a flexibilidade ou até mesmo a atitude fenomenológica em deixar de lado esses paradigmas e observar com certa neutralidade o campo de pesquisa e todo o processo, faz-se um exercício praticado pelo pesquisador na construção de seu trabalho.

Diante das necessidades de o presente trabalho considerar a subjetividade e principalmente a singularidade dos participantes e da comunidade como um todo, concordamos com Souza e Vóvio (2010, p.7), ao afirmar a necessidade de aproximar o pesquisador com as histórias e práticas declaradas dos sujeitos de pesquisa, suas realidades e condições socioeconômicas por meio de uma variada geração de dados. A partir dessa necessidade propomos um plano de pesquisa aberto e flexível que se encaixou na pesquisa etnográfica, por possibilitar a formulação de hipóteses, conceitos, abstrações e teorias. Inicialmente pretendíamos tratar do tema memória considerando

somente as narrativas orais, no contato com os membros da comunidade observamos a poucos registros visuais como imagens fotográficas desses sujeitos tanto registros familiares como registros em sociedade.

Muitos dados estavam sendo gerados e eis outro incômodo e problema na construção da pesquisa: como esse material seria analisado? Como enquadrar uma pesquisa em determinada metodologia considerando que há várias técnicas e instrumentos utilizados na sua elaboração? Como não impregnar o processo com nossos preconceitos e percepções de mundo? Esses incômodos foram registrados em um diário de pesquisa, com muitas notas carregadas das subjetividades da pesquisadora autora, mas que por fim em alguma medida integraram o trabalho. A utilização do diário de pesquisa permitiu que recorrêssemos a alguns aportes da metodologia crítico colaborativa.

O diário de pesquisa, como recurso na produção de dados, ou como alguns autores denominam as notas de campo, de acordo com Braga, Gabassa e Mello (2010), corresponde a uma espécie de diário aberto composto por observações, reflexões, interpretações e explicações próprias do pesquisador (a) a partir do diálogo com os participantes envolvidos na pesquisa.

Assim ao considerarmos o diário de campo dentro da observação, constatamos que o mesmo funciona como instrumento de pesquisa qualitativa eficiente e adaptável dentro dos contextos em que se insere. Na construção dessa pesquisa houve a necessidade de não somente observar, mas também de participar conforme mencionamos anteriormente.

As narrativas conectaram-se ao longo do processo de maneira orgânica, visto que o saber acadêmico não foi sobreposto ao saber dos pesquisados, prevalecendo assim uma troca de informações. O conhecimento que apresento foi construído considerando uma via de mão dupla, tal qual, nos afirma Paulo Freire (1997), uma das referências que fornece embasamento a Metodologia Comunicativa Crítica utilizada neste trabalho, o “conhecimento emerge apenas através da invenção e reinvenção, através de um questionamento inquieto, impaciente, continuado e esperançoso de homens no mundo, com o mundo e entre si”.

Há de fato, uma miríade de métodos qualitativos de pesquisa. E, para transcrever os conteúdos dos diversos tipos de dados gerados nas conversas verbais (entrevistas semiestruturadas com um único respondente, narrativas episódicas, entre outras) utilizei a transcrição literal. A fim de transcrever as narrativas orais gravadas ora em áudio de celular ora câmera digital. Este método permite ser fidedigno à narrativa. Nesse momento do processo me perguntei, mas o que é transcrever? Havia tido contato com pesquisas acadêmicas que tratavam do tema nas disciplinas cursadas no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa na qual se integra esta pesquisa, mas queria algo mais literal, algo que apresentasse

uma raiz etimológica. Não que me sinta na autoridade de questionar as construções de conhecimentos acadêmicos, mas posto que a Metodologia escolhida postule um caminho narrativo sem se ater à forma específica com a qual se o diz e o que se ouviu, recorri a uma fonte que traz o sentido etimológico do termo. Segundo o dicionário Houaiss (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2009, p. 1866) transcrever é “escrever novamente (um determinado conteúdo) em outro lugar; transladar, copiar, reproduzir” ou “passar para o papel ou equivalente (algo) que está sendo ouvido (p. ex., um texto de discurso, uma música, etc.)”. Desta maneira acredito justificar a forma em que as narrativas orais de nossos participantes de pesquisa foram reproduzidas e transcritas.

A comunidade remanescente de quilombo Serra do Apon participou da pesquisa em dois aspectos: primeiramente de forma coletiva, no sentido de comunidade propriamente dita, pois os encontros dos quais participei tratavam de questões relacionadas ao funcionamento burocrático da comunidade e nesses momentos os dados gerados foram seminais na compreensão da memória desses sujeitos. Ainda, a relação mantida entre eles, a relação deles diante de minha presença e a dinâmica do respeito dos sujeitos mais novos para com os sujeitos mais velhos, também foram registradas em nossa pesquisa. Por outro lado, em um segundo momento, algumas narrativas de pessoas específicas foram selecionadas a partir da posição da própria comunidade. Por exemplo, quando a Sra. Vanir contava algo sobre o modo de viver dos antepassados ou mesmo da rotina de hoje, alguns presentes me olhavam e diziam: Anota isso aí no seu trabalho! E assim foi feito, ora de maneira direta, ora de maneira indireta.

Outro exemplo, quando Rozilda, representante jurídica da comunidade, falava com um ou outro esclarecendo sobre questões de acesso a saúde, como marcar uma consulta médica, uma maneira de conseguir transporte ou algum item de necessidade básica. Ou ainda quando informava a respeito das políticas públicas ou ações voltadas a esse território, imediatamente ela me alertava para tomar nota e dizia: Essa é a realidade de nossa gente! Essa é nossa luta!

Dessa forma participaram da pesquisa de maneira “direta” 7 pessoas, 5 mulheres e 2 homens com faixa etária e escolaridade variada. Subentendem-se por maneira “direta” conversas gravadas em áudio, perguntas sobre memórias de vida na forma de entrevistas semiestruturadas/livres e alguns registros fotográficos dessas memórias. Talvez esteja sendo repetitiva, mas cabe ressaltar que os registros fotográficos foram produzidos pelos participantes utilizando uma máquina fotográfica e um dos participantes, por escolha pessoal, utilizou seu próprio aparelho celular. O tempo de produção das imagens foi aproximadamente 2 meses a partir da seguinte pergunta: O que está marcado nas memórias de vocês em relação a Serra do Apon? Talvez a pergunta pudesse ter sido mais elaborada, mas foi o que despertou a reflexão nos sujeitos participantes da pesquisa para que produzissem os registros de suas memórias.

Os sujeitos de pesquisa são apresentados ao longo do trabalho com destaque para suas narrativas. Para geração e análise dos dados, utilizamos os aportes metodológicos escolhidos no percurso desse caminho de mapeamento e compreensão das memórias dessa comunidade.

Diante o apresentado, concordamos com o que enfatiza Martins (2004, p. 284), “a análise qualitativa privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais ou grupais, realizando um exame intensivo de dados e sendo caracterizada pela heterodoxia no momento da análise”.

Intervir, significar, (re) significar e (re) inventar conceitos e ideias ao longo da pesquisa apresentou-se como desafios. O apoio de todos os membros da comunidade foi essencial, em especial uma de suas lideranças, mulher, negra, mãe e militante da causa quilombola que abraçou a pesquisa auxiliando e colaborando na coleta de dados. Suporte crucial diante das diversidades e adversidades encontradas, mais adiante descreverão tais pluralidades a fim de situar nosso leitor.

De acordo com Luna (2011, p.23), “a imersão na realidade e o compromisso com ela são sempre produtivos em termos de ação relevantes”, contudo “não é suficiente para caracterizar a pesquisa”. Logo, a proposta de uma pesquisa flexível mostra-se receptiva a possíveis alterações e ajustes referentes à metodologia utilizada com intuito de registrar da forma mais fidedigna, correta e autêntica da realidade do ambiente pesquisado.

Entendemos que a pesquisa etnográfica permite novos conceitos e novas leituras de determinada realidade, porque os núcleos de investigação podem ser observados e avaliados permanentemente, tornando possível que as técnicas de geração de dados, os instrumentos e os aportes teóricos sejam revistos e repensados ao longo do processo.

2.3 Metodologia Comunicativo– Crítica (MCC)

Após a leitura de vários textos tanto na realização das disciplinas do programa de mestrado em estudos da linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa, bem como, em leituras paralelas, relacionadas a interesses pessoais, me deparei com uma metodologia que propõe uma forma diferente de se produzir o conhecimento científico a partir da manutenção da intersubjetividade. Compreendemos intersubjetividade como um componente essencial para o desenvolvimento da condição humana por ser uma dimensão relacional estabelecida entre as pessoas e suas circunstâncias provendo proximidade nas e das relações.

Consideramos para essa pesquisa a realidade social como uma construção humana por meio da interação e da compreensão mútua, em perspectiva subjetiva, pois cada consciência se

constitui nas ações coletivas. Ao encontro de nossas reflexões acerca de memória e sua construção coletiva, bem como, individual pelas narrativas produzidas pelos participantes de nossa pesquisa.

Sustentada principalmente nos pensamentos de Habermans (1987) acerca da Ação Comunicativa e na Ação Dialógica proposta por Paulo Freire (1997), nota-se que a intersubjetividade é considerada o objeto de ação.

Denominada de Metodologia Comunicativo-Crítica (MCC) foi criada na Universidade de Barcelona e elaborada pelo Centro Especial de Investigação Superadoras de Desigualdades (CREA) Braga Gabassa e Mello (2010). Essa metodologia apresenta-se ontologicamente comunicativa, visto que a realidade é construída pelos significados que as pessoas atribuem às coisas ao interagirem com as mesmas. E, epistemologicamente dialógica posto que o conhecimento científico forma-se pelo diálogo entre as pessoas que pesquisam e as pessoas pesquisadas em condições de igualdade.

A intenção da MCC pauta-se em estudar as intenções das ações humanas a partir das perspectivas das próprias pessoas, considerando que as ações e os fenômenos sociais são construídos basicamente pelos indivíduos, sendo a ação humana a qual os sujeitos vinculam um sentido subjetivo, sendo este o significado característico desta conduta.

Logo, pautados nos estudos de Gómez et al. (2006) sobre a metodologia, essa ao fundamentar-se na compreensão e na interpretação da realidade social e não somente na sua descrição ou explicação, faz emergir situações em que não é relevante a relação causa-efeito, nem a distância “científica” entre sujeito e objeto da investigação, focando em conhecer como os sujeitos constroem a realidade social e a qualificam.

A escolha da Metodologia Comunicativa Crítica, segundo Gabassa (2009), representa não apenas uma escolha metodológica em si, mas uma opção e um compromisso diante das desigualdades vividas no mundo. Representa uma escolha como cidadã, professora, mulher e pesquisadora no mundo. Uma escolha não apenas de denúncia de realidade, mas de possibilidades e compromissos com a realidade e com os sujeitos investigados além de uma construção vivida e compartilhada.

O aprendizado dialógico, apesar de ser uma concepção muito utilizada na educação, transpõe o espaço educacional tradicional, entenda-se aqui a sala de aula, visto que se interliga à interação e à comunicação que são fatores chaves da aprendizagem e estão presentes em todas as relações que envolvem humanos. Por meio de um diálogo dirigido, é possível alcançar acordos em âmbitos de realidade, as pessoas resolvem situações problemáticas e aprendem a alcançar uma compreensão mais complexa de mundo, Aubert et al. (2010).

Considerando nosso intuito de compreender como está construída a memória de sujeitos pertencentes à CRQ-Serra do Apon a partir de suas narrativas, encontra-se com a concepção

comunicativa crítica em relação à ideia de construção. Essa metodologia se move em uma dupla teoria da ação, ou seja, sujeito e sistemas. Da mesma forma que determinadas metodologias consideram sujeito e estruturas sociais.

Gómez et al. (2006) propôs avançar o conceito de aprendizagem dialógica para a pesquisa intentando outras possibilidade de interpretar a realidade não mais priorizando os saberes acadêmicos próprios da cultura dominante. Assim a Metodologia Comunicativo-Crítica (MCC) supera a relação dicotômica entre objeto/sujeito por meio da intersubjetividade como categoria e da criticidade por fazer provocar reflexão e autorreflexão dos sujeitos e da sociedade.

Segundo Gómez et al. (2006, p.106) as metodologias tradicionais utilizadas em pesquisas problematizam a dicotomia sujeito/objeto também de forma tradicional e a MCC desloca essa problematização repensando e imprimindo um novo colorido à realidade, ou melhor, uma nova forma de ler e olhar uma nova configuração de sociedade. A partir das transformações que vem ocorrendo na sociedade industrial surge a perspectiva comunicativa permitindo às pessoas serem as autoras de suas próprias biografias no arranjo da sociedade de informação. Concordamos com o autor que as metodologias tradicionais tratam os participantes como “objetos de pesquisa”, elaboram problemas que “correm paralelos à realidade”, contudo, não são suficientes para entendê-las por não incluir as vozes daqueles que estão construindo e delineando a realidade.

Procurei ouvir os integrantes da comunidade e compreender suas memórias a partir de suas narrativas que por sua vez foram produzidas sem regras pré-estabelecidas e/ou impostas. Logo, esse trabalho alinha-se com o paradigma comunicativo por substituir o conceito de objeto / sujeito pela intersubjetividade e com o paradigma crítico porque requer constante reflexão e autorreflexão no percurso de todo o processo de pesquisa.

Inevitável refletirmos acerca da exclusão, sim exclusão e omissão da perspectiva daqueles que efetivamente produzem a história na CRQ-Serra do Apon, sujeitos cujas memórias predominantemente são contadas por pessoas que não fazem parte ou que têm pouco ou nenhum contato com a comunidade. Diante isso, nos perguntamos como pode alguém de fora retratar o que é tão de dentro? Esse foi outro aspecto que confirma nossa opção metodológica.

Sendo a proposta da MCC a de valorizar nos participantes suas capacidades de linguagem e ação, tendo uma dimensão epistemológica dialógica na qual os enunciados científicos são produtos de diálogos. Entendemos que partir da perspectiva dos sujeitos acerca de memória possibilita autenticidade e coerência aos dados configurando uma realidade social interativa e comunicativa.

Utilizamos em nossa pesquisa algumas das principais características da MCC Braga Gabassa e Mello (2010, p. 73-74):

- Não ter hierarquia interpretativa: considera que todos (as) são capazes de interpretar a realidade em que vivem, não há uma interpretação superior à outra, nem mesmo aquela da pessoa investigadora;

- Igual nível epistemológico: continuação da característica anterior visando que é importante o (a) pesquisador (a) participar do processo comunicativo no mesmo plano de igualdade que as pessoas participantes, levando para o diálogo as suas vivências e saberes, podendo contrastar as teorias e investigações científicas;

- Conhecimento dialógico: foca no conhecimento dialógico, que integra a dualidade sujeito/objeto por meio da intersubjetividade e a capacidade de reflexão e autorreflexão, tendo como base a interação entre as pessoas, construindo um conhecimento na comunicação e no diálogo, e não em cima do poder.

Além disso, utilizamos as técnicas de geração de dados proposta pela própria metodologia, que por sua vez propõe que essas sejam aplicadas de forma dialógica e não de forma instrumental como em outras metodologias. Na prática, significa o estabelecimento da relação mediada pelo diálogo e não pelo estabelecimento de poder. A relação sujeito/objeto é construída com o mínimo de sobreposições de saberes. Sendo assim, toda a construção da presente pesquisa pautou-se nos pressupostos mencionados no parágrafo anterior seja na coleta dos dados narrativos, nas anotações dos relatos de vida comunicativos ou nas conversas com os sujeitos que se dispuseram em participar do trabalho.

Nesse sentido, Braga, Gabassa e Mello (2010) explicam que se devem priorizar as pretensões de validade em detrimento as pretensões de poder, pois assim, encontra-se em um mesmo plano a palavra do pesquisador com estudos acadêmicos e a palavra do pesquisado sem estudos acadêmicos sugerindo o princípio do conhecimento dialógico.

(...) pode-se iniciar o processo de investigação considerando de uma questão de pesquisa, uma possível hipótese para a problemática, um levantamento bibliográfico acerca do tema e uma delimitação do marco teórico. Em seguida, passa-se dois momentos significativos de uma investigação: a coleta de dados e a análise com destino à obtenção dos resultados (BRAGA GABASSA E MELLO., 2010, p. 74).

E ainda, na metodologia comunicativa as análises, sejam dos dados qualitativos ou quantitativos, são feitos a partir de uma orientação comunicativa pautada em três aspectos: diálogo intersubjetivo, pretensões de validade e compromisso. Sendo assim, existem dois caminhos a percorrer, a fim de, atender a metodologia primeiramente a denúncia da problemática e em um segundo momento ir além da denúncia, anunciando possibilidades práticas para sua superação.

De acordo com Flecha et al (2001) as transformações na sociedade repercute em nossa vida cotidiana e por meio do diálogo e da inclusão das vozes de pessoas que tradicionalmente foram excluídas do âmbito acadêmico, esta se produzindo também uma revolução com as perspectivas metodológicas e os aportes teóricos dos trabalhos acadêmicos.

De acordo com Gómez (2006) faz-se necessário entender que a realidade exige o uso de técnicas metodológicas que sejam válidas e confiáveis para descrever os fenômenos sociais e educativos do nosso mundo caracterizado por um giro dialógico. Giro dialógico caracterizado pela negociação entre os integrantes de determinada sociedade e o agenciamento entre opiniões e argumentos dos diferentes agentes sociais envolvidos no processo de pesquisa.

Flecha, Gómez e Puigvertz registram essa ideia de giro dialógico presente na sociedade do final do século XX e início do século XXI definindo a sociedade atual como uma sociedade de contextos simbólicos na qual o diálogo esta presente nas relações e interações sociais, havendo necessidade de incorporar aos discursos vigentes a perspectivas de grupos ate então relativamente à margem dos debates e das decisões sociais. Sendo assim, a metodologia comunicativa crítica responde às exigências metodológicas do momento em que vivemos.

Compreendo as comunidades quilombolas integradas a esses grupos, em especial em relação a CRQ – Serra do Apon observamos que suas memórias e histórias até a muito pouco tempo tem sido contada sob o olhar dos dominadores da região, do poder vigente, da narrativa do colonizador com suas representatividades simbólicas.

Naturalmente nossa pesquisa não assume a ousadia de colocar-se como pioneira ou algo do gênero, mas narrar a memória e consequentemente um pouco da história desses sujeitos a partir de seus olhares e suas formas de narrar configura outra perspectiva, outra tonalidade e cor a esse processo.

Por meio do diálogo ganhamos significado, logo o diálogo é exigência existencial e nesse pressuposto que constitui a Metodologia Comunicativa – Crítica, observamos o acerto na escolha da metodologia que tanto nos ancora enquanto metodologia como enquanto método. Contudo, tal qual a proposta da MCC de ser construída de forma colaborativa durante a construção da pesquisa foram produzidas imagens, a partir do olhar dos sujeitos pertencentes à comunidade e nos apoiamos na Cultura visual como método auxiliar na leitura dessas imagens produzidas vinculadas aos pressupostos fundamentais da MCC.

A MCC tem bases teóricas transformadoras pautadas principalmente na intersubjetividade e na reflexão sistêmica na busca de superar objeto/sujeito respaldando-se na capacidade de linguagem e na ação que todas as pessoas possuem. Por ser crítico e colaborativa nosso objetivo adequa-se a essa perspectiva por também buscar construir com, ou melhor, construir a ideia de

memória a partir das impressões e perspectivas que esses sujeitos trouxeram em suas narrativas orais e visuais.

2.4 Cultura visual

Esse item complementa a interpretação das narrativas visuais, das imagens fotográficas, produzidas por nossos sujeitos de pesquisa. A metodologia escolhida no percurso desse caminho permite interpretar imagens, mas consideramos necessário primeiramente compreender o que é uma imagem, além de consideramos a narrativa visual também um discurso, focamos na definição de imagem proposta por Maria Lucia Bastos (2006), segundo ela a palavra imagem teve origem no latim *imago*, e no mundo antigo essa palavra, significava uma espécie de máscara de cera mortuária com fins ritualísticos. Sendo assim, a ideia de imagem, nasce da morte, trazendo um prolongamento da existência por meio da noção de memória.

Segundo o filósofo grego Platão, a imagem é imitadora e enganosa, consequentemente nos desvia da verdade, seduzindo as partes mais fracas da nossa alma. Em contrapartida, Aristóteles, compreende a imagem como forma de educar e conduzir ao conhecimento em função do prazer que pode proporcionar. Esses conceitos não são verdades absolutas, mas tentativas de compreender esses espaços bi e tridimensionais carregados de significados, anseios e sonhos. Compreender o sentido de uma imagem é no mínimo curioso, pois para alguém uma determinada imagem pode não significar nada, já para outro pode ser sua mais íntima realidade. Somos nós que imprimimos um sentido que supomos existir na superfície das imagens, ou seja, nós que contextualizamos as imagens. Logo, elas carregam os sentidos do nosso olhar e justamente nesse sentido inserimos as imagens visuais produzidas pelos sujeitos pertencentes à Serra do Apon.

Contemporaneamente discute-se uma alfabetização visual por meio da leitura de imagens e da compreensão crítica pela Cultura Visual, essa criticidade consiste em contextualizar a imagem que se vê ou lê. Para Mirzoeff (2003), a Cultura Visual constitui uma estratégia para compreender a vida contemporânea e compartilhamos desse pensamento, o autor utiliza o termo plasmar a vida em imagens ou visualizar a existência, a fim de estudar a contemporaneidade. Em nossas análises muito utilizamos a cultura visual entendida como ferramenta interpretativa das imagens produzidas refletindo uma existência de memória e uma vida em imagens.

Essa noção de Cultura Visual com uma interpretação fluida é recente precisamente por centrar-se no visual como um lugar de criação e discussão de significados, diferentemente do conceito estético utilizado na interpretação de obras de arte, em museus e no cinema voltando atenção para a experiência cotidiana. Hernandez (2000) emprega o termo “compreensão crítica” na

sua abordagem sobre Cultura Visual significando uma avaliação e um juízo resultante de diferentes referenciais de análise, por exemplo: estruturalista, semiótico, intertextual, desconstrucionista, hermenêutico e por fim discursivo.

Então, estudar sistematicamente a Cultura Visual possibilita compreender criticamente papéis e funções sociais, além das relações de poder às quais esses papéis e funções estão vinculados, transpondo o senso do gosto, da apreciação e do prazer. Ao encontro a essa ideia que aplicamos a compreensão crítica na análise das imagens visuais, as fotografias, produzidas.

Hernandez (2000) também atribui uma espécie de mobilidade ao campo de estudo, visto que progressivamente, incorporam-se novos aspectos às representações. Na abordagem denominada “compreensão crítica” não há receptores ou leitores, existem construtores e intérpretes, sendo assim a relação imagem/sujeito não é passiva nem dependente, mas sim interativa, cotidiana e pessoal. Logo, relacionamos com a Metodologia Comunicativo Crítica no sentido de ambos os processos serem colaborativos.

Na perspectiva de Hernandez (2000, 2002) para uma “compreensão crítica” a primeira meta a ser perseguida, seria explorar as representações que as pessoas, a partir das suas características sociais, culturais e históricas, constroem da realidade, ou seja, compreender o que se representa para compreender as próprias representações. Há um roteiro para essa compreensão crítica da Cultura Visual proposta por Hernandez (2000):

- Explorar os discursos sobre as representações que constroem relatos do mundo social e favorecem determinadas visões do mundo e de nós mesmos.
- Questionar a tentativa de fixar significados nas representações e como isso afeta nossas vidas.
- Discutir as relações de poder que se produzem e se articulam por meio das representações e que podem ser reforçadas pela maneira de ver e produzir essas representações.
- Elaborar representações por procedimentos diversos, como forma, resposta e modo de diálogo com as representações existentes.
- Construir relatos visuais, utilizando diferentes suportes relacionados com a própria identidade e contexto sociocultural que ajudem a construir um posicionamento.

Explicitamos que recorreremos a esse roteiro para interpretar e decodificar as imagens visuais produzidas por nossos participantes de pesquisa.

Consideramos esses itens para analisar as imagens presentes no item 3.3 intitulado como Reflexões em torno de “fragmentos” de memórias visuais.

Intentamos explicitar nossa metodologia, descrevendo os caminhos percorridos para atingir nossos objetivos com a presente pesquisa e agora abordaremos como foi seguir essa metodologia bem como nosso processo e instrumentos para geração de dados.

Não construímos um pré-roteiro em relação à produção das narrativas coletadas, visto que, os princípios da MCC propõem formas de geração de dados que permitam o exercício da postura realizativa do pesquisador e a ruptura do pressuposto da hierarquia interpretativa, utilizamos para isso técnicas de geração de dados como relatos comunicativos de vida cotidiana e observação comunicativa pautados no processo colaborativo e dialógico junto aos participantes.

O processo crítico comunicativo desafia o investigador/a, a dizer sempre o que realmente pensamos para a pessoa que esta participando da investigação. É difícil colocar-se inteira na relação, disposta a um diálogo verdadeiro e igualitário, a partir do qual se deve dialogar e não somente “anotar”, como normalmente se faz em outras metodologias. Gabassa (2009).

A utilização de um método de geração de dados capaz de proporcionar diálogos iguais com base nas relações estabelecidas entre pesquisadora e sujeitos pesquisados foi uma das preocupações na construção desse trabalho.

Gómez et al. (2006) elucida que este diálogo igualitário que se estabelece não trata-se de o investigador renunciar seus saberes científicos mas sim estar disposto a compartilhar em plano de igualdade junto aos seus participantes. Devido a isso registramos em outros momentos do texto que a pesquisa não somente estabeleceu ou mapeou uma ideia de memória dos participantes da pesquisa, mas também provocou a pesquisadora a resignificar suas próprias memórias. Mesmo que isso não tenha sido material de reflexão de forma direta com citações e problematizações específicas dentro da pesquisa inevitavelmente isso influenciou na tessitura do texto.

O primeiro encontro formal, após a aprovação da pesquisa pelo comitê de ética da Universidade Estadual de Ponta Grossa, ocorreu em 11 de fevereiro de 2016 no Posto de Saúde da Família Arapongas na cidade de Castro-Pr. Nesse local trabalha Rozilda Cardoso, liderança na Comunidade Remanescente de Quilombo Serra do Apon, nesse dia expliquei a intenção da pesquisa e o objetivo principal de compreender como esta representada a memória dos sujeitos pertencentes a comunidade. E alguns objetivos específicos, tais como, pesquisar como as imagens são e estão representadas pelos sujeitos da referida comunidade; entender a relação entre as narrativas e a memória com suas identidades; mapear e interpretar como os sujeitos, conceberam sua experiência histórica de quilombola por meio das narrativas. Imediatamente Rozilda se prontificou em auxiliar no que fosse necessário, estabelecemos um diálogo orgânico e naturalmente dados e fatos relacionados à comunidade foram surgindo. Iniciamos uma fase de ambientação e de estabelecimento de vínculo. As informações a partir dessa data foram anotadas em um diário de

campo, que por sua vez, tal qual mencionamos no início deste capítulo, auxiliou no registro dos encontros com os integrantes da comunidade. Registrando observações, reflexões, interpretações e explicações próprias da pesquisadora a partir do diálogo com os participantes da pesquisa, conforme nos afirmam Braga, Gabassa e Mello (2010).

As técnicas comunicativas de coleta de dados da MCC são os relatos comunicativos de vida cotidiana e os relatos de vida/histórias de vida e essas técnicas associadas à produção das narrativas visuais, ou seja, as imagens fotográficas produzidas pelos sujeitos da comunidade em questão foram pilares no delineamento de nossos dados. No relato comunicativo de vida cotidiana existe a interação do pesquisador (a) com, no caso, os sujeitos de pesquisa, que seriam a outra pessoa e por meio do diálogo foram geradas diferentes narrativas que integraram a análise dos dados e o próprio entendimento do contexto de surgimento e desenvolvimento da comunidade Serra do Apon.

E os relatos de vida/histórias de vida caracterizam-se pela experiência de uma ou mais pessoa durante sua vida, com traços biográficos, que podem ou não ser complementadas com documentos. Nesse sentido, os sujeitos moradores da comunidade que pesquisamos em muitos momentos mencionaram suas histórias de vida como a própria vida da comunidade.

Diante isso recorremos ao historiador Halbwachs (2013) que nos afirma existir uma tênue ligação entre memória coletiva e memória individual e às vezes elas se misturam.

QUADRO 2- Comparação entre Relato Comunicativo e Relatos de Vida/História

RELATO COMUNICATIVO DE VIDA COTIDIANA	RELATOS DE VIDA/HISTÓRIAS DE VIDA
É o resultado de uma interação entre o pesquisador e outra pessoa que, através do diálogo, reflete e interpreta suas vidas.	As histórias de vida são narrativas biográficas, contadas por uma ou mais pessoas, como elas as viveram. As histórias de vida são as manifestações e as narrativas das experiências de uma pessoa ao longo de sua vida que são completadas por entrevistas com pessoas ao seu redor e outros documentos. São pessoas simples, desconhecidas e silenciosas e podem ter elementos autobiográficos.

Fonte: (BISQUERRA, 2004)

Segundo Bisquerra (2004) organizamos o quadro 2 no qual o relato comunicativo de vida cotidiana é o resultado da interação entre quem está investigando e a outra pessoa que, durante o diálogo, move-se em direção à interpretar e refletir sobre essa vida diária. Sendo assim, o principal é considerar o momento presente às interpretações que a pessoa que fala faz da sua vida mais do que os aspectos biográficos. Nesse caso a interpretação atua tanto para lançar expectativas futuras ou, capturar aspectos do presente ou do passo imediato, refletindo, a partir disso, como a pessoa vive, pensa e age na vida do dia a dia.

De acordo com essa técnica da MCC ao construir o cotidiano, articulamos e interpretamos concomitantemente o mundo social. E, essa construção orienta nosso comportamento. A história comunicativa crítica de vida cotidiana procura colecionar pensamentos, reflexões e formas de agir e interagir com as construções de significados sociais e torna esse processo prático na solução de questões cotidianas. Trata-se de um processo cooperativo de compreender e refletir para transformar.

Então as interpretações servem tanto para projetar expectativas como para conviver no meio que se encontra inserido fornecendo uma compreensão detalhada da realidade. Para aplicar essa técnica é necessário que os participantes tenham conhecimento prévio sobre a pesquisa e; tal qual descrições anteriores; no primeiro encontro com a comunidade, explicamos sobre a pesquisa e nossa intenção de compreender sobre as memórias na CRQ-Serra do Apon e aplicamos a técnica.

Verificamos que quando se decide trabalhar com um grupo sem estabelecer procedimentos fechados e rígidos nos propomos a também participar e interagir com esse grupo e não apenas observar ou analisar, momento esse de construção intersubjetiva.

Outro momento de construção de intersubjetividade foi uma conversa no dia 12 de agosto de 2016, ocasião na qual houve uma reunião no espaço da comunidade, entre os presentes seriam escolhidos dois representantes para participar em um evento sobre comunidades tradicionais que aconteceria na cidade de Curitiba-PR no final desse mesmo mês. Essa reunião foi organizada e conduzida por Rozilda, personagem respeitada entre os integrantes da comunidade.

Nesse dia surgiram muitas curiosidades e perguntas sobre minha intenção de pesquisa e o objetivo principal de pesquisa-los, perguntas sobre os cursos oferecidos pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e sobre o programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem na referida instituição. Tudo foi registrado em meu diário de campo.

Como os relatos comunicativos de vida acabam por ser um processo cooperativo de entendimento, em que as pessoas, pesquisador e participante, utilizam-se dos seus próprios pressupostos na compreensão do mundo da vida, no qual o pesquisador traz seus conhecimentos científicos sobre o tema pesquisado que se contrasta com as vivências e saberes dos participantes (GOMEZ et al., 2006) O dia desse encontro foi produtivo em relação a essa ação dialógica, muitas conversas foram estabelecidas e muitos relatos de vida enriqueceram nossa ideia de memória acerca da comunidade bem como as narrativas provocaram rupturas em relação a alguns paradigmas que a pesquisadora havia pré estabelecido.

Os diálogos com os integrantes da CRQ-Serra do Apon foi estabelecido em um ambiente de confiança, no contexto comunicativo habitual da comunidade, nada foi previamente simulado,

persequimos a ideia de memória sem um conceito previamente dito, marcado, para os sujeitos participantes da pesquisa. Entendemos que isso possibilitou uma livre troca de saberes.

Em muitos momentos senti necessidade de retornar à literatura científica para estudar sobre a condução da metodologia, dialoguei com outros colegas do programa de pós-graduação na mesma fase de escrita e com a orientadora a fim de sanar dúvidas sobre o processo de ser pesquisadora, como é isso? Como é e como conduzir essa interação? Como se registra cientificamente tudo que as sensações experimentam? E pouco a pouco conclui que para conhecer uma realidade social o saber científico não é suficiente.

Diante isso, considerando que a metodologia comunicativa propõe um modelo de análise que compreende diferentes níveis de análise desses relatos comunicativos de vida cotidiana e dos relatos de vida ou histórias de vida que são considerados pela metodologia tipos de manifestações da linguagem, tanto nas interpretações como nas interações ocorridas, além de considerar a presença de outros componentes, tais como: a transcrição da informação, sua codificação, a descrição, a interpretação das mesmas, os resultados e conclusões. (GOMÉZ et al., 2006) Consegui, por fim, delinear como seria o registro, a análise e a escrita de todos os dados gerados nas interações com os moradores da Comunidade Remanescente de Quilombo Serra do Apon conforme descrito no decorrer desse capítulo.

A observação comunicativa traduz ou ilustra a dificuldade de descrever passo a passo o cotidiano. Por exemplo, dirigimos um carro de câmbio manual sem pensar em trocar marchas, pisar na embreagem ou no freio é uma ação que se torna habitual e a executamos sem pensar. Somos cientes de que temos conhecimentos, mas ao sermos questionados muitas das vezes temos dificuldade em explicar o que conhecemos. A observação participativa mais ou menos torna esse conhecimento explícito ou tácito e consiste em uma técnica útil para reunir opiniões acerca das atitudes, das motivações, das reações, das interpretações e comportamentos habituais das pessoas. Além de possibilitar reunir opiniões também acerca de elementos não verbais presentes em nossa linguagem cotidiana, como gestos, expressões e etc.

Ora, tanto a pessoa que pesquisa e o sujeito pesquisado, observado, na observação comunicativa compartilham as ações que ocorrem. Diferentemente de outras técnicas de observação existe um diálogo entre ambos, antes e depois da aplicação da técnica. Coexistem duas visões, dois pontos de vista, o do observador e o da pessoa observada. Isso é o que torna essa técnica intersubjetiva.

Também nessa perspectiva intersubjetiva, analisamos as narrativas visuais geradas, representadas pelas fotografias produzidas pelos sujeitos da comunidade, vinculadas aos pressupostos da compreensão crítica da Cultura Visual, proposta por Hernandez (2000), como por

exemplo, a interpretação das imagens com foco no contexto; ou a exploração dos discursos sobre as representações que constroem relatos do mundo social que favorecem determinadas visões de mundo e de nós mesmos. Além disso, a perspectiva de análise de Hernandez (2000) questiona a tentativa de fixar significados nas representações, ou seja, pode existir um sentido relativo conforme o contexto e é preciso estar atento. No caso da Serra do Apon por tratar-se de um território negro com especificidades quanto ao contexto histórico e cultural faz-se necessário problematizar de forma consistente de forma que o significado nas representações represente o que de fato esses sujeitos são, as relações de poder produzidas e como isso tudo se articula atualmente.

A cultura visual apresenta procedimentos diversos, como forma, resposta e modo de diálogo com as representações existentes. E, por fim, busca construir relatos visuais que utilizam suportes relacionados com a própria identidade e contexto sociocultural que ajudem o sujeito a construir um posicionamento diante a realidade. A intersubjetividade que menciono apresenta-se tanto na interação como na escolha das imagens, bem como, no processo de interpretação das mesmas nada foi deduzido ou pensado isoladamente. Os participantes da pesquisa sugeriram, opinaram e conjuntamente interpretamos as imagens fotográficas produzidas consideradas em nosso trabalho narrativas visuais.

Compreendemos que a análise deveria ser feita junto aos integrantes da comunidade junto aos quais geramos os dados. Após a geração dos dados voltamos ao ambiente de coleta a fim de validar, ou melhor, promover uma interpretação coletiva estabelecida entre o pesquisador e os conhecimentos científicos acadêmicos e os participantes com os conhecimentos adquiridos empiricamente a partir de suas vivências e realidades sociais.

Estabelecendo assim um compartilhamento parcial do mundo da vida e uma troca ativa e reflexiva de saberes e interpretações.

Pela perspectiva de Gómez et al. (2006), a metodologia comunicativa entende que quem investiga - o pesquisador - pode ter percepções ou ideias preconcebidas sobre a realidade das pessoas que estão sendo investigadas- pesquisadas - portando existe a necessidade da dialogicidade intersubjetiva afim de ampliar a análise.

Não construímos uma ficha técnica, tabelas ou gráficos para obter informações concretas como, por exemplo, o perfil dos integrantes da comunidade. Codificamos as informações pelo fluxo das narrativas orais e visuais geradas. Não agrupamos, mas sim mesclamos as narrativas de memória em formato de texto, no qual os discursos cotidianos produzidos pelos moradores da comunidade juntamente com os comentários gerais respaldados em nosso suporte teórico metodológico resultaram numa espécie de memória fragmentada do cotidiano dessa comunidade.

CAPÍTULO 3- TECENDO FRAGMENTOS, TECENDO LEMBRANÇAS: OS FIOS DAS NARRATIVAS DE VIDA NO TECIDO DA MEMÓRIA

3.1 Perfil dos participantes da pesquisa e suas narrativas

Neste item propomos analisar algumas características dos participantes da pesquisa. Utilizamos o termo “perfil dos participantes” considerando alguns elementos como: faixa etária, grau de escolaridade, posicionamento dentro da comunidade estudada e com isso acreditamos contextualizar a análise de nossas narrativas no formato de texto.

Sendo assim, reiteramos que há 60 quilômetros da sede do município de Castro, localiza-se o território negro, conhecido como, Comunidade Remanescente de Quilombo Serra do Apon, o percurso de acesso é por estrada de chão batido e parte de cascalhos.

A comunidade possuía uma área de quase 100 alqueires de posse e se limita hoje a um espaço mínimo de mais ou menos quatro alqueires, onde cultivam hortas e a produção de alimentos para sobrevivência como feijão, milho, mandioca, batata, erva-mate, além da criação de gado, suínos e aves para o consumo das famílias.

Existe na comunidade uma população negra de 60 famílias, a maioria das pessoas são idosas, seus filhos e netos vivem dessa agricultura de sobrevivência e da renda da comercialização de suas pequenas criações e plantios. Dentre esta população, participaram de nossa pesquisa a Senhora Vanir Rodrigues dos Santos, aproximadamente 98 anos, o termo aproximado é utilizado ao nos referirmos à idade, porque pela falta de acesso aos mecanismos de emissão de documentos pessoais, o registro dessa moradora foi feito quando a mesma tinha certa idade e ela, por sua vez, não sabe precisar as datas. Dona Vanir, como é chamada pelos moradores, é uma figura central na comunidade, bisneta dos primeiros habitantes da região denominada hoje de Serra do Apon.

Outra participante fundamental no processo de construção de toda a pesquisa foi Rozilda Cardoso Oliveira, dedicada militante do movimento negro na região desde a adolescência, mãe de três filhas, reside em um bairro na cidade de Castro-PR e trabalha em um Centro de Assistência à saúde da família. Representante jurídica da comunidade, está a frente dos processos burocráticos e não perde a oportunidade de representar a comunidade em eventos, congressos e seminários.

Responsável pelo Ponto de leitura³ da Comunidade Remanescente de Quilombo – Serra do Apon nos ofereceu todo suporte e apoio para a pesquisa, além de narrar histórias, encontros e

³ O Programa Ponto de Leitura da Ancestralidade Africana no Brasil é uma ação transversal dentro do Ministério da Cultura, liderada pela Fundação Biblioteca Nacional (FBN), por meio do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, em parceria com a Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural, e integra a campanha “Igualdade Racial é pra Valer”. Esses Pontos de Leitura localizam-se em comunidades tradicionais afro-brasileiras considerados espaços de referências

desencontros de sua trajetória como mulher, negra, mãe, guerreira e sobrevivente; como ela mesma se autodeclara.

A Senhora Anistarda de Lourdes Oliveira Cardoso, com aproximadamente 102 anos, reside na comunidade e demonstrou em suas narrativas uma vida predominantemente interiorana, contribuiu com a pesquisa de forma gentil e acolhedora como quem anseia por falar e ser ouvida. Mãe de 8 filhos, registra narrativas marcadas pelo trabalho para manutenção da sobrevivência de sua família. Uma de suas filhas, Inez de Cardoso Godoy, mora com a Sr. Anistarda na comunidade e trabalha como agente de saúde no distrito do Socavão-Pr; região próxima à Serra do Apon; esse trabalho possibilitou à Inez auxiliar os integrantes da comunidade com informações acerca dos procedimentos burocráticos que possibilitam o acesso à educação e a outros mecanismos para o exercício da cidadania no município.

E as narrativas tímidas e desconfiadas de José Anselmo Ferreira, Sr. Anselmo como é conhecido, um senhor franzino, que por sinal na época da realização dessa pesquisa estava muito, doente por conta dos problemas da idade, como ele mesmo disse sem nos revelar a idade. Trabalhador rural desde a infância, filho de pai negro e mãe branca, fez questão de narrar sua vida de trabalho enquanto jovem e as lembranças do pai.

Nossa pesquisa analisa, também, algumas imagens fotográficas consideradas as narrativas visuais, produzidas por Geovano Rodrigues da Silva, 27 anos, morador da comunidade, estudante de pedagogia em uma instituição na cidade de Castro-Pr e auxiliar administrativo escolar em uma Escola do Ensino Fundamental no distrito do Socavão-PR. Também contribuíram com imagens Rozilda Oliveira Cardoso, 42 anos, militante do movimento negro desde sua adolescência, mulher negra, como ela mesma se define e mães de três filhas. Trabalha e reside na cidade de Castro-PR, mas morou quase a vida toda na CRQ-Serra do Apon, atualmente todos os seus parentes residem na comunidade. E outra moradora da comunidade que contribui com narrativas visuais para nosso trabalho é Inês de Cardoso Godoy, 41 anos, reside na comunidade com a mãe, produz artesanato com fios e tecidos e trabalha como Agente Comunitária no distrito do Socavão-PR. Esses foram os sujeitos de pesquisa que geraram e disponibilizaram imagens de seu cotidiano, que por sua vez, possibilitaram a construção dessa colcha de retalhos, composta de inúmeros fragmentos, denominados por nós nesse trabalho, de memória.

Apesar de especificarmos o perfil de alguns participantes, registramos que não houve um critério pré-definido, pautamos nos pressupostos da não hierarquia interpretativa, do igual nível epistemológico e do conhecimento dialógico presentes na metodologia comunicativo-crítica, durante os processos dos encontros com os integrantes da comunidade, as narrativas foram surgindo espontaneamente. Estabelecemos diálogos, principalmente com os moradores maiores de 20 anos, “adultos”, grosso modo, e previamente esclarecidos do que se tratava a pesquisa, voluntaria e espontaneamente demonstraram interesse em contribuir com a construção da pesquisa.

Em muitos momentos do nosso trabalho se sobressai às narrativas de memória individuais, que retrataram a memória do grupo em si, sendo assim, as memórias se entrelaçaram. Há em vários aspectos uma homogeneidade nas narrativas de memórias trazidas pelos moradores da comunidade, ou melhor, existem temas comuns nas memórias como o trabalho, no sentido de sobrevivência em si, e o saber fazer de artefatos e alimentos retratam uma forma de ser. Essas memórias a serem narradas pelos sujeitos e, consequentemente vividas pela comunidade possibilita a esse “lugar” no qual esses sujeitos podem viver de acordo com seu passado e pelas palavras de Maria Beatriz Nascimento “viver com sua forma de ser”. Na geração de dados e nas trocas de saberes e informações que estabelecemos na análise dos dados, acreditamos ter registrado esse processo individual, autêntico e singular, contudo que reflete uma memória coletiva.

No território negro em que a comunidade se localiza foram e são utilizados vários tipos de ferramentas para o trabalho no roçado como a foice, o machado, o enxadão e a enxada. Cada família quilombola tem seu trabalho e produção, posteriormente isso é repartido com os filhos que moram na cidade e o excedente é vendido para a compra de outros produtos de que necessitam como o sal, açúcar, roupas, utensílios domésticos, algumas ferramentas de trabalho e remédios.

Anteriormente descrevemos a história da região pesquisada, mas se faz necessário retomarmos alguns aspectos e fatos para construir a narrativa de memória desses habitantes que por sua vez, são os descendentes daqueles que foram escravizados (as) na fazenda Capão Alto, no município de Castro, e que por sua vez não aceitaram a escravidão. Faxinal de São João (sede), Paiol do Meio, Santa Quitéria, Lagoa dos Alves são os quatro núcleos que compõem esse quilombo. Segundo os moradores, a comunidade está nas terras há mais de 250 anos. Eles narram que quando os negros, que fugiram da Fazenda Capão Alto chegaram ao local para não serem descobertos, escolhiam lugares de difícil acesso, distantes, inóspitos e com matas fechadas. Esses locais hoje são conhecidos como: Serra do Apon, Limitão e Mamans.

De acordo com as pesquisas, o local foi palco da última revolta escrava do Paraná. Em 1749 a fazenda passou a pertencer aos religiosos de Nossa Senhora de Monte Carmelo, os padres carmelitas continuaram por mais de um século no local, porém nos meados do século XIX a

propriedade foi abandonada pelos mesmos que partiram para São Paulo, deixando nas terras as pessoas por eles escravizadas.

Depois do abandono, essas pessoas permaneceram livres no local por um século organizando-se como agricultores e criadores de gados, trabalhando para o seu próprio sustento, desconhecendo senhores e seguindo a devoção à Nossa Senhora, uma santa encontrada na capela que havia no local, na qual os moradores da região diariamente compareciam para rezar e pedir orientações. Organizaram-se entre si para orientar os serviços, posto que não havia um sacerdote que administrasse o local, os próprios negros conduziam as rezas, como denominam os moradores dessa comunidade, e mantinham o local.

Um século após o abandono da propriedade, por volta de 1864, os escravizados pelos carmelitas encontraram-se vendido para uma firma de São Paulo e a fazenda Capão Alto foi negociada pelos padres. Na sequência, os novos proprietários da terra quiseram levar os (as) negros (as) para São Paulo, sob a condição de escravidão. No entanto, percebendo que voltariam ao cativeiro, eles se revoltaram e não aceitaram tal imposição, resistindo à escravidão que voltava de forma igualmente violenta.

Na tentativa de conter a revolta escrava na fazenda, chegaram reforços militares de Ponta Grossa e de Curitiba que atacaram violentamente os negros ali presentes, alguns deles conseguiram fugir para o Socavão, divididos estrategicamente em dois grupos: os Acróbio - Prudente- para a Serra do Apon, Faxinal de São João, Paiol do Meio, Santa Quitéria, Lagoa dos Alves e na Porteira e os Mamãs foram para a região que hoje tem este nome, no Ribeirão e no núcleo Imbuial.

Paul Ricoeur (2007) compreende que toda história é narrativa, no sentido historiográfico, entendemos assim que toda narrativa, traz no seu cerne as escolhas dos personagens, tanto os que habitam como interagem, modificando e dando movimento ao enredo, assim revelando-nos uma história (memória) na qual as decisões são tomadas dentro do processo histórico.

Esse movimento de compreender e descrever o sentido das narrativas dos moradores da comunidade é um evento comunicativo em forma de texto. Nessa perspectiva, as narrativas imagéticas (as fotografias produzidas pelos sujeitos pertencentes à comunidade pesquisada), na condição de textos, também constituem eventos comunicativos, porque nelas existe convergência entre ações linguísticas, cognitivas e sociais que transmitem mensagens para os interlocutores. Entendemos assim o porquê de utilizarmos a ideia de narrativas orais e visuais.

Há inúmeras classificações e leituras interpretativas para narrativas, no item 2 do Capítulo 1 explicamos mais detalhadamente o conceito adotado por nós na construção deste trabalho. Compartilharmos da ideia de Ricoeur (2007) que compreende a narrativa como história no tempo, ou seja, as narrativas apresentadas seriam:

[...] uma sucessão de ações, de pensamentos, de sentimentos que apresentam ao mesmo tempo determinada direção, mas também surpresas (coincidências, reconhecimentos, revelações). A partir desta perspectiva, a conclusão de um enredo histórico nunca é dedutível ou previsível.

Convergingo ao encontro das surpresas com as quais nos deparamos nas narrativas dos sujeitos pertencentes à Serra do Apon.

Outro aspecto a considerar aqui se relaciona à escolaridade dos sujeitos pesquisados, poucos possuem escolaridade regular, a maioria dos moradores da comunidade apresentam conhecimento empírico sobre a vida, adquirido na prática do dia a dia ou por meio da palavra falada, a oralidade, transmitida de geração em geração.

A oralidade compõe de modo singular, o método investigativo de analisar traços e tradições da cultura negra, em específico por fazer parte das matrizes constitutivas desses povos. A palavra falada apresenta fidelidade à memória narrada, pela concepção africana. De acordo com Hampaté Bâ (2010), não se pode mentir, os vínculos estabelecidos entre a comunidade não são somente as relações entre os vivos, mas também com as origens, a história, a memória e os saberes da questão e daqueles que já se foram, ou seja, a relação com os antepassados e ancestrais. Assim: “para eles, a mentira não é simplesmente um defeito moral, mas uma interdição ritual” Hampaté Bâ (2010, p.76).

Diante isso, há a necessidade de reforçar a importância da oralidade dentro desse contexto, pois na perspectiva de Amadou Hampaté Bâ (2003, 2010), a memória é a própria história, logo na tradição africana esses termos chegam a ser confundidos. Sendo assim, não existe uma ruptura ou linha que de fato define o que é a história ou o que é a memória. Essa noção é relevante para que se compreenda o universo de práticas e saberes de descendentes africanos, se adequando à nossa proposta de pesquisa que apresenta uma memória na qual as narrativas individuais e transpõem às narrativas coletivas e vice e versa.

Dessa forma temos a configuração social a partir da oralidade, que permite ao pesquisador identificar traços e posições dos sujeitos dentro da comunidade estudada. Desde o período da colonização a consciência histórica de um povo, considerando suas formas de vida, era um aspecto atacado pelos colonizadores, pois de acordo com Munanga (2009), ela estabelece a coesão na comunidade, uma consciência histórica⁴, e esse compartilhamento de memórias fortalece a noção de

⁴ Para Munanga, a consciência histórica, refere-se à apreensão por parte das pessoas da história comum, da história do grupo. Dessa maneira, define-se para o indivíduo a condição de pertença ao grupo e o comprometimento em cuidar desta memória comum.

pertencimento. Então, a tradição oral é uma forma educacional efetiva, que estabelece a produção de conhecimento, bem como, relações dialógicas entre os sujeitos envolvidos no processo.

Observamos que os posicionamentos dos sujeitos dentro da comunidade estão vinculados a essa transmissão oral de informações sobre a história-memória da Serra do Apon. Para Munanga (2009), a ideia de consciência histórica apresenta-se mais sólida em comunidades ligadas à tradição oral, pois se preserva as narrativas dos memorialistas, que, ao transmitirem os mitos fundantes da comunidade, alimentam o processo de ancestralidade consequentemente histórico.

3.2 Narradores (as) e respectivos “fragmentos” de memórias orais

*“Recordar é viver.”
(ditado popular)*

Pautados na perspectiva de que a geração de dados configura-se um processo inacabado e apto a construção e reconstrução nas interações entre pesquisadores e pesquisados, bem como depois de contextualizarmos a comunidade pesquisada tanto em relação à configuração geográfica da região quanto a algumas características que acreditamos possibilitar a construção visual do que é essa comunidade, como uma espécie de cenário, contexto, em que os atores principais são os seus moradores.

Propomos a tessitura entre algumas narrativas orais e visuais produzidas pelos mesmos com as observações comunicativas e os registros anotados no diário de pesquisa produzido pela pesquisadora. A geração de dados, ou melhor, as narrativas apresentaram muitos temas, tais como: religião, propriedade da terra, trabalho, alimentação, formação escolar, identidade e a relação do que a comunidade é hoje com o processo de escravidão. Outro aspecto importante a considerar é a legenda que utilizamos nas narrativas, nota-se *relato comunicativo de vida cotidiano*, porque imprime a ideia de interação entre quem investiga e quem está sendo investigado durante o diálogo, caminhando no sentido de interpretar e refletir sobre a vida diária narrada.

Também, optamos pela não divisão das narrativas em blocos temáticos a fim de seguir a ideia de construção da pesquisa como uma escrita fluida, de ir e vir, na qual as ideias se entrelaçam num movimento que estrutura o texto em si, bem como acreditamos que esse movimento acompanhe a configuração das memórias dos sujeitos pertencentes à Comunidade Remanescente de Quilombo Serra do Apon.

O primeiro recorte de narrativa do qual tratamos é o da moradora mais antiga da comunidade, a matriarca Senhora Vanir Rodrigues dos Santos, com aproximadamente 102 anos de idade utilizo o termo aproximado, porque seu registro de nascimento foi feito após algum tempo e a mesma não sabe precisar esse tempo. Orgulhosa de sua ancestralidade quilombola me conta sobre

suas recordações de infância e sobre a memória de sua família. Ao questionar: Dona Vanir, o que a senhora tem na memória sobre sua infância?

“Quando perguntava daqueles tempo a mãe dizia ansim: - Me esqueci - Mas eu era ladina, eu escutava alguma coisa. Não podia falá nada da Capão Arto, porque nós ia vortar pra ser escravo.” (Senhora Vanir Rodrigues dos Santos, relato comunicativo de vida cotidiana, 2017)

“A Maria Sampaia era minha bisavó, mas não lembro de que lado ela era. A mãe contava que a Maria Sampaia era muito esperta. Se eu fazia traquinage a mãe falava ansim: ‘Lá foi a Maria Sampaia aprontá’. Dizia que eu era daninha e sapeca, quando eu escapava da roda da mãe, se eu não tava trabaiaando tava aprontando. Tem meu avô era o Raimundo e tem minha avó era Durcelina, irmã do Chico Mamã”. (Vanir Rodrigues dos Santos, relato comunicativo de vida cotidiana, 2017)

Ao reportar-se no tempo, Dona Vanir diz que era praxe dormir sobre as esteiras em forma de círculo para serem aquecidos pelo fogo feito geralmente no meio da cozinha. Em relação aos trabalhos dos mais antigos, a moradora relata:

“Meu pai e meus tio trabaiaavam na estrada com enxidão fazendo as estradas. Eles trabaiaavam demais e o inspetor castigava. Os mais velho era tropero”. (Vanir Rodrigues dos Santos, relato comunicativo de vida cotidiana, 2017)

“Tinha carro de boi de duas roda de madeira com dois ou com um boi. Não tinha dinheiro, era uma troca para sobrevivência, passavam por dentro d’agua, lá pros lado do Capão Alto, Três Ponte... Tocavam criação, porco, cavalo, vaca da Serra do Apon até Castro, posavam na estrada. Ali ficô chamado de Subida do Castigo”. (Vanir Rodrigues dos Santos, relato comunicativo de vida cotidiana, 2017)

Lembra ainda que na época eles trabalhavam descalços, ela teve seu primeiro chinelo de dedos aos 20 de idade, segundo ela. Na maioria das casas, o soalho é de chão batido, as paredes de madeira com grandes frestas pelas quais atravessam os ventos frios e chuvas da região. A mobília das casas dos quilombolas conta geralmente com o tradicional fogão à lenha de taipa.

Todo percurso de pesquisa foi constituído de muitos fragmentos e nessas narrativas observamos um contexto de experiências coletivas e individuais empiricamente vivenciadas, que registram a formação dessa comunidade e que têm importância singular na preservação dessa memória. Tal qual nos define Halbwachs (2013) acerca da relação entre memória e história:

A história não é todo passado, mas, também não tudo aquilo que resta do passado, Ou, se quisermos, ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo e onde é possível encontrar um grande número dessas correntes antigas que haviam desaparecido somente na aparência. (HALBWACHS, 2013, p. 67)

A história, a narrativa, sobrevive a “morte” de memória. O historiador citado nos diz que a memória coletiva promove a fusão das memórias individuais e dos grupos que a compuseram, contudo, constatamos com as narrativas de memória da Dona Vanir que essas memórias (individuais e coletivas) se confundem. A partir do que ela nos relata foi possível criar mentalmente imagens do que são os costumes característicos nessa comunidade tal qual a alimentação, as situações pelas quais os antepassados passaram. Entendemos assim, que a memória individual representa, neste caso de forma autêntica, a memória coletiva.

E ainda os mais velhos acabam assumindo uma missão social de perpetuar essa memória às demais gerações, recontam os fatos agregando suas impressões e assim as memórias são significadas e ressignificadas ao longo do tempo e da história dessa comunidade.

O vilarejo da Serra do Apon possui um pequeno comércio e um posto de saúde com atendimento médico e dentário à população, a cada quinze dias. Existe uma escola municipal de ensino fundamental de 1ª a 4ª séries. Para continuar os estudos, as crianças precisam se deslocar até Socavão, vila distante 20 quilômetros, utilizando o transporte escolar fornecido pela prefeitura do município de Castro. As dificuldades de transporte e mesmo a falta de políticas públicas de educação, deixou as pessoas mais velhas da comunidade sem condições de estudo, de tal modo que praticamente todos os adultos da comunidade são analfabetos.

As ruas do vilarejo são irregulares, com lamaçais e cascalhos nas partes mais íngremes. O abastecimento de água tratada, que parte da comunidade, vem por gravidade (fonte localizada num nível alto com distribuição em baixo nível). Na geração anterior, este abastecimento se procedia de forma manual na fonte ou riacho. Já a iluminação era com lamparina, a querosene e lampião a gás. Só a pouco mais de quatro anos a energia elétrica foi distribuída àquela comunidade.

Muitos tipos de ervas medicinais como sassafrás, milomen, quina, amargosinho, camomila e etc. são utilizados como remédios. A camomila é um ingrediente frequentemente utilizado no preparo do chimarrão. Os moradores mais velhos da comunidade contam que havia ervas nativas para produzir o próprio chimarrão. Hoje, precisam plantar a erva mate.

A religião predominante na comunidade é a católica, O padroeiro é São Cristóvão e muitos são devotos de Nossa Senhora Aparecida. Era tradição a Recomenda das almas, entretanto como hoje em dia há muitos evangélicos na comunidade, a tradição se perdeu e já não a fazem mais.

“As almas vêm rezá, a mãe dizia ansim e eu fiquei encasquetada com isso e uma noite eu chamei a mãe pra ouvi as armas rezano, mas ela disse que era meu tio. O dono da casa mandava entrar, dava chimarrão, café e cada pessoa levantava da cama e acompanhava a reza das almas nas outras casa. O pai era rezador, ele reunia os parentes, os compadres, os vizinhos para a

Recomenda e ele levava a matraca na cintura, batia palma nas casa.” (Vanir Rodrigues dos Santos, relato comunicativo de vida cotidiana, 2017)

A tradição da Recomenda das almas tonou-se narrativa de memória de uma das últimas guardiãs da cultura centenária, assim como algumas cantigas, poesias e versinhos declamados, algumas rezas de origem africana e histórias de assombrações.

“Visage é arma de pessoa antiga que morreu e não se sarvô”. “Um dia meu pai resorveu rezá com a matraca na cruz de um enforcado e no meio da reza a arma do enforcado gritou no meio do mato e pararam de rezá. Se eu tivesse lá, já pinchava umas pedrada”. (Vanir Rodrigues dos Santos, relato comunicativo de vida cotidiana, 2017)

Como descendente da Senhora Liberata, a Senhora Vanir sabe que possuíam uma grande quantidade de terra, pois em suas memórias lembra que plantavam, se alimentavam e negociavam o que sobrava.

“Era grande o tamanho da terra. Agora a terra é poca, não dá para trabaiá. Ta tudo cheio de eucalipto. É difíci, tamos sofrendo demais e queremos planta e dexá serviço pros mais novo. Queremo ensiná eles trabaiá.” (Vanir Rodrigues dos Santos, relato comunicativo de vida cotidiana, 2017)

Dentre as histórias presentes nas narrativas de nossa narradora, ela destaca que certa vez ouviu som de machado na árvore e certificou-se de que não tinha outra pessoa viva naquele local além dela mesma então falou: - *“Pode ficar por aí que eu tenho mais o que fazer”*. – e de acordo com ela, disse isso e saiu cuidar da vida. Existe um tom diferente na narrativa da Dona Vanir, suas expressões faciais, gestos e olhos brilham ao contar os fatos como se houvesse além de um interesse, uma preocupação em manter viva e registrada a memória de seus familiares, respectivamente membros de um grupo social com lembranças de história comuns.

Para que se possa falar de memória, é necessário que as partes do período sobre o qual ela se estende sejam diferenciadas segundo um critério. Cada um desses grupos tem uma história. Neles distinguimos imagens e acontecimentos. Mas o que nos chama atenção, é que, na memória, similitudes passam, entretanto para o primeiro plano. O grupo, no momento em que considera o seu passado, sente acertadamente que permaneceu o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo. (HALBWACHS, 2013, p. 87)

Necessitamos da memória quase como necessitamos de elementos vitais como ar e água, pois sem ela como nos lembrariamos das coisas, das pessoas, dos fatos, dos atos, das sensações e das impressões. Percebemos até aqui o quanto a ideia de memória está relacionada à ideia de intersubjetividade, pois construo minha memória concomitante ao processo pelo qual me construo

sujeito. O processo de construção de memória também se faz possível, porque somos seres capazes de conectar símbolos e signos exclusivos de nossa espécie por meio da linguagem.

A linguagem possibilita que a memória seja operacionalizada e teorizada. Retomo aqui a ideia lançada em outro momento do trabalho sobre como se pode registrar de fora algo que é tão de dentro de uma determinada comunidade como os aspectos referentes à memória(s) e uma resposta é possível ao consideramos a linguagem, as narrativas construídas operacionalizam e arquitetam uma memória fragmentada pelas nuances do tempo, mas concisa pelo processo da história dessa comunidade e dessa região.

Alguns traços indicados pelo filósofo Paul Ricoeur (2007, p. 107-108) devem ser destacados naqueles que saem em defesa do discurso do caráter essencialmente privado da memória: primeiro, a memória parece de fato ser radicalmente singular: minhas lembranças não são as suas; segundo, o vínculo original da consciência com o passado parece residir na memória; e terceiro, é à memória que está vinculado ao sentido da orientação na passagem do tempo. Neste último, o movimento é em via dupla, do passado para o futuro, mas também pelo movimento inverso de trânsito da expectativa à lembrança, através do presente vivo (RICOEUR, 2007, p. 108). A memória é a própria vida.

Frank Antônio Mezzomo, ao considerar a colonização do Oeste do Paraná, nos revela como se formou a estrutura espacial presente nas comunidades dessa região afirmando que “a organização social das comunidades ocorre em volta das capelas e escolas, únicos centros donde se promove e organiza a vida comunitária” (MEZZOMO, 2002, p. 90). Essa formação se estende à comunidade investigada na presente pesquisa.

Na Comunidade Remanescente de Quilombo Serra do Apon, a configuração espacial das casas e das habitações, geograficamente falando, foram distribuídas na perspectiva afetiva, mencionamos isso pautados em Mezzomo (2002) e em nossa observação *in loco*. Ou seja, as casas são construídas próximas aos de familiares, os filhos dos filhos, constituem suas famílias e assim a organização estrutural da comunidade configurou-se no início e permanece nessa lógica.

FIGURA 3- Distribuição das casas na Comunidade Remanescente de Quilombo – Serra do Apon



Fonte: Registrado pela pesquisadora.

Não encontrei nas plataformas de acesso eletrônico mapas mais precisos como uma imagem da comunidade na perspectiva de satélite, para ilustrar a configuração geográfica. No entanto, acredito que as imagens da figura 3 possam dar plasmar à imagem do que procuramos descrever sobre essa configuração espacial e construções das casas.

Outra moradora da comunidade que participou de nossa pesquisa foi Anistarda de Lourdes Oliveira Cardoso, uma senhora de falar calmo e trejeitos tranquilos, que harmoniosamente tece as palavras em suas narrativas apresentando uma memória marcada pelo trabalho. Ao lado da Senhora Vanir, mencionada em parágrafos anteriores, há outra representante basal da Serra do Apon, ela não sabe precisar sua idade e também não possuía documentos, porque na época da realização da pesquisa seus documentos estavam sendo providenciados. Suas memórias são representadas, em certa medida pelas dificuldades de sobrevivência e como a própria moradora diz “*minha vida é só trabaiá*”, uma vida de trabalho.

Ao perguntar a Senhora Anistarda, a respeito da memória mais marcante de sua vida, a resposta é pontual e concisa na palavra trabalho. Em tempos de outrora, sem facilidades cotidianas de infraestrutura como energia elétrica, saneamento básico e água encanada, a rotina tornava-se árdua, desgastante e trabalhosa, assim como podemos observar nas narrativas que seguem.

FIGURA 4- Anistarda de Lourdes Oliveira Cardoso



Fonte: Imagem produzida pela pesquisadora

Segundo ela, eles se levantavam ao nascer do sol e no seu poente se recolhiam em casa para rezar, tomar erva (beber erva-mate), conversar, contemplar o tempo ou contar fatos ocorridos durante o dia. A moradora trabalhou muito com a foice e apresenta algumas marcas dessa ferramenta em seus braços, segundo ela, causadas quando se abriam pequenas entradas na mata abundante que rodeava a região para deslocar-se em busca de terrenos para plantar ou buscar água.

“Saia pra trabaiá na roça, um dia deixei eles dormino e sai, era longe. Não quis acordá e deixei dormino e eles acordaro e não me viram e começaram chorá achando que posaram sozinho. Saia cedo e deixava os filho dormino só vortava de noite. Eu tinha quatro menina porque os menino morrero com oito mês, com febre”. (Senhora Anistarda, relato comunicativo de vida cotidiana, 2017)

Outros aspectos enfatizados pela moradora foi em relação à alimentação, o tradicional pilão era utilizado para “socar”, amassar e triturar farinhas e grãos plantados pelas famílias e ainda o porongo⁵, mais conhecido como cabaça, utilizado como instrumento musical e recipiente para transportar e armazenar água. O milho e o feijão são os cultivos mais importantes para o consumo.

⁵ Para mais informações consultar <<https://jeffcelophane.wordpress.com/2011/01/20/a-cabaca-o-fruto-da-diversidade-brasileira/>>. Acesso em 17 jun. 2017.

O abastecimento de água vem de um riacho e ainda há casas com paredes de adobe e piso de terra batida. Respalados em Ricoeur (1990), reafirmamos como as memórias são fatos construídos pela singularidade do sujeito que narra sua vivência e percepção junto ao grupo.

É possível constatar como a memória é a própria história, de acordo com Amadou Hampaté Bâ (2003, 2010), não existe uma ruptura ou linha que de fato define o que é a história ou o que é a memória. Retomamos esta ideia, por ser uma noção relevante para compreendermos o universo de práticas e saberes de descendentes africanos. As narrativas apresentadas pelos moradores mesclam a memória pessoal do integrante da comunidade com a história da própria comunidade. A Senhora Anistarda mora na comunidade com a filha Inez de Cardoso Godoy que trabalha como agente de saúde no distrito do Socavão e apresenta uma fala muito ligada ao pertencer quilombola. Diz que *“ser quilombola é assim, pode ser tanta coisa, poder a gente ter orgulho da cultura da gente, saber que a gente mora num território que foi o lugar, onde começou a família, a história”* e estendemos dizendo o local de memória desses sujeitos.

Curiosamente em minha perspectiva e considerando que a metodologia nos permite não fazer tom de valor nisso ou naquilo, mas refletir e interpretar as narrativas em determinado momento da conversa perguntei, segundo suas memórias, o que ou do que a moradora mais sentia falta. Ela respondeu que sentia falta de capinar, pegar uma enxada nas mãos e capinar o quintal. Atualmente com certa idade, naturalmente já não consegue realizar determinadas tarefas que estava habituada há algum tempo atrás. O que chama atenção é que a questão do trabalho está vinculado a outro assunto, a perspectiva da saúde ou a falta dela. Em outros momentos da conversa, a moradora menciona que ter saúde e fé é importante para viver.

“Sem saúde nós num é nada, precisa saúde e Deus, tem que rezá, ter fé.” ((Senhora Anistarda, relato comunicativo de vida cotidiana, 2017)

Nesse viés de ter saúde, vem ao encontro as narrativas de José Anselmo Ferreira que na data de realização da nossa conversa estava debilitado por uma gripe mal curada, mas fez questão de me contar que nos seus tempos de rapaz era forte e trabalhou como gente grande desde pequeno.

“Trabaiáva com o pai, que era negro e forte, derrubava mato pra abri passagem e eu tava junto ajudando. Menino, pegava inxada e foice, dia todo no mato. Saia cedo, vortava de tarde. Hoje, to véio, doente, quase morrendo mesmo mas Deus que sabe, tudo é deus que sabe.” (Senhor José Anselmo Ferreira, relato comunicativo de vida, 2017)

O acesso aos sistemas públicos de saúde para os moradores da CRQ- Serra do Apon é difícil seja pelo transporte, pelas possibilidades de agendar consultar e apesar de duas integrantes da comunidade exercer função de agentes de saúde, Rozilda e Inêz, que inclusive participaram da pesquisa, elas são funcionárias do município, executam o programa de atendimento direcionado

pelos postos de saúde e não podem prestar atendimento aonde elas escolhem. Neste sentido, infelizmente os idosos e outros moradores da comunidade não são atendidos com frequência ou têm alguma prioridade.

A agente de saúde da Unidade de Assistência à Família Arapongas, na cidade de Castro-PR, Rozilda Oliveira Cardoso é a representante jurídica da Serra do Apon. Foi nomeada pelos próprios moradores da comunidade, uma mulher engajada no movimento negro desde sua juventude, que atua ativamente para levar informações aos integrantes da comunidade, seja no sentido social, econômico e político para que esses entendam seus direitos e deveres enquanto sujeitos pertencentes à Comunidade Remanescente de Quilombo, certificada e declarada pela Fundação Palmares em território nacional em 14 de julho de 2005 (**Anexo C**). Rozilda tem três filhas, as quais transmitem tanto pela oralidade como pelo exemplo de vida, a força e a luta das mulheres negras.

Dentre as narrativas conosco compartilhadas conta a história de uma de suas filhas, a primogênita, como ela mesma denomina. Na data de escrita deste trabalho, com 24 anos a professora da educação infantil na cidade de Castro, Rozilda narra que teve em sua trajetória de formação no ensino infantil muita dificuldade por ser uma menina negra e descendente de quilombolas.

“deixava a menina ir pra escola, de ônibus, ainda era de noite quando saía de casa, e certo dia fui ate a escola levar o lanche que ela esqueceu, ai chegar lá fiquei muito triste, pois, a filha estava chorando, fora da sala, porque os amigos estavam zombando dela por ela ser neta de ex-escravo”. (Rozilda Oliveira Cardoso, relato comunicativo de vida cotidiana, 2017).

Rozilda é uma dessas mulheres que encantam e apaixonam pela presença marcante de quem acredita no que vive e vive no que acredita, seu olhar firme e profundo diz que todo mundo tem dificuldades, mas ser mulher negra em nossa sociedade é um ato diário de sobrevivência.

O que isso reflete?

Considerando o pensamento da historiadora, professora e ativista Maria Beatriz Nascimento (1985), que trata das temáticas do racismo e dos quilombos, que estabelece relação entre corporeidade negra e espaço, afirmando que existe uma sociedade colonial revestida de um caráter patriarcal imposto sobre a mulher. Segundo a autora, “a história da raça negra ainda está por fazer, dentro de uma História do Brasil ainda a ser feita”, acreditamos que a construção da história da mulher negra caminha nesse mesmo sentido, visto que muito tempo foi considerada uma mulher essencialmente (re) produtora, submissa ao homem e à família, uma mulher para servir e não um ser autônomo de papel ativo. A historiadora afirma ainda que numa sociedade como a nossa, onde a dinâmica do sistema econômico estabelece espaços na hierarquia de classes, existem alguns

mecanismos para selecionar as pessoas que irão preencher estes espaços e o critério racial é considerado um desses mecanismos que age por meio da discriminação. As narrativas de Rozilda refletem aspectos dessa mulher negra que luta por seu espaço em uma sociedade repressora e patriarcal.

Ao longo do texto da obra de Alex Ratts (2006) *Eu sou Atlântica* – sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento entende-se como essa contínua discriminação feita pelo branco traz como consequência a internalização pelo grupo negro da ocupação de determinados lugares que em muitos momentos lhes são atribuídos. Desta forma, os negros acabam por ocupar determinados lugares dentro da hierarquia social, desobrigando-se, segundo a ideia da obra mencionada, de penetrar os espaços que estão designados para os grupos de cor mais clara. Essa situação dialeticamente perpetua o processo de domínio social e de privilégio racial.

Assim, existe uma presença quase cristalizada da mulher negra ocupando os espaços e os papéis que lhes foram atribuídos desde os tempos da escravidão. Acreditei ser pertinente mencionar essa questão nos registros da figura de Maria Beatriz Nascimento, porque o tom da narrativa da Rozilda ecoa em vários momentos no preconceito em relação à mulher negra e à dificuldade que ela tem e que percebe ser também a dificuldade das suas filhas ao posicionar-se contra essas atitudes preconceituosas e estereotipadas. Em uma de suas falas ela afirma que *“isso deve ser desconstruídos e em certa medida barrado para que não continuem sobre a mulher negra”* continuando a conversa tocamos no tema da educação como possibilidade ou mecanismo eficiente, para que compreendamos as desigualdades que regem a sociedade na qual vivemos e tenhamos argumentos para nos posicionarmos diante de atitudes preconceituosas e discriminatórias.

Nesse contexto o papel da mulher negra como trabalhadora, grosso modo, mudou pouco. Posto que as sobrevivências patriarcais e a falta de acesso à educação têm-se demonstrado um problema grave e agravante em nossa sociedade, que implicam com que a mulher negra, foco de nossa reflexão, acabe assumindo na maioria das vezes empregos domésticos, na indústria de transformação e em diversas áreas, ocupando posições braçais ou operacionais. Ao encontro disso, em suas narrativas Rozilda, diz que se considera uma *“guerreira vencedora”*, em suas palavras: *“tenho um cargo público e ganho da pra vive, é pouco, mas é um cargo público”*. Atualmente Rozilda Oliveira Cardoso trabalha como agente de saúde em um posto de atendimento à família na cidade de Castro-PR rompendo em alguma medida o contexto problematizado anteriormente.

Acrescento, no entanto, que sobreviver diante a repressão dos atuais mecanismos de manutenção de privilégios por parte dos grupos dominantes, atinge grande parte da população brasileira incluindo comunidades remanescentes de quilombos. Os mecanismos que predominante e essencialmente ideológicos lançados sobre as condições objetivas da sociedade têm efeitos

discriminatórios. Observe que em uma sociedade como a nossa, onde convivem elementos arcaicos com o processo de modernização, a educação representa um fator de pressão dos grupos subordinados, possibilitando melhores condições de vida e ascensão social. Aqui há outro aspecto destacado em algumas das frases nas narrativas geradas por Rozilda:

“as meninas precisam estudar, uma já é professora (referindo-se a sua filha mais velha), quero que tenham profissão.” (Rozilda Oliveira Cardoso, 2017)

Neste sentido, encontramos as questões presentes na obra, o Lugar do negro de Lélia Gonzalez e Carlos Hazenbalg (1982), na qual os autores fazem um delineamento de forma sucinta dos problemas sociais presentes em nosso país, problematizando as questões étnicas desde seu início, correlacionando às questões de classes, provocando reflexões sobre o mito da democracia racial e apontando alguns aspectos dos possíveis destinos político da nação. Notem, a obra foi escrita a mais de 30 anos atrás a fim de naquele momento colocar muitas coisas no lugar, parafraseando a própria escrita do livro, no que toca a história dos negros brasileiros. Diante as conversas com Rozilda, constatee que a discussão e a reflexão em torno desse papel ainda precisa de muita e muita argumentação, resistência, problematização e fomentos para que a sociedade de agora caminhe em mudanças para na sociedade de amanhã. Um dos caminhos, apontado pela própria participante de nossa pesquisa, é a educação. Visando romper a ideia presente no discurso da maioria das pessoas, como afirma Rozilda, que dizem:

“não, o negro não chega lá” e continua, mas com educação, estudo e formação. Chega, como um branco chega, igual.” (Rozilda Cardoso Oliveira, 2017).

Diante os relatos orais daqueles que se propuseram a participar da pesquisa, observa-se algumas surpresas, como a receptividade da comunidade em participar, falar, contar, narrar o que podiam sobre suas memórias. Também estiveram presentes algumas imprevisibilidades, tal como, a dificuldade de acesso ao local em que a comunidade vive, dificuldade imposta pela escassez de transporte e estradas de acesso. Por fim, as surpresas não dedutíveis presentes no enredo, como por exemplo, o nascimento de gatos ou o atolamento de um veículo na precária estrada. Eventos surpresas que mobilizaram a todos, rendendo bom humor e o aspecto autêntico de um cotidiano que foi registrado nas narrativas produzidas, uma de memória constituída de fatos do dia a dia. Menciona Rozilda: *“somos pobres, pretos mas humanos”*.

Todas essas surpresas presentes no contexto de um enredo narrativo contribuem para o delineamento de uma memória que também é história, tal qual mencionado por Ricouer (2007).

Para Maurice Halbwachs (2013), nossa capacidade de reter os acontecimentos passados não é ilimitada. Aparentemente, é como se a memória coletiva tivesse a necessidade de se descarregar. Um dos caminhos para tanto, seria a criação de arquivos que hoje conhecem uma fase

de grande difusão, graças à ajuda das novas tecnologias, como o computador, esse imenso repositório de testemunhos, documentos, imagens, etc., representam o medo que as sociedades têm de esquecerem seu passado, porque vivendo mais no signo da mudança e do presente, se sentem compelidas a registrar os acontecimentos como prova de algum julgamento futuro da história. Nesse sentido as memórias dos sujeitos da comunidade não se aglutinam, ou melhor, não se encontram registradas em algum recurso tecnológico ou outro meio. Apresentam-se “arquivadas” nas lembranças de cada um de seus membros de forma aleatória com relevância de significado nos momentos em que exista um elemento disparador para tais.

Como por exemplo, em determinado momento quando tomávamos café, um dos presentes mencionou, lembrou de um dia em que houve o nascimento de um porco na propriedade ao lado da sua e descreveu criteriosamente toda a movimentação diante do fato. O que quero registrar com isso é que os acontecimentos, lembranças e memórias fluem a partir, com e na experiência da vida.

Como Halbwachs (2013) ressaltou, enquanto a memória é vivida pelos grupos, é inútil ser pura e simplesmente fixada pela história, ou seja, nós não mais vivemos em nossas lembranças. A história pode guardar e preservar memórias ao longo do tempo. Mas a memória é movimento, podemos entender até como fatos cotidianos de maior ou menor relevância que se arranjam e rearranjam no fluxo de acontecimentos, conversas e eventos. Talvez, isso explique por que relegamos à história cada vez mais o papel de transportar a memória no sentido de transportá-la dentro da linha do tempo.

Diante as narrativas, ou denominando a partir da metodologia, diante os relatos comunicativos da vida cotidiana de alguns participantes da nossa pesquisa observamos uma construção de memória fragmentada entre saberes narrativas de histórias e enfrentamentos pessoais que se fundem com a constituição da história da comunidade.

3.3 Reflexões em torno de “fragmentos” de memórias visuais

*“o olho do homem serve de fotografia ao invisível, como o ouvido serve de eco ao silêncio.”
(Machado de Assis)*

Considerando que fotografamos o invisível com os olhos, pelas palavras de Machado de Assis, e esse invisível pode ser plasmado, ou melhor, concretizado em fotografias. Torna-se pertinente a sutileza das fotografias de memórias, optamos por produzir um item para tratar dos “fragmentos” de memórias visuais a partir do método interpretativo que se pauta na Cultura Visual

e nos pressupostos interpretativos da MCC escolhida para a construção do trabalho. Muitas imagens dialogam com as narrativas orais e as reflexões trazidas anteriormente.

O processo de geração dessas narrativas visuais, por meio da produção de fotografias foi sugestão dos sujeitos pertencentes à comunidade, logo nos primeiros contatos, nas primeiras conversas que estabelecemos, expliquei minha intenção de pesquisa. Confirmando com isso um dos pressupostos da MCC de que o conhecimento científico seja construído pelo diálogo entre as pessoas que investigam e as pessoas investigadas em condições de igualdade no processo da geração dos dados, entenda-se aqui uma construção epistemologicamente dialógica.

Os sujeitos participantes da pesquisa produziram as imagens utilizando materiais fornecidos pela própria pesquisadora, sendo um telefone celular com câmera fotográfica, uma máquina fotográfica e um dos participantes, por escolha pessoal, utilizou seu próprio aparelho celular. Após a entrega do material, durante 2 meses as imagens foram produzidas pautados na pergunta feita pela pesquisadora sobre o que marcava a memória dos mesmos relacionada à Serra do Apon.

Participaram dessa produção de narrativas visuais Geovano Rodrigues da Silva, Rozilda Oliveira Cardoso e Inês de Cardoso Godoy.

As primeiras fotografias (narrativas visuais) analisadas em nosso trabalho foram produzidas por Geovano Rodrigues da Silva com destaque para o que ele mesmo enfatizou ao entregar o material produzido com o aparelho celular fornecido pela pesquisadora. Primeiramente, quero descrever Geovano no intuito de estabelecer visualmente a imagem desse rapaz de 26 anos, estatura média, corpo esguio e forte, cabelos e olhos negros com um peculiar olhar sereno e assustado. É filho único e mora na comunidade com a mãe, trabalha no distrito de Socavão, próximo à comunidade aonde trabalha como auxiliar administrativo escolar, estudante de pedagogia na modalidade de ensino a distância em uma instituição com polo na cidade de Castro-PR.

Após nos conhecermos e explicar minha intenção de pesquisa, Geovano foi ativamente participativo e entusiasta da ideia de narrar-se suas memórias e a proposta do registro visual em fotografias alimentou ainda mais esse entusiasmo. Ele produziu as imagens com a câmera digital de um celular fornecido pela pesquisadora durante 53 dias não consecutivos, a partir de sua perspectiva de memória. Não houve um elemento disparador para a produção das imagens, fizemos a pergunta sobre o tema da memória em relação à Serra do Apon, porque a ideia foi que se produzisse narrativas sobre as memórias que ele tem da sua vida na comunidade.

“Não sou um grande fotógrafo, mas gosto de bate foto”, brinca ele, que registrou em fotografias vários objetos, momentos e itens que simbolizam o que para ele são as memórias do seu contexto.

E, a partir de nossa proposta em construir uma pesquisa colaborativa e intersubjetiva, era fundamental que as escolhas fossem feitas a partir do olhar dos sujeitos envolvidos na pesquisa, assim Geovano produziu e escolheu as imagens que mais representavam suas memórias e coube a nós registrá-las e dialogarmos com essas narrativas visuais.

No início de nosso trabalho, logo no Capítulo 1, discorremos acerca da ideia da nomenclatura quilombola e os procedimentos para recebimento da certificação legal e nomeação de áreas quilombolas. Dentre os requisitos, constam o fato de que os integrantes da comunidade se reconheçam como quilombolas e tenham o sentimento de pertencimento.

FIGURA 1- Imagens de casas e da placa que demarca o território do Quilombo



Fonte: Produzido por Geovano-Serra do Apon jun. 2017.

Observem que as primeiras imagens destacadas por Geovano (figura 1) refletem esse pertencimento quilombola que procurei descrever e que de acordo com a tese sobre quilombismo de Abdias Nascimento, apresentada no 2º Congresso de Cultura Negra das Américas (Panamá, 1980), os quilombos, além de constituírem uma das primeiras experiências de liberdade nas Américas, apresentam uma estrutura comunitária baseada nos valores culturais africanos, os quais priorizam uma organização política baseada na democracia, com um modelo econômico contrário ao modelo colonial. Esses aspectos estão presentes na Comunidade Remanescente de Quilombo Serra do Apon tal qual a Figura 2 gerada na narrativa visual de nosso participante de pesquisa.

FIGURA 2 - Imagens da produção de verduras e criação de animais para agricultura de sobrevivência no território do Quilombo



Fonte: Produzido por Geovano-Serra do Apon jun. 2017.

Ao invés de uma produção agrícola que visasse comercialização e consequentemente lucros, os sujeitos pertencentes à comunidade cultivam uma produção agrícola diversificada, a fim de promover o próprio sustento das famílias e mantêm algumas relações de troca e intercâmbio com as outras famílias da comunidade e às vezes com as populações circundantes.

Pautados no roteiro de análise para compreensão crítica de imagens proposto por Hernández (2000), utilizamos seu primeiro pressuposto que postula no discurso, no caso a fotografia destacada, constrói um relato do mundo social interpretado aqui enquanto um pertencer quilombola. Suas narrativas afirma tal pertencimento *“pra nós é muito bom produção de pesquisas e registros de nossas falas, essa praca demonstra nossa identidade”*. (Geovano em relação a Figura 1)

Pela observação comunicativa, o olhar da pesquisadora constata uma identificação afetiva com o local por parte de Geovano que afirma não querer sair da comunidade por motivo algum. Retomamos a ideia de que a memória é a própria vida, pois diante a proposta de registrar suas memórias Geovano apresenta uma história que é sua, mas pertence a todos e a ninguém, o que dá a ela uma vocação para o universal. A memória dele, particular, pessoal, se remete à história da própria certificação da comunidade como Remanescente de Quilombo.

Conectamos ao fato de que a narrativa da memória individual dos sujeitos que participaram da pesquisa, em alguns momentos se confunde com o coletivo, tal qual a menção da palavra nós. Assim, a memória é tratada pela perspectiva de ser um pensamento contínuo e autêntico, que por sua vez registra o que realmente é o contexto pesquisado.

A figura 1 poderia assumir a legenda: *“é assim que nós vive”*, registrada e intitulada pelo próprio Geovano no momento em que olhávamos juntos as fotografias. As imagens representam a vida que normalmente constatamos no interior das regiões e somos levados a pensar na dimensão

simbólica que a frase reflete. Sendo assim, “é assim que nós vive” diferencia a maneira de como outros vivem. E esses outros, segundo Geovano, são as pessoas que moram na cidade. Aqui se encontra importante fragmento da memória dos sujeitos pertencente à CRQ-Serra do Apon, eles se identificam como diferentes da sociedade. Geovano nos afirma que se sente diferente por ser quilombola. Eu, por minha vez, instigada questiono o que ele quer dizer com a palavra “diferente” e a resposta é rápida “*não somos só negros, somos quilombolas*”, ele responde. Constata-se que ser quilombola é ter uma representatividade dentro da sociedade, que se remete ao sentimento de pertencimento, de fazer parte de algo e considerando todo o processo de formação e estruturação dos quilombos e das raízes negras em nosso país. Esse sentimento de pertencer traz segurança, foi isso que senti nas palavras de Geovano.

Cabe registrar que a observação mencionada foi anotada no diário de pesquisa, logo após, inseridas e compartilhadas com o pressuposto do roteiro que propõe a construção de um posicionamento a partir dos relatos visuais. Ao afirmar: é assim que vivemos, compreendemos estar implícita a ideia de pertencimento ao grupo, que identifica uma memória legitimada com e na coletividade.

Não produzimos significado para as imagens apresentadas a fim de satisfazer quaisquer expectativas ou hipóteses, porque se assim o fosse fugiríamos da proposta da MCC e da Cultura visual pelo viés da compreensão crítica. Pois o foco da compreensão crítica da cultural visual consiste em entender não o que pensamos das representações, mas sim o que podemos pensar sobre nós mesmos a partir delas, existe um deslocamento do olhar, uma mudança de perspectiva nas análises das imagens.

FIGURA 3- Imagens de utensílios, artefatos domésticos e representação da religiosidade



Fonte: Produzido por Geovano-Serra do Apon. jun.2017

Ao encontro de alguns fragmentos de narrativas orais mencionadas por outros moradores no item anterior, como por exemplo, as narrativas da Senhora Vanir sobre a benzedura das almas e rezas identifica e representa alguns traços dessa comunidade, como a religiosidade e alguns artefatos e utensílios domésticos representados pela figura 3.

Geovano entende sua espiritualidade como acolhedora ao me mostrar a imagem do altar na figura 3 diz “*nossa religião é uma religião que acolhe porque abraça de tudo*” e de fato ao observar a imagem, ele emprega a palavra acolhimento que parece ser bastante pertinente, pois há uma mistura de imagens, santos e orixás que representam uma devoção “customizada”, uma multiplicidade de representação da espiritualidade, que respeitosamente aceita e considera diferentes perspectivas, calcada em matrizes africanas, contudo influenciada por várias outras crenças, principalmente o catolicismo.

Abdias Nascimento (1978) ao tratar do Genocídio do negro brasileiro registra em uma obra que recebe o mesmo nome que o racismo brasileiro não tem limites, conceituando-o como dinâmico, polifacético e manipulador de forma surpreendente. Nesse sentido, enquadra-se o “sincretismo religioso”, que segundo o autor trata-se de um mito, que pretende transmitir a imagem de que a “fusão” entre as religiões africanas e a religião católica aconteceu e acontece de forma natural com harmonioso e fraterno intercâmbio, como o autor destaca trata-se de um mito.

Na mesma obra, A. Nascimento menciona Roger Bastide que demonstrou exaustivamente fatos contrários a esse mito; que longe de resultar de troca livre e de opção aberta, o sincretismo católico-africano decorre da necessidade que o africano e seu descendente teve de proteger suas crenças religiosas contra as investidas destruidoras da sociedade dominante. As religiões africanas efetivamente postas fora da lei pelo Brasil oficial, só puderam ser preservadas através do recurso da sincretização. O catolicismo, como a religião oficial do Estado, mantinha o monopólio da prática religiosa. Bastide nos diz que o “sincretismo é simplesmente uma máscara posta sobre os deuses negros para benefício dos brancos”. (NASCIMENTO, A. 1978. p.108)

Reitero que o termo “customizado” foi utilizado apenas para marcar que a espiritualidade é particularizada pelos sujeitos da comunidade. Representam em seus altares elementos que lhes remetem ao sentido de acolhimento mencionado e proteção sem preocuparem-se com a coerência filosófica ou a origem dessas ou daquela doutrina religiosa. Consideram o que as imagens representam para si, há de se considerar também que os negros se viram obrigados a disfarçar seus deuses com nomes de santos católicos, para preservar e garantir continuidade das suas crenças e rituais próprios das matrizes africanas.

Não pretendemos problematizar sobre as questões da religiosidade, mas no que tange ao tema memória (s), a religião foi um elemento muito presente em toda a comunidade, seja nas falas ou nos altares mantidos nos lares.

FIGURA 4- Objetos que “marcam muito a nossa gente”



Fonte: Produzido por Geovano-Serra do Apon jun. 2017.

Na figura 4, Geovano registrou objetos que segundo ele “*marcam muito nossa gente*”, ora trata-se de utensílios, instrumentos, para realização de atividades básicas como moer grãos, transportar alimentos ou água e conectamos com a narrativa da Senhora Anistarda, que lembra o porongo como crucial para a realização das atividades cotidianas em tempos de outrora.

Mirzoeff (2003) estudioso sobre cultura visual utiliza o termo plasmar a vida em imagens ou visualizar a existência, a fim de estudar a contemporaneidade. Nesse sentido, a Cultura Visual constitui uma estratégia para compreender essa vida contemporânea (MIRZOEFF, 2003, p. 20). E com isso encontramos nessa perspectiva uma ferramenta interpretativa das imagens visuais produzidas por nossos participantes nesta pesquisa, refletindo uma existência de memória que se

repete, se relembra e se reconfigura na contemporaneidade, mas sem esquecer ou deixar de lado o que está no passado diretamente responsável pelo presente da comunidade. Plasmando a vida em imagens, como sugere o autor, traz uma ideia de que as imagens podem refletir o que é e o que faz essa comunidade em sua vida cotidiana. Os utensílios, registrados nas imagens produzidas, por exemplo, na figura 3, não estão fixos no passado ainda são utilizados e orgulhosamente apresentados aos mais novos ou àqueles que em alguma medida participam do cotidiano da comunidade.

Rozilda Cardoso Oliveira participante já apresentada e conhecida por suas narrativas sobre a mulher negra, seus enfrentamentos e desafios, presenteia nosso trabalho com algumas narrativas visuais produzidas por seu aparelho celular, esse material foi escolhido por ela mesma para fotografar, e suas narrativas de memórias visuais são marcadas pela presença familiar. Na figura 5 registra sua mãe, Senhora Anair Cardoso Godoy, segurando um tapete confeccionado por ela mesma com a fibra de uma planta presente na região da Serra do Apon conhecida como piri-piri que serve tanto para fazer fibras como tempero aromático picante para alimentos. Esses tapetes são feitos num tear de madeira ou de bambu e utilizados como manta, cobertor, esteira para dormir ou pano de cobrir alimentos, nos relata Senhora Anair. E, acrescenta que desde o tempo dos primeiros ancestrais esse saber fazer era utilizado e foi passando de pai para filho.

FIGURA 5- Saber fazer. Senhora Anair com o tapete de piri



Fonte: Produzido por Rozilda Cardoso Oliveira. 2017.

Este fragmento de memória registrado pelo olhar de Rozilda e plasmado na imagem da Senhora Anair, nos relembra a ideia de oralidade proposta por Hampaté Bâ (2003,2010) ao salientar que a palavra falada, esse saber como se faz, como se tece no tear essas fibras, por exemplo,

mantém a autenticidade, a fidelidade ao início do que se é. Um traço de memória relevante para compreender esse universo de práticas e saberes de descendentes africanos. Sobre esse aspecto, o pesquisador antropológico Clifford Geertz (1989) afirma que:

o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado. (GEERTZ, 1989)

Os signos e significantes, os jogos de linguagem nos permitem estruturar nossas reflexões, a fim de representar algo e imprimir sentido para e nas coisas diante o mundo. Essas expressões representativas são impressas na memória e a linguagem possibilita a troca entre os diferentes portadores desses signos, sendo construída através do diálogo com o outro, poderíamos inclusive pensar uma “troca de memória”.

Observa-se como toda construção de significado, ressignificação e compreensão são possíveis por meio de uma determinada linguagem que nos introduz a um mundo com muitas singularidades, no qual não observamos as coisas em si, mas sim observamos os rótulos que ditam e designam os significados das coisas previamente impostos ou estabelecidos. A relação dialógica ocorre nessa perspectiva, talvez isso esteja óbvio, mas ao ouvir o outro quase como num mistério de recordações pensamos nas nossas memórias e num campo mais subjetivo há essa “troca de memórias” entre todos os envolvidos no processo de reflexão em torno da ideia de memória.

Outra participante de nossa pesquisa é a remanescente quilombola Inêz de Cardoso Godoy, que utilizando uma máquina fotográfica disponibilizada pela própria pesquisadora registra suas memórias na e da Serra do Apon. Inêz foi mencionada no item das narrativas orais por ser filha da Senhora Anistarda, como a mãe é uma mulher de voz grave, não tem filhos, trabalha como agente de saúde em um posto de atendimento à família no distrito do Socavão e tem uma ideia formada sobre o que é pertencer a uma comunidade de remanescentes de quilombo. Afirma que nunca teve problemas com o olhar dos outros em relação a ela como os demais participantes mencionam em alguns momentos. Quis participar das narrativas visuais, registrando suas memórias com fotografias, “*para ter uma experiência*”, como ela mesma disse.

Em suas fotografias, figura 6, contatam-se muitos aspectos do coletivo da comunidade, as estruturas das casas, que segundo ela precisam ser melhoradas para oferecer mais qualidade de vida aos moradores da comunidade.

FIGURA 6- Estruturas habitacionais no território da Serra do Apon. Produzido por Inez Cardoso Godoy.



Fonte:. Produzido por Inez Cardoso Godoy. 2017.

A partir da figura 6 retomo outra narrativa nas palavras de Rozilda Cardozo Oliveira que completa a imagem produzida por Inez Cardoso Godoy. Atualmente a CRQ – Serra do Apon passa pela falta de assistência, em pleno século XXI, ainda não têm acesso à infraestrutura, à eficiente assistência médica e outros serviços, como educação de qualidade, alimentação saudável e moradias com infraestrutura básica. Estas dificuldades tornam a comunidade quilombola alvo permanente de problemas sociais.

.... as pessoas usam água sem tratamento, que não tem aposentadoria, são poucos os que têm, os mais velhos, os mais jovens trabalham serviço braçal, mas trabalham para sobreviver, um trabalho para o outro, não existe um pequeno elo nosso, nossas pessoas, nossos quilombolas, não tem um pequeno agricultor que ele faça assim o seu trabalho, que ele sobreviva do trabalho dele, que ele venda e retorne pra ele. É tão grande a nossa área pra gente viver, pra haver uma troca, de repente trazer alimento pra uma aquisição de pequeno produtor das escolas, aderir aos programas, que a gente sabe que tem tanto programa do governo pra poder comprar essas coisas e pra merenda escolar, pra adesão. (Rozilda Cardoso, relato comunicativo de vida cotidiana, 2017)

Retomamos a questão de que a existência de processos regulamentadores e mantenedores para as comunidades remanescentes de quilombos não se cumprem efetivamente e pautamos essa afirmação nas narrativas de Rozilda e suas descrições de como os moradores têm buscado seus direitos para criar outras possibilidades, mas, como ela mesma diz, “*as coisas demoram para acontecer e enquanto isso a população na comunidade vai vivendo como dá*”.

Assim como, apresentamos algumas imagens do modo de viver na comunidade, registrado visualmente por Geovano nas fotografias, figura 1, observam-se questões de infraestrutura que não garantem comodidade ou mais qualidade de vida à realização de tarefas e atividades das mais cotidianas. Pode-se perguntar, mas esses integrantes querem integrar tal processo, querem que haja mudanças? Ora, sejamos razoáveis, majoritariamente as pessoas desejam certo conforto para

subsistência e sobrevivência. Poderíamos discutir o que é qualidade de vida, inserir na discussão a ideia bem-estar, problematizar sobre felicidade entre outros aspectos, mas o que registramos aqui é algo prático, viver com água encanada, esgoto, energia elétrica são que integra nosso dia a dia de forma tão intrínseca que não nos damos conta do quanto à falta disso dificulta a vida.

Um primeiro passo que a gente conseguiu foi a questão da luz, que é o “Luz para Todos”, depois a gente foi começando a participar das coisas, por exemplo, ir em cursos de formação para quilombolas, conseguia fazer uma caravana, pegava um grupo ou cinco, menos três de cada comunidade levava pra os eventos, para as pessoas começarem a se reconhecer, a ver seus direitos, a ver um documento deste para matriz escolar, entendeu? Então a gente foi participando dos Conselhos municipais, estaduais, trazendo as pessoas para as conferências, começamos a tirar do nosso grupo mesmo. Lógico que é tudo limitado, por que tem que saber um pouquinho ler, às vezes a pessoa tem vergonha, não quer se expor, às vezes aquele que tem um pouco mais de condição ou tem um filho, tem casa e não pode. Fomos tentando incluir as pessoas para participar e entrar em Conselhos de Saúde, Social e da Educação, entramos no Conselho de Segurança Alimentar. Quando tinha alguma coisa do governo, assim, por exemplo, a troca de geladeira, a troca de chuveiro, então assim fazia o cadastramento e tal. Foi mínimo, mas... pra quem não tinha nada... meu pai nunca teve a oportunidade de alcançar uma luz elétrica, de conhecer uma televisão dentro da casa dele, e hoje tem lá. Foram conquistas que pra nós temos há pouco tempo. (Rozilda Cardoso, relato comunicativo de vida cotidiana, 2017)

Hoje, para você ter uma ideia, nós estamos carentes de profissional médico, no município, pessoas sofrendo porque nós não temos pessoal todo formado para trabalhar, é tudo de fora, o básico que a gente forma no município é Assistente social; algum, os filhos que tiveram herdado alguma coisa de alguém, são dentistas ou alguma coisa assim neste nível, algum ou outro médico, os dois aqui na cidade não têm. Vão se formar pra fora, nós não temos formação dentro do município, precisamos de pessoas de fora com mais informações e com amis pessoa se integrando. De repente, aí com mais conhecimento, quem sabe dos nossos futuramente não tenha um bom professor ou um bom médico ou o que a gente e pode ser. Então, veja a importância pra nós é esta informação, não só como quilombolas, mas como cidadão. (Rozilda Cardoso, relato comunicativo de vida cotidiana, 2017)

Normalmente os territórios remanescentes de quilombos organizam-se em terrenos familiares com todas as questões e especificidades que levantamos anteriormente e têm uma Associação, uma entidade civil que representa juridicamente, negocia e acompanha todo o processo de regulação para os territórios, no caso da Serra do Apon, Rozilda Cardoso Oliveira é presidente

dessa Associação da comunidade que não possui um nome específico. Nesse formato conseguem participar de programas governamentais ou projetos de financiamentos junto a outras instituições.

Existem políticas públicas voltadas a essas comunidades, legalmente existem e estão presentes em nosso trabalho nas páginas 35-37, bem como, o Programa Brasil Quilombola⁶ vinculado ao Ministério do Desenvolvimento Agrário que consiste em créditos específicos e convênios voltados ao desenvolvimento de infraestrutura nessas comunidades. Contudo, seja pelo desconhecimento dessas possibilidades ou pelos entraves burocráticos e morosidades jurídicas em acessar seus direitos os moradores dessas comunidades acabam passando tempos e tempos sem acesso a esses benefícios como é o caso da comunidade pesquisada nesse trabalho.

E assim, as formas de narrar a vida sejam orais ou visuais vislumbram não um resgate de memória a partir do material gerado, mas aproxima o universo simbólico do material apresentando traços da cultura, no caso específico, do povo afrodescendente, que inevitavelmente, levou-nos a refletir questões como a preservação de suas tradições, a luta contra o racismo, a recriação da sua cultura e a própria identidade negra associada aos processos de democratização dos espaços coletivos e públicos. E, essas reflexões nos apontam que ainda há necessidade de muitas discussões e políticas públicas eficazes para tratar das relações raciais na sociedade.

Retomamos que o suporte de analisar criticamente as imagens com suporte na Cultura Visual proposta por Hernandez (2000) permitiu analisar os discursos sobre as representações que constroem relatos do mundo social e favorecendo visões de mundo específicas. Além disso, questionamos a tentativa de existir um significado fixo nas representações das imagens, nas produções geradas pelos sujeitos da comunidade objetos como um pilão traz mais que o sentido óbvio de moer e amassar ervas e grãos ou fazer paçocas e remédios, traz o sentido de identidade e pertencimento a uma determinada cultura. Observamos também, como as narrativas visuais dizem sobre um lugar, o lugar de ser quilombola, que representa o contexto sociocultural da comunidade e constrói uma representatividade social, um posicionamento e um sentimento de ser em coletivo.

Diante isso podemos compreender que o significado de uma narrativa não pertence a nenhum dos falantes, mas surge nas trocas entre os diferentes falantes. Dessa forma a memória é uma forma de salvaguardar lembranças a serem acessadas conforme a necessidade de seu usuário.

Ao nos depararmos com o mundo e seus diferentes contextos somos provocados a estabelecer um contato, um diálogo; utilizando de nossa múltipla habilidade e capacidade de linguagens e compreensões de signos; estabelecemos uma ponte e o mesmo acontece diante a coleta de narrativas na produção desse trabalho. Estabelecemos relações e construímos objetiva e

⁶ Para maiores informações sobre o Programa Brasil Quilombola acessar <<http://www.seppir.gov.br/portal-antigo/comunidades-tradicionais/programa-brasil-quilombola>>.

subjetivamente nossa memória por um processo que entrelaça as lembranças que estabelecemos outrora por meio de comunicações e vivências diversas.

Essa ideia de ponte conecta-se com a ideia de ponte proposta na Metodologia Comunicativo-Crítica para a qual a compreensão e a interpretação de determinada realidade social fundamenta-se não somente na sua mera descrição ou explicação, mas considera a relação entre os sujeitos diante sua realidade, como a constroem e como a qualificam.

Posto que a escolha da Metodologia Comunicativa Crítica é uma opção e um compromisso diante algumas desigualdades vividas no mundo e, segundo Gabassa (2009), representa não apenas uma escolha metodológica em si, mas uma opção e um compromisso diante das desigualdades vividas no mundo. Representa uma escolha como cidadã, professora, mulher e pesquisadora no mundo. Uma escolha não apenas de denúncia de realidade, mas de possibilidades e compromissos com a realidade e com os sujeitos investigados além de uma construção vivida e compartilhada.

Sendo assim, intentamos procurar o significado das imagens com o diferencial de procurar o sentido junto aos participantes de pesquisa integrantes da comunidade. Notam-se como os fios das narrativas de vida apresentaram-se conectando história e tempo no tecido da memória. E, a partir de uma interpretação fluida das imagens, como por exemplo, a figura 3, compreendem-se os significados da experiência cotidiana trazidas pelos integrantes da comunidade como uma memória do olhar, uma vontade de memória do dia a dia, um registro da história do viver e conviver entre os integrantes.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Todas as estações do ano cumpriram seu ciclo durante esse tempo que passou, a fase final da escrita de uma dissertação é o processo de revisitar os ciclos de mudança que ocorrem durante a construção de um trabalho acadêmico, é o tempo de revisitar também as memórias tanto dos participantes como daquele que propõe a pesquisa. Primavera, verão, outono e inverno. Reflexões subjetivas, leituras objetivas, conversas, encontros, desencontros, latências e a pulsante realização do trabalho de campo que propiciou vários fragmentos da relação entre narrativas-imagem-tempo ao encontro do delineamento de memórias dos sujeitos pertencentes à Comunidade Remanescente de Quilombo Serra do Apon.

Nosso objetivo de compreender como esta construída a memória dos sujeitos pertencentes a essa comunidade apresentou-se complexo pela densidade dos temas abordados e desdobrou-se em, por exemplo, fazer a leitura e entender a relação entre as narrativas produzidas e a memórias relacionadas à alimentação, ao trabalho, a religião, as questões vinculadas a posse e a utilização da terra, a afetividade familiar, o preconceito, as lutas e resistências desses sujeitos a partir de suas vivências e experiências como remanescentes quilombolas.

Acreditamos que o trabalho trouxe diferentes elementos como uma colcha de retalhos, várias informações ouvidas, percebidas, sentidas como fragmentos que soltos, desconectados, dizem pouco, mas que “costurados”, tecidos configuraram a memória da constituição da comunidade. E, nesse sentido contribuiu para a produção de materiais e conteúdos sobre a CRQ-Serra do Apon, uma demanda, que posteriormente pode refletir na argumentação para fomentar políticas públicas, medidas administrativas, projetos e ações da própria comunidade.

Segundo Pierre Nora (1993, p.9) “a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos, estando em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações”. Em outras palavras tratar dessa memória que se reconstrói em contínuo devir é tratar também dos processos históricos que movimentam as sociedades em contínuo fluxo de transformações.

A memória pode ser interpretada como uma espécie de banco de lembranças a serem acessadas conforme a necessidade de seu usuário. E esse banco de informações (lembranças) não são somente as individuais, mas configuram - se também como coletivas. Logo, autores como Nora e Halbwachs interpretam a ideia de memória como algo social e coletivamente construído e nesse sentido foi o que constatamos na Serra do Apon, as narrativas orais e visuais se misturam e se entrelaçam ao longo do trabalho.

Constatou-se, também, uma espécie de vontade de memória dentro da comunidade, visto que, as narrativas evidenciam a identificação dos integrantes com a comunidade e como esses se reconhecem como os “guardiões” da memória do local, principalmente pela oralidade. Compreendendo, aqui, vontade no sentido de intencionalidade mesmo ou de tornar possível aquilo que nos aparece, diante a proposta de registrar memórias por narrativas havia a possibilidade de rejeição, negação ou aceitação por parte dos integrantes e aconteceu o contrário uma aceitação e identificação unânime em participar e contribuir com a pesquisa.

O aspecto das fotografias enriqueceu o trabalho, sendo consideradas narrativas visuais, registraram e refletiram essa “vontade de memória” plasmaram o cotidiano. E, como já o dissemos, sendo o cotidiano a própria vida, registrar, assume o sentido de eternizar a história dessa comunidade ao longo do tempo.

Com as tessituras das memórias dos habitantes da CRQ pesquisada não intentamos um resgate de memória, mas sim os registros das narrativas que refletiram o saber fazer da comunidade, suas dificuldades, entraves e conquistas em diferentes aspectos. Conforme Munanga (2005):

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. (...) Essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos cotidianamente é fruto de todos os seguimentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional. (MUNANGA, 2005, p.16)

Respaldamos a resposta ao nosso objetivo de pesquisa concordando com Munanga (2005), que para registrar diferentes possibilidades de ver, interpretar e resignificar determinadas memórias é necessária não somente para os sujeitos que narram e participam ativamente do processo, mas constitui-se relevante para todo o contexto que trata de comunidades negras nas configurações contemporâneas.

Visto que na maioria dos livros de História do Brasil sempre ensinaram os acontecimentos relacionados à pós-escravidão relegando ao segundo plano os assuntos relativos ao racismo; mascarando as graves questões sociais e discriminatórias que empurraram a população negra para as margens da atenção a assistência social, cultural e governamental. Discorremos sobre algumas mudanças significativas na legislação brasileira nas páginas 35-37 desse trabalho e não temos a solução para essas questões, o que propomos são reflexões e debates a fim de que as informações alcancem a população brasileira provocando mudanças no cenário da sociedade brasileira que se encontra imersa em uma cultura racista em pleno século XX

o Brasil instituiu, baseado no racismo original da escravização dos africanos, uma cultura brasileira racista. Um psicoracismo estrutural que só poderá ser eficazmente enfrentado e vencido quando os afro-brasileiros se organizarem fortemente em instituições negras, em todos os aspectos: econômicas, educativas, culturais, mas, principalmente organizações políticas. (NASCIMENTO, A. 1980)

Por tratar-se de uma Comunidade de Remanescentes de Quilombo perpassamos pelas diversas questões citadas e evidenciadas pelas narrativas de nossos sujeitos de pesquisa. A representação do negro dentro de nossa sociedade tem mudado ao menos numa perspectiva mais otimista ou de alguém envolvido com educação e que se sente condenado à esperança, lentamente as representações têm mudado. Por exemplo, existem livros didáticos e materiais que tratam das questões étnico-raciais, pelo sim pelo não é um avanço. Há livros de histórias infantis com protagonistas negros/as que visam desconstruir a imagem da criança negra estereotipada. Há a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989 que criminaliza o racismo e Lei 10.639/03 que implementa obrigatoriedade no ensino das relações étnico-raciais nas escolas. Porque estou citando esses aspectos? Por que uma sociedade na qual precisamos instituir leis que garantam direitos a ser o que se é ou a viver de acordo com sua história, valores, crenças, hábitos e cultura, criticamente analisando, soa ironicamente absurdo.

O trecho abaixo da obra Quilombismo registra as palavras de Gilberto Freyre que sintetiza parte de uma ideologia que retrata com clareza a experiência africana no Brasil. Freyre nos diz;

1) que a sociedade brasileira institucionalizada (ou convencional ou dominante) nunca antes considerou a cultura africana como uma verdadeira cultura; 2) que a orientação deste Brasil oficial (ou convencional) tem sido sempre oposta às culturas africanas, tanto assim que para uma aproximação mais íntima ocorrer com as mesmas é necessário que se faça disso uma "causa"; isto é; implica que os africanos e as culturas que vieram com eles são coisas estranhas ao contexto brasileiro, um ideal distante de ser atingido, e não uma realidade diária, parte integral e concreta de todo o processo histórico da formação brasileira; 3) que o expoente mais "progressista" da generosidade liberal, após "reconhecer" a contribuição cultural africana ao Brasil, persistentemente enfatiza a predominância dos valores culturais europeus sobre os outros da maioria da população, a qual é de origem africana. Tudo isto por quê? Porque bem no fundo dos conceitos científicos, da ostentação "democrática", se encontra a terrível e inarredável verdade: o supremacismo branco-europeu, o racismo, o dogma da inferioridade racial e cultural dos africanos. (NASCIMENTO, 1980. p. 87-88)

Na região na qual esta situada a comunidade pesquisada, como mencionei no início desse trabalho, há a afirmação de que não existiu escravidão na região. Afirmação desconstruída por alguns historiadores e pesquisadores, também citados no texto, e principalmente fato refutado na leitura das narrativas orais e visuais geradas por nossos participantes de pesquisa. Nota-se pelas palavras de Freyre, em O Quilombismo, que o processo de formação brasileira é marcado pela

supremacia branca, e essa, por sua vez não tem ciência dos benefícios que possui nas esferas sociais e alimenta a formação discriminatória que constituiu nosso país.

Diante isso o processo de redemocratização do país de 1988 trouxe importantes avanços, mas, precisamos de mais reflexões, discussões e ações. As narrativas geradas retrataram não apenas um tecido de memória, estruturado com diferentes fragmentos, mas também uma dimensão dos lugares ocupados pela população negra no contexto pesquisado o que consequentemente, também, nos provocou a pensar esse lugar no contexto brasileiro.

FIGURA 7- Reunião do dia 09 de setembro de 2016, na Comunidade Remanescente de Quilombo – Serra do Apon



Fonte: Registrado pela pesquisadora.

Senhora Vanir, Senhora Anistarda, Senhor Anselmo, Senhora Anair, Inêz, Rozilda e Geovano trouxeram memórias relacionadas a aspectos cotidianos e psicológicos acerca do contexto de formação da CRQ-Serra do Apon e com as leituras das narrativas compreendemos a representatividade desses espaços como formas de resistência aos processos de dominação institucionalizados, bem como, espaços de manutenção da cultura e dos costumes vinculados a esses sujeitos nos mais variados aspectos.

E assim, as formas de narrar a vida sejam orais ou visuais vislumbram não um resgate de memória a partir do material gerado durante o processo, mas aproxima o universo simbólico do material apresentando traços da cultura, no caso específico, do povo afrodescendente, que inevitavelmente, fomentou reflexões sobre a preservação das tradições, a luta contra o racismo, a recriação cultural e a própria identidade negra associada aos processos de democratização dos

espaços coletivos e públicos. E, essas reflexões nos apontam que ainda há necessidade de muitas discussões, debates, reflexões, além de mecanismo que permitam essas comunidades acessar as informações sobre seus direitos a fim de trabalharem para utilizarem os mesmos.

Compreendemos que as práticas das memórias passaram por muitas evoluções ao longo da história da humanidade e o que concebemos hoje como memória é a sua vastíssima constituição de estoque material daquilo que nos é impossível de lembrar, mas que poderíamos um dia ter a necessidade de lembrar. No que tange a memória da CRQ-Serra do Apon, pelo olhar de seus integrantes, essa se constitui de histórias relacionadas ao passado, de lembranças da dificuldade em sobreviver num contexto à margem. Outro resultado de minha interação com os sujeitos pertencentes a comunidade e que por meio do diálogo comunicativo sobre a vida cotidiana foram lançando na conversa fragmentos de suas vivências e experiências cotidianas, delineando, pouco a pouco, esse conjunto de memórias. Talvez a escrita esteja repetitiva em relação a essa ideia, mas intento que isso fique marcado, pois apesar dos conceitos de memória utilizados nota-se o mistério das recordações presentes na configuração de memórias na Comunidade Remanescente de Quilombo Serra do Apon.

E esse “mistério” relaciona-se aos “arquivos paralelos” que criamos em nossas mentes individuais a fim de significar algo que é somente nosso, como algumas narrativas compartilhadas que trouxeram um particular sentido de memória ao sujeito que narra e somente depois que o trabalho estava delineado podemos entender que esse sentido do sujeito só existe por ser refletido no contexto do cotidiano da vida dessa comunidade.

Podemos afirmar que houve um aprendizado teórico-metodológico no próprio processo de pesquisa, bem como, a sensação de que muito há para se fazer ao encontro de criar demanda com finalidades políticas-sociais para essa comunidade. Por hora, acreditamos ter caminhado de forma dialógica e comunicativa considerando as vozes desses sujeitos e registrando da forma mais clara e objetiva possível contribuindo para o registro e entendimento de suas memórias.

Esse entender o que nos faz ser, o que somos de forma ampla considerando experiências, aprendizados e histórias acompanha a ideia de memória como uma espécie de fio condutor que organiza impressões e algumas certezas acerca de nós mesmos, das nossas origens e do mundo que nos cerca não como uma capacidade única, mas sim como uma capacidade múltipla e inteligente que possibilita a constante reconstrução de nós mesmos. Observamos que com o processo de construção da pesquisa os sujeitos participantes também reconstruíram suas memórias pessoais, recontaram um pouco da história da Comunidade Remanescente de Quilombo Serra do Apon reconstruindo suas memórias coletivas.

Por tratar-se de uma comunidade remanescente de quilombo constatamos com clareza que a memória do negro brasileiro integra um esforço de reconstrução de um passado em que todos os afro-brasileiros estão ligados, tratando-se de comunidades remanescentes de quilombos esse esforço é mais presente por configurar também a representação de reconstrução de um período histórico. Ter um passado é ter uma consequente responsabilidade nos destinos e no futuro da nação negro-africana. Nessa perspectiva reitero a relevância dessa pesquisa como um registro de memória, mesmo que pequeno, diante a imensidão de memórias sobre a escravidão no estado do Paraná.

Contudo, permanece o abismo das diferenças e da ausência de oportunidades justas e igualitárias aos sujeitos que integram a sociedade brasileira independentemente da cor de pele, idade, gênero, subjetividades, identidades e memórias.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, R. S. A. **Quilombola**: Tradições e Cultura da Resistência. São Paulo: Aori Comunicações, 2006. BRASIL.
- ARRUDA, A. C. da C. **Documentação Audiovisual**: Instrumento de Construção da Memória da Favela do Chapéu Mangueira. 2006, 84f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- AUBERT, A. et al. **Aprendizaje dialógico en la sociedad de información**. 3. ed. Barcelona, ES: Hipatia Editorial, 2010. 260 p.
- BASTOS, M. L. **Imagem e Conhecimento**. Col. Texto e Arte. 1. ed. v. 17. São Paulo: EdUSP, 2006. 369 p.
- BISQUERRA, R. (Coord.). Metodología Comunicativa Crítica. In: _____. **Metodología de la Investigación Educativa**. 4. ed. Madrid, ES: La Muralla, 2004. 449 p.
- BRAGA, F. M; GABASSA, V.; MELLO, R.R. **Aprendizagem dialógica**: ações e reflexões de uma prática educativa de êxito para todos(as). 1. ed. v. 1. São Paulo. EDUFSCar, 2010. 85 p.
- CORAZZA, S. M. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos investigativos**: novos olhares da pesquisa em educação. Porto Alegre: Mediação, 1996. p.105-131.
- DUARTE, R. **Pesquisa qualitativa**: reflexões sobre o trabalho de campo. Cadernos de pesquisa. n. 115, p. 139-154, mar. 2002.
- FERREIRA, C. O. D. **Fotografia como crença**: Construindo narrativas, ressignificando memórias. 2012, 159f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2012.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997. 144 p.
- FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Ministério da Cultura. **Certidões Expedidas às Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs)**. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2013/06/1-crqs-certificadas-ate-10-06-2013.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2017.
- GABASSA, V. **Comunidades de aprendizagem**: a construção da aprendizagem na sala de aula. 2009, 245f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2009.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989. 224 p.
- GÓMEZ, J. et al. **Metodologia Comunicativa-Crítica**. Barcelona: El Roure Editorial. 2006. 154 p.

GONZALEZ, L.; HASENBALGE, C. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero. Coleção 2 pontos, v.3.1982. 115 p.

GRUPO DE TRABALHO CLÓVIS MOURA (2010). **Quilombolas no Estado do Paraná**. Disponível em:
< <http://www.gtclovismoura.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=62>>. Acesso em 09 mar. 2018.

HABERMANS, J. **Teoría de la Acción Comunicativa**. Racionalidad de la acción y racionalización social. Madrid, ES: Taurus, v. 1, 1987. 520 p.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013. 224 p.

HAMPATÉ BÂ, A. **Amkoullel**, o menino fula. São Paulo: Palas/Casa das Áfricas, 2003. 352 p.

_____. **Tradição viva**. In: ZERBO, J. K. (Org.). História geral da África I. Brasília, DF: MEC/Unesco, 2010.

_____. **A educação tradicional na África**, 2003. Disponível em:
<<http://www.casadasafricanas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/08/A-educacao-tradicional-naAfrica.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

HERNANDEZ, F. **Cultura Visual**, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 2000. 261 p.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1968 p.

JOVINO, I. da S. **Crianças Negras em Imagens do Século XIX**. 2010, 131f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2010.

JUNIOR, A. F. de P. **Educação e oralidade no oeste africano pela representação de Amadou Hampaté Bâ**. 2014, 159f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP, 2014.

KERN, M. L. B.; FABRIS, A. **Imagem e Conhecimento**. Coleção Texto e Arte. v.17. São Paulo: Edusp. 376 p.

LEITE, I. B. Quilombos e Quilombolas: cidadania ou folclorização? **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v. 5, n. 10, p. 123-149, mai. 1999. Disponível em:
< <http://www.scielo.br/pdf/ha/v5n10/0104-7183-ha-5-10-0123.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

LUNA, B. F. Sequência Básica na Elaboração de Protocolos de Pesquisa. **Revista Arquivos Brasileiros de Cardiologia**. v. 71, n. 6, p. 73.

MADUREIRA, S. A. “**Não adianta querer ser**. Tem que ter pra trocar, o mundo é diferente da ponte pra cá”: juventudes e identidades de raça, gênero e sexualidade a partir de um projeto de

extensão da NUREGS. 2015, 148f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR, 2015.

MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. **Revista Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez., 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a06.pdf>>. Acesso em: 11. jun. 2017.

MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual**, Análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008. 295 p.

MARTINS, H. H. T. de S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo: Universidade de São Paulo. v.30, n.2, p. 289-300, mai./ago. 2004.

MATTOS, C. L. G. A abordagem etnográfica na investigação científica. In _____ (Org.); CASTRO, P. A. (Org.) **Etnografia e educação**: conceitos e usos [online]. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2011. p. 49-83.

MEDEIROS, S. P. **EU SOU QUILOMBOLA!** Identidade, História e Memória no Quilombo Pedra D'Água (1989-2012). 2012, 153f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB, 2012.

MEZZOMO, F. A. . **Religião**, nomos e eu-topia: práxis do catolicismo no oeste do Paraná. 1. ed. Cascavel: Edunioeste, 2002. v. 1. 208p .

MIRZOEFF, N. **Una introducción a la cultura visual**. Barcelona, ES: Paidós, 2003. 384 p.

MOURA, C. **História do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. **Rebeliões da senzala**: quilombos, insurreições e guerrilhas. São Paulo: Conquista, 1972.

MOURA, G. Quilombos contemporâneos no Brasil. In: CHAVES, R. (Org.); SECCO, C. (Org.); MACÊDO, T. (Org.). **Brasil África**: como se o mar fosse mentira. São Paulo: Ed. Unesp; Luanda, Angola: Chá de Caxinde, 2006. p. 327-362.

MUNANGA, K. **Negritude**: Usos e Sentidos. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 88 p.

_____. **Origens africanas do Brasil Contemporâneo**: Histórias, línguas, culturas e civilizações. São Paulo: Global, 2009. 112 p.

_____. Origem e histórico dos quilombos em África. In: MOURA, C. (org.) Os quilombos na dinâmica social do Brasil. Maceió: Edufal, 2001. p. 21-31.

_____. **África**: Trinta anos de processo de independência. Disponível em: <<http://www.casadasafricanas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/08/AfricaTrinta-anos-de-processo-de-independencia.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2013.

NASCIMENTO, A. **O quilombismo**. 2. ed. Brasília/Rio de Janeiro: Fundação Palmares, 2002. 362 p.

_____. **O quilombo**: vida, problemas e aspiração. 34. ed. São Paulo: 2003. p. 12.

NISHIO, C. T. de L. **Entre Dois Fotogramas**: passagem da fotografia à imagem cinematográfica pelo intervalo do visível. 2003. 129f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2003.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, Revista do programa de estudos pós-graduados em História e do Departamento de História. São Paulo, n. 10, p. 1-78, dez. 1993.

NUNES, M. D. F. **Mandingas da infância**: as culturas das crianças pequenas na escola municipal *Malê Debalê*, em Salvador (BA). São Paulo, 2017, 431f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

O NEGRO da senzala ao soul. Produção: Departamento de Jornalismo da TV Cultura. São Paulo: Documentário, 1977 (45min. 24seg.). Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=5AVPrXwxh1A>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

PADILHA, M. S. R. **Narrativas Oraís na Comunidade Remanescente de Quilombo Menino Jesus: processos de educação e memória**. 2009, 136f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, PA, 2009.

PENA, E. S. **O jogo da face**: a astúcia frente aos senhores e à lei na Curitiba provincial. Curitiba, PR: Aos Quatro Ventos, 1999. 362 p.

_____. Devoção e escravidão nas fazendas da ordem carmelita - Paraná (séculos XVIII e XIX). In: VIII Encontro Regional de História - Anpuh/PR, VIII Encontro Regional de História: 150 anos de Paraná - História e Historiografia, 1., 2002. **Anais do VIII Encontro Regional de História**. Curitiba, PR: Universidade Federal do Paraná, 2002. p. 36-36.

PEIXOTO, A. C. S. **A Construção de Identidades em Narrativas de Comunidades Quilombolas no Sertão das Gerais**. 2014, 184f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2014.

RATTS, A. **Eu sou atlântica sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Instituto Kuanza; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. 129 p.

RICOEUR, P. **Teoria da interpretação** – o discurso e o excesso de significação. Rio de Janeiro: Edições 70, 1990. 109 p.

_____. **A memória**, a história, o esquecimento. Tradução Alain François. Campinas: Editora UNICAMP, 2007. 536 p.

ROCHA, G. A etnografia como categoria de pensamento na antropologia moderna. **Cadernos de Campo**. São Paulo, v. 14, n. 15, p. 99- 114, 2006. Disponível em: 397
<<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/download/50100/54220>>. Acesso em: 12. fev. 2018.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO ESPORTE. Coordenadoria do Patrimônio Cultural. **Cadernos do Patrimônio**: Fazenda Capão Alto. Curitiba, PR: Editora Coordenadoria do Patrimônio Cultura, 1985.

SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL. Ministério dos Direitos Humanos. **Programa Brasil Quilombola**. Disponível em: <<http://www.seppir.gov.br/portal-antigo/comunidades-tradicionais/programa-brasil-quilombola>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre, RS: Editora de UFRG, 2009. un. 2. p. 31-41.

SPINDOLA, A. M. A. **A Cultura da Criança Quilombola**: leitura referenciada em estudo, relatos orais e imagens. 2008, 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 2008.

SOUZA, A. C. Imagens de memória/esquecimento na contemporaneidade. 2012, 200f. Dissertação (Mestrado em Artes da Escola e Belas Artes) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2012.

SOUZA, A. L. S.; VÓVIO, C. L. Desafios Metodológicos em Pesquisa Sobre Letramento. In: KLEIMAN, A. B. (Org.); MATENCIO, M. de L. M. (Org.). **Letramento e Formação do Professor**: Práticas Discursivas, Representações e Construção do Saber. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005, p.1-15.

TERRA DE DIREITOS (2016). **Justiça declara constitucional Decreto que regulamenta titulação quilombola**. Disponível em: <<http://terradedireitos.org.br/noticias/noticias/justica-declara-constitucional-decreto-que-regulamenta-titulacao-quilombola/21132>>. Acesso em: 09 mar. 2018.

ANEXO A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (TCLE)**Universidade Estadual de Ponta Grossa****Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação**

COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS

Av.: Gen. Carlos Cavalcanti, 4748 CEP: 84030-900 Bloco M, Sala 100

Campus Uvaranas Ponta Grossa Fone: (42) 3220.3108 e-mail: seccoep@uegp.br**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Você _____, está sendo convidado a participar da pesquisa Imagens e memória na CRQ-Serra do Apon: formas de narrar a vida tendo como pesquisador responsável **Suzimara Ferreira de Souza** (Mestranda) da Universidade Estadual de Ponta Grossa. O objetivo da pesquisa é o de compreender como constitui se a identidade cultural dos sujeitos pertencentes à CRQ - Serra do Apon a partir das imagens produzidas por esses sujeitos com base nas suas concepções de memória. Como material de análise para a pesquisa utilizaremos as imagens e as narrativas de sujeitos envolvidos nesse contexto.

A sua participação no estudo será de **fornecer por meio de narrativas orais, relatando fatos e acontecimentos relacionados à comunidade a fim de que esses possam ilustrar suas memórias. Ou ainda, disponibilizar imagens, fotografias ou vídeos, que represente do seu ponto de vista sua identidade ou suas memórias.**

Após as análises você será informado dos resultados desta pesquisa da qual participa. Sua participação é voluntária, portanto não receberá recompensa ou gratificação nem pagará para participar. Será garantido o livre acesso a todas as informações e retirada de dúvidas sobre o estudo, enfim, tudo o que você queira saber antes, durante e depois da participação na pesquisa. Você poderá deixar de participar do estudo a qualquer momento, sem apresentar justificativas e, também, sem prejuízo ou perda de qualquer benefício que possa ter adquirido, tendo também todas as dúvidas esclarecidas sobre a sua participação neste trabalho. Em caso de dúvidas, você poderá entrar em contato com qualquer um dos membros da pesquisa ou com a Comissão de Ética em Pesquisa da UEPG:

Nome do pesquisador**Suzimara Ferreira de Souza**

Rua: Júlia Wanderley, nº 777A – Centro - Ponta Grossa /PR

Telefone: (42) 99115624

Comitê de Ética em Pesquisa

UEPG campus Uvaranas, Bloco M, sala 100

Telefone: (42) 3220-3108.

Assinatura do convidado para a pesquisa

Assinatura pesquisador responsável

Assinatura pesquisador participante

Ponta Grossa, ____ de _____ de 2017.

ANEXO B- Comprovante de submissão do projeto ao comitê de ética em pesquisa da CAPES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
PONTA GROSSA - UEPG



COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A pesquisa intitulada Imagens e memória na CRQ-Serra do Apon: formas de narrar a vida intenta compreender como constitui se a identidade cultural dos sujeitos pertencentes à CRQ - Serra do Apon a partir das imagens produzidas por esses sujeitos com base nas suas concepções de memória. Como material de análise para a pesquisa utilizaremos as imagens e as narrativas de sujeitos envolvidos nesse contexto. Este suporte propiciará elementos para questionar como essas identidades estão sendo construídas, tal qual nos afirma Paul Ricoeur *“toda história é narrativa”*, logo, a partir da leitura das imagens e da análise do conteúdo das narrativas; orais ou visuais; compreenderemos o processo de formação social, política, econômica e cultural do contexto em foco. Toda imagem conta uma história, segundo Peter Burke, o que torna se possível pelas narrativas de memória que intercambiam o diálogo entre experiência e consciência. Essa pesquisa trata de uma comunidade com poucos registros de sua história e nos intriga o porquê da ausência de registros dessas narrativas, o porquê do silenciamento dessas vozes e dessas memórias no processo de construção histórica da região em que situa se essa comunidade.

Pesquisador: SUZIMARA FERREIRA DE SOUZA

Versão: 1

CAAE: 60101616.2.0000.0105

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Ponta Grossa

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 096187/2016

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Informamos que o projeto A pesquisa intitulada Imagens e memória na CRQ-Serra do Apon: formas de narrar a vida intenta compreender como constitui se a identidade cultural dos sujeitos pertencentes à CRQ - Serra do Apon a partir das imagens produzidas por esses sujeitos com base nas suas concepções de memória. Como material de análise para a pesquisa utilizaremos as imagens e as narrativas de sujeitos envolvidos nesse contexto. Este suporte propiciará elementos para questionar como essas identidades estão sendo construídas, tal qual nos afirma Paul Ricoeur *“toda história é narrativa”*, logo, a partir da leitura das imagens e da análise do conteúdo das narrativas; orais ou visuais; compreenderemos o processo de formação

Endereço: Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748. UEPG, Campus Uvararanas, Bloco M, Sala 100.

Bairro: Uvaranas

CEP: 84.030-900

UF: PR

Município: PONTA GROSSA

Telefone: (42)3220-3108

E-mail: coep@uepg.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
PONTA GROSSA - UEPG



social, política, econômica e cultural do contexto em foco. Toda imagem conta uma história, segundo Peter Burke, o que torna se possível pelas narrativas de memória que intercambiam o diálogo entre experiência e consciência. Essa pesquisa trata de uma comunidade com poucos registros de sua história e nos intriga o porquê da ausência de registros dessas narrativas, o porquê do silenciamento dessas vozes e dessas memórias no processo de construção histórica da região em que situa se essa comunidade. que tem como pesquisador responsável SUZIMARA FERREIRA DE SOUZA, foi recebido para análise ética no CEP Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG em 20/09/2016 às 08:21.

Endereço: Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748. UEPG, Campus Uvararanas, Bloco M, Sala 100.

Bairro: Uvaranas

CEP: 84.030-900

UF: PR

Município: PONTA GROSSA

Telefone: (42)3220-3108

E-mail: coep@uepg.br

ANEXO C- Certidão de Auto reconhecimento emitida pela Fundação Palmares



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
 MINISTÉRIO DA CULTURA
 FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES

Criada pela Lei n. 7.668 de 22 de agosto de 1988

Diretoria de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro

CERTIDÃO DE AUTO-RECONHECIMENTO

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, **CERTIFICA** que a **Comunidade Negra Rural de Castro, constituída pelas Comunidades Negras Rurais de Serra do Apon, Limitão e Mamans**, localizada no município de Castro, Estado do Paraná, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 004, Registro n. 295, fl. 02, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n.º 06, de 01 de março de 2004, publicada no Diário Oficial da União n.º 43, de 04 de março de 2004, Seção 1, f. 07, **É REMANESCENTE DAS COMUNIDADES DOS QUILOMBOS.**

Declarante(s): PROCESSO nº 01420.001617/2005-87

Eu, **Maria Bernadete Lopes da Silva** (Ass.)....., Diretora da Diretoria de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e a extraí. Brasília, DF, **14 de julho de 2005.**

O referido é verdade e dou fé

UBIRATAN CASTRO DE ARAÚJO
 Presidente da Fundação Cultural Palmares

SBN Quadra 02 – Ed. Central Brasília – CEP: 70040-904 – Brasília – DF – Brasil
 Fone: (0 XX 61) 424-0108(0 XX 61) 424-0137 – Fax: (0 XX 61) 326-0242
 E-mail: chefiadegabinete@palmares.gov.br <http://www.palmares.gov.br>

* "A Felicidade do negro é uma felicidade guerreira" (Wally Salomão)